# REVISTA DA SEMANA



## FRANCISCO ALVES VIVO

•

## QUADRILHEIROS versus EXÉRCITO



88 154

*Um perfume de grande distinção*





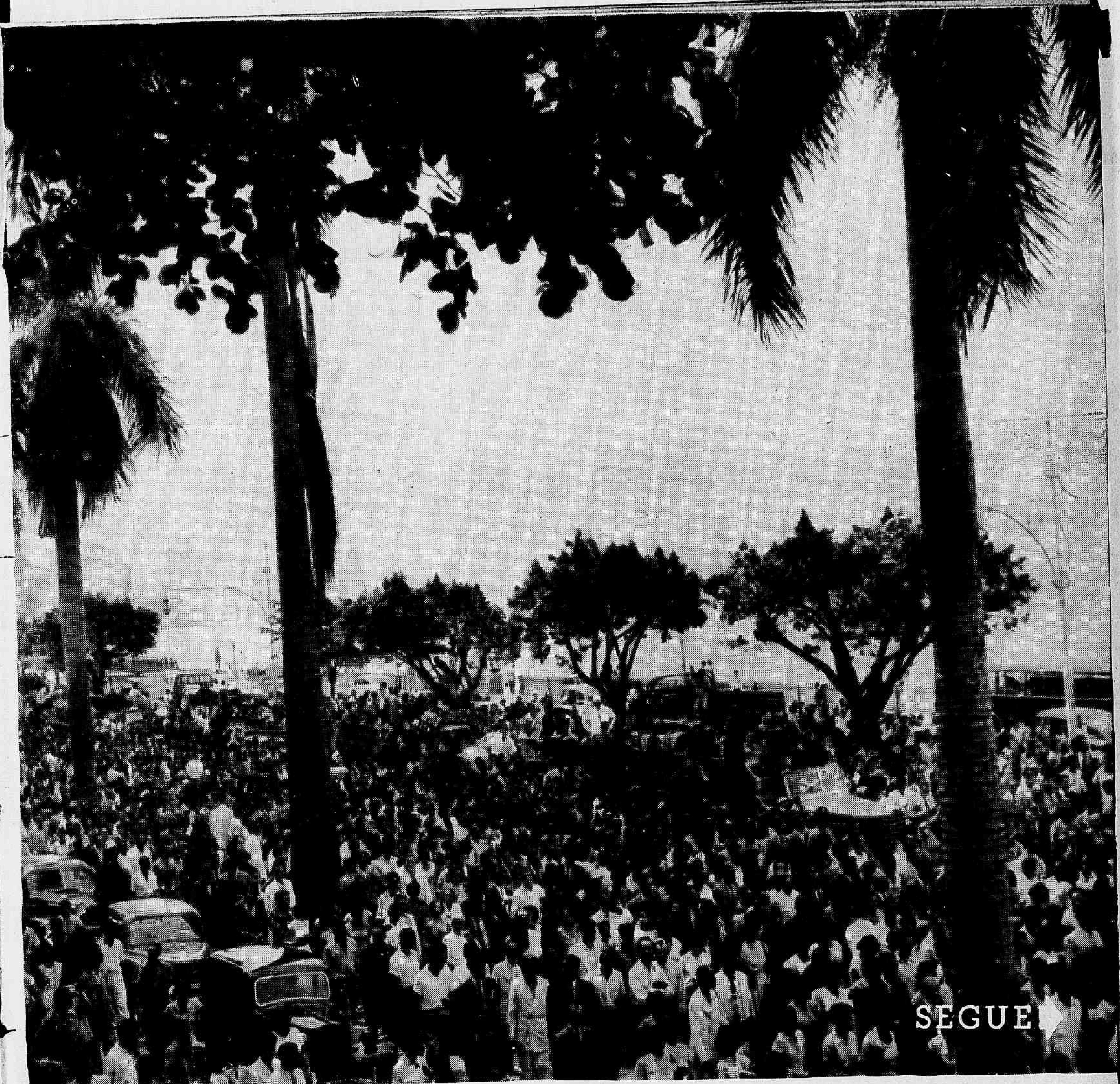


EXTRATO • LOÇÃO

EMBRUJO

DE SEVILLA

MYRURGIA


SEGUE

Estendendo-se pela Praia do Flamengo o povo seguia vagarosamente o ataúde com os restos mortais de Francisco Alves, na longa caminhada da Praça Floriano — onde fica a Câmara de Vereadores do Distrito Federal — ao cemitério de São João Batista, como última homenagem.

# FRANCISCO ALVES vivo!

VIVO NO CORAÇÃO DO POVO ★ O DESFILE ATÉ O CEMITÉRIO DE S. JOÃO BATISTA ★ TRAÇOS DA VIDA DE FRANCISCO ALVES ★ CHICO E O FOGO ★ CHICO E O SOFRIMENTO ★ EM BUENOS AIRES, GARDEL E CHICO ★ SUA CANÇÃO PREDILETA ★ O SAMBA NÃO NASCEU NO MORRO ★ EM S. PAULO O SEU VIOLÃO ★ CÉLIA ZENATTI CONTARA SUA VIDA PARA A "REVISTA"

**Reportagem de ALTAMYRO PONCE**

*Chico Alves vivo! O título desta reportagem evidentemente não poderia ter o sentido sensacionalista de anunciar nenhuma ressurreição, nem, infelizmente, nenhum tremendo engano descoberto, que nos pudesse trazer a todos a inaudita alegria de vê-lo na realidade vivo, entre nós, depois do tremendo desastre que arrebatou sua vida e sua voz ao carinho de milhões de criaturas. Chico Alves vivo,, porque na memória de um povo inteiro êle assim o está e no coração dos brasileiros, que lhe renderam e continuam a render preitos apoteóticos, como ninguém jamais os recebeu no Brasil. Chico Alves vivo? Sim porque aqui evocaremos, ao desenrolar ainda cenas do desfile do povo carioca, a levá-lo à sua última morada, episódios de sua vida, contados por pessoas que com êle privaram e todos unânimes em exaltar o coração imenso do grande cantor, cuja voz — êle mesmo o dizia — se modulara na dor.*

Fotografias de ALBERTO FERREIRA, STENIO OZORIO e SIMÕES

# FRANCISCO ALVES, VIVO



**Foi indescritível a dor do povo diante do esquife do grande cantor popular Francisco Alves, como se pode ver por esta jovem que se mostra inconsolável, aos soluços.**



**Um trecho da Praia do Flamengo ao entrar o inesquecível seresteiro — Francisco Alves —**

CONHECI Francisco Alves há mais de 30 anos. Melhor diria, vi Chico Alves e soube quem êle era, há mais de trinta anos, por volta aí de 1919, eu um rapazola e êle um pouco mais velho do que eu. Foi no Teatro S. José, da emprêsa Pascoal Segreto, que, àquele tempo, levava revistas de enorme sucesso, como o famoso «Forrobodó de massada», que celebrizou o Alfredo Silva.

Estrêlas conhecidas, entre outras, eram, na ocasião, Nair Alves, uma morena bonita, de olhos muito negros, irmã de Francisco Alves, e também Célia Zenatti, que se uniu, desde então, até à morte, ao que viria ser o grande cantor e o Rei da Voz.

## O IRMÃO DE NAIR ALVES...

Nunca ouvíramos falar em Francisco Alves e, garôto, mais interessado nas piadas das revistas e nas reviravoltas das estrêlas e coristas — estas ainda não eram chamadas «girls» — confesso que me aborrecia, quando num intervalo dum quadro para outro, abria-se a cortina e um rapazola, trazendo numa das mãos uma cadeira austríaca, daquelas de palhinha, usadas então em nossos cafés, e na outra um violão, sentava-se, pigarreava e começava a dedilhar e a cantar modinhas nossas.

— Quem é êsse camarada?

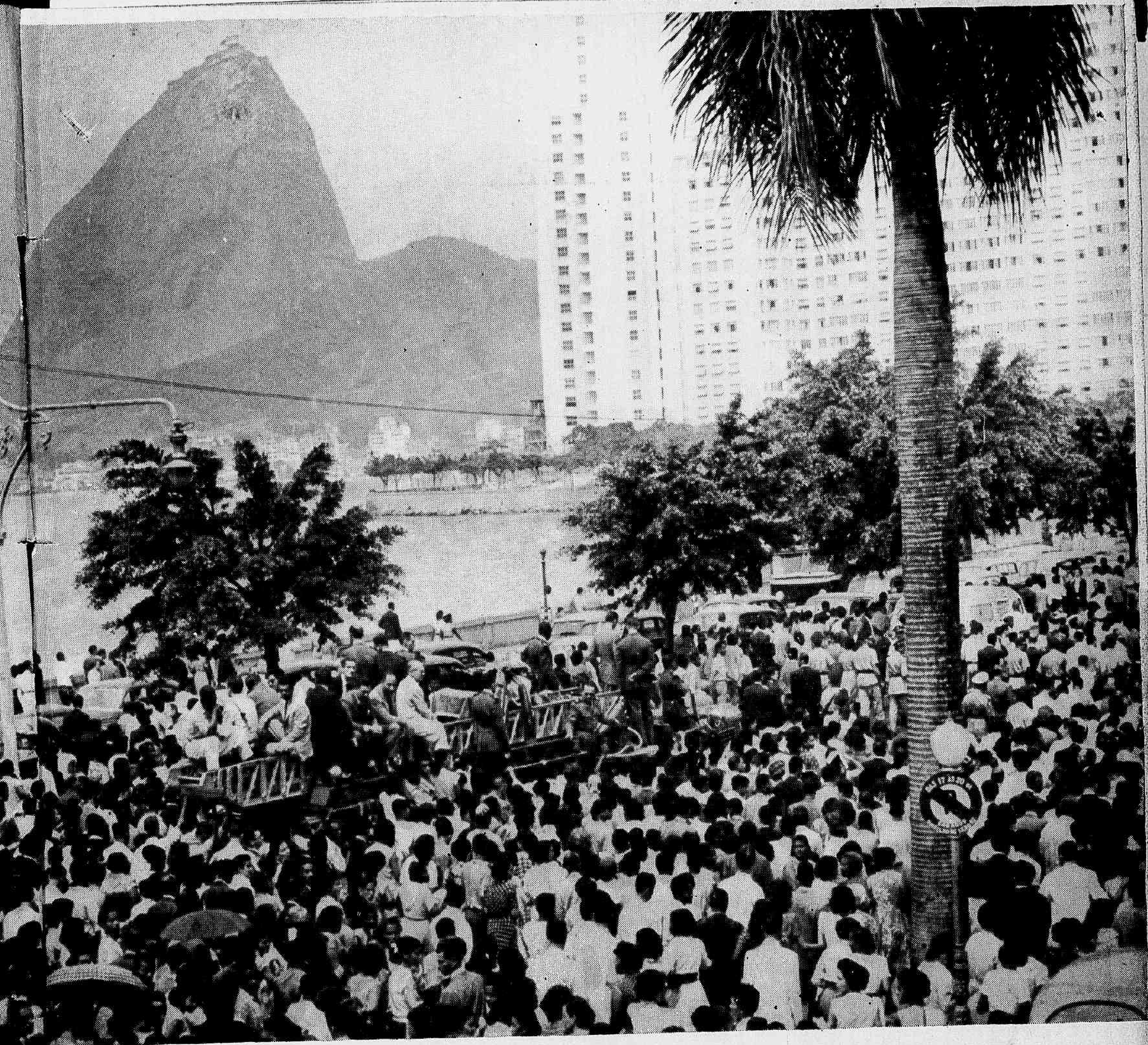
— E' um irmão da Nair Alves, um tal de Chico Alves.

Importante era a irmã, mais tarde falecida quando já retirada da cena, estando Francisco Alves já no seu grande trono de Rei da Música e da Canção Popular do Brasil.

★

Uns 13 anos depois, em 1931, conheci pessoalmente Chico Alves. Era eu sócio, nessa ocasião, do Cine

**Dircinha Batista não conteve uma furtiva lágrima e chorou com o povo o desaparecimento trágico da melhor voz popular do nosso país.**



**cortejo fúnebre na Avenida Osvaldo Cruz, seguido por uma multidão incalculável. E a cidade se despedia do seu cantor máximo, do seu vestindo-se a própria Natureza com um véu cinzento-escuro, como se também quisesse manifestar sua desolação pela irreparável perda**

Teatro Eldorado e do Broadway, hoje o Capitólio das sessões passatempo. Costumávamos apresentar nessas duas casas de espetáculos, além de extraordinários números de variedades, os mais eminentes artistas do nosso teatro e do nosso rádio.

Às vésperas do Carnaval os «shows» do Eldorado obtinham sucesso retumbante, pois nêles tomavam parte Carmen Miranda, Chico, Mário Reis, Almirante, Ari Barroso, Lamartine Babo, Noel Rosa, Sílvio Caldas e tantos outros. Na orquestra, que se exibia no palco, figuravam nomes como os do pianista Nonô, o saxofonista Americano, Tute e Luperce, com o seu banjo e o seu bandolim.

Chico Alves era um artista cônscio dos seus deveres. Organizado e organizador. Quando atuava em nossos «shows», entregávamos-lhe a direção do espetáculo. Era exigente, com os seus companheiros, quanto aos ensaios. As apresentações decorriam perfeitas, graças à sua cooperação.

Era um profissional, na verdadeira acepção da palavra. Sabia do seu próprio valor e dêle tirava o máximo proveito. Se lhe pagavam o que queria, empenhava-se ao máximo para agradar à Emprêsa e ao seu público.

Durante trinta anos de rádio nunca chegou atrasado um minuto sequer para os ensaios e programas.

CHICO E O FOGO

Certa vez, com sua coragem e presença de espírito, Chico Alves evitou um incêndio no Eldorado.

Era um domingo, à noite. O teatro regorgitava, completamente lotado, havendo pessoas por todos os cantos.



**Os bancos da Praia de Botafogo não chegavam para ajudar aos que desejavam ver a passagem do préstito fúnebre em direção a S. João Batista.**

# FRANCISCO ALVES VIVO!



**O carro do Corpo de Bombeiros conduzindo os restos mortais de Chico Alves ao campo santo de Botafogo, a necrópole de São João Batista. Sôbre o esquife do grande cantor popular, vê-se a original coroa mortuária oferecida por Silvino Neto: grande violão feito de flores.**

Eu havia mandado bater uma chapa daquela multidão, para utilizá-la como propaganda.

O fotógrafo, porém, — era no tempo em que havia necessidade da explosão de magnésio — agiu de maneira desastrada, ateando fogo à cortina do palco.

Chico viu, num momento, a extensão do perigo. Gritou para a orquestra: — «Continuem a tocar!» e, incontinenti, atirou-se à cortina e com o pêso do seu corpo, e, nessa altura já ajudado pelos seus companheiros, puxaram-na com fôrça, fazendo-a despencar, abafando as labaredas com os seus paletós e com a sola dos sapatos.

O público ficara em pé, em expectativa. Verificando não haver mais perigo, prorromperam em aplausos entusiásticos ante aquêle espetáculo fora do programa.

Não fôsse a presença de espírito do Chico, que catástrofe seria! Quem poderia evitar o pânico daquela multidão? Curioso — alguns anos depois — o Eldorado pegou fogo mesmo.

(Cont. na pág. 54)



**Muita gente — não suportando a longa caminhada — aliviava os pés, descalçando-se.**



**O tráfego ficou perturbado e interrompido na zona sul, durante a passagem do cortejo fúnebre, só permitindo vazão pelo lado do Catete, como vemos neste trecho do Flamengo.**

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 42 ★ 18-10-52

# SUMÁRIO

REPORTAGENS

Frandisco Alves, vivo (Altamyro Ponce) 3/ 6 e 54/57
Também se discute cinema .......... 11/13
O novo campeão dos mares .......... 27/29
O último amor de Maria Luísa ...... 32/34
Quadrilheiros versus Exército ........ 41/44

LITERATURA

Abismo à vista (Generoso Ponce Filho) 7
A senhora deputada (Wenceslau Rosas) 23
A Semana Literária (Edmundo Lys) .. 39

SEÇÕES PERMANENTES

A Revista há 50 anos .............. 8
A semana em revista .............. 8/ 9
A personagem da semana (Ayres da Câmara) .................. ?
Puxe pelo cérebro .................. 1?
Lido... visto... ouvido (Jim) ....... 20/21
Conta-me teus sonhos (Maria Paula) 20
Passatempo (Renato Cartaxo) ....... 40

ROMANCE

Um Príncipe em minha vida (Michel Davet) ...................... 24/25

FOLHETINS

Arabele .......................... 49
Filho, meu filho .................. 52/53

FEMININAS

Essa Shiaparelli ..................... 26
A moda para 1953 ................. 35/36
O verão vem aí ..................... 37/38
A saúde do bebê (Saboia Ribeiro) .. 50
À luz da psicanálise (Dr. Luiz Fraga) 51

CURIOSIDADES

A vida de Noel Rosa ............... 14/16
Mãos ao alto ........................ 30/31
Oh! mulheres, mulheres! ............ 17

CARICATURA

Êste mundo e o outro (Darcy) ....... 10

CAPA

Lia Amanda (Foto Luxardo)

# ABISMO À VISTA

TRÊS discursos, proferidos por três eminentes brasileiros, de diversa formação e a curto espaço de tempo, trazem o denominador comum da insatisfação geral sôbre as coisas do país e o mesmo grito de alarma prenunciando perigos iminentes para a Pátria. Os oradores? Artur Bernardes, Getúlio Vargas, Euvaldo Lodi. Um ex-presidente da República, o presidente da República e um que bem pode ser um dia presidente também.

O primeiro, ao deixar sua cadeira na Câmara Federal, encerra uma Convenção Nacional do Partido Republicano, que tem as responsabilidades do bem e do mal que se fêz nas três primeiras décadas republicanas, dizendo que «em face do descalabro reinante no país, constituindo verdadeiro impasse, do qual ainda não sabe como sair-se» acha oportuno «pedir aos demais partidos, à imprensa e aos brasileiros de todos os matizes que se congreguem em tôrno de uma campanha de regeneração nacional, uma união em tôrno de idéias e não de homens, a fim de pouparmos maior desgraça à nação e evitarmos o sepultamento das liberdades públicas.»

O segundo — o presidente Getúlio Vargas — em seu último discurso, de 3 de outubro, reiterando o convite aos Partidos para uma união, assume com a Nação solenissimo compromisso, pois afirma não haver clima para aventuras costumeiras em certos países sul-americanos. E, alarmado com a situação do país, propõe sérias modificações em nossa organização administrativa — uma profunda e radical transformação, chamada pelos comentaristas, uma reforma de base e para cuja execução conclama os brasileiros todos, de maneira quase patética. E a exposição que faz sôbre o estado, especialmente da máquina administrativa, obsoleta e que não acompanhou, segundo êle, a marcha do desenvolvimento rápido do país, entremostra tremendos perigos, se remédio pronto e eficaz não fôr proporcionado.

E o terceiro — the last but not the least — o do presidente da Confederação das Indústrias, não lhe dá menor autoridade que a de representante da nação, na Câmara, num vigoroso improviso na Bahia declarou: «O Brasil está ameaçado de ser fraturado ao meio. Sua unidade territorial, política e econômica corre graves perigos.»

O Brasil, disse o orador, «se encontra em presença do seguinte dilema: dominar as riquezas de seu país, conduzindo-o à completa libertação econômica ou perecer, assistindo ao desmembramento do território da Pátria, legada pelos nossos maiores.»

Nesta mesma página, assinalamos, no artigo «Mêdo de ser grande», que nunca, como hoje, se justificava a advertência de Euclides da Cunha: «estamos condenados à civilização, ou progredimos ou desaparecemos». E ousamos acrescentar ou progredimos **depressa**, ou desaparecemos, em face da realidade mundial nos dias que correm.

Os três discursos, repetimos, têm o mesmo denominador comum: a insatisfação dos patriotas pelo que aí está. Vozes autorizadas estão alertando a nação para os perigos sérios que nos ameaçam. Cruzada de regeneração, como prega um, reestruturação administrativa, como indica o chefe da Nação, industrialização intensiva e renovação dos atuais processos agricolas, como o terceiro — são caminhos, não há dúvida, que nos ajudarão a evitar o abismo por todos vislumbrado. E a união nacional — acima das questiúnculas, o ambiente imprescindível para o tremendo tentamen.

Êsse, porém, é realmente ciclópico e complexo e não serão soluções unilaterais ou simplistas que bastarão. Os problemas da prática, como dizia o grande Alberto Tôrres, não se isolam singularmente no espaço e no tempo, êles se entrosam e se subordinam uns aos outros.

Oxalá as preconizadas comissões interpartidárias se constituam de homens que hajam meditado e estudado nossos problemas com visão de sociólogos, «doublés» de espíritos práticos e realizadores — isto é, como verdadeiros estadistas.

GENEROSO PONCE FILHO

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

| | |
|---|---|
| Porte simples — Um ano | Cr$ 200,00 |
| Seis meses | Cr$ 100,00 |
| Registrada — Um ano | Cr$ 230,00 |
| Seis meses | Cr$ 120,00 |

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

| | |
|---|---|
| Registrada — Um ano | Cr$ 350,00 |
| Seis meses | Cr$ 180,00 |

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na Capital a cargo da Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569

Redator-chefe
GENEROSO PONCE FILHO

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Desenhos de
ALBERTO LIMA

Redator-Chefe de Publicidade: J. M. COSTA JÚNIOR

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA
Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

Diretor
GRATULIANO BRITO

Assistente
RENATO DE ALENCAR

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 60 páginas.

TELEFONES:
Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 22-2550

# A Semana

## A REVISTA há 50 anos

19 de outubro de 1902

### CHRONICA

O estado miserando das ruas e praças da nossa capital, da architectura indigente dos seus edificios, do aspecto desolado de seus jardins, da falta absoluta de regulamentação dos serviços municipaes, ou, melhor, do não cumprimento dos muitos regulamentos, capitulos, titulos e paragraphos de que anda inçado o papelorio administrativo, grande senão a maior culpa cabe à nossa indisciplina e provém do desconfiado egoismo com que encaramos a prosperidade alheia. O pensamento de que alguem pode lucrar vantagens dos melhoramentos com que nos dota basta para tirar-nos o desejo de os possuirmos. É assim a inveja: tudo pretere, a tudo se sujeita, mesmo à miséria, comtanto que nenhuma espiga sobreleve às outras no vasto cential rachitico e enfezado. Nem maior talento nem maior fortuna. A democracia da impotencia: não comer nem deixar comer.

Porque será?! Largos contos de psychologia que nos levariam muito longe e talvez acabassem por nada concluir. O facto, porém, existe e, na sua existencia, leva-nos à paralysia de toda a civilisação.

Mas que espera o indigena do estrangeiro, porque é quasi sempre estrangeiro o capital que se abalança a taes commettimentos, quando elle se resolve a olhar para as nossas bandas? Queriam que elle perdesse? Que de mão beijada nos presenteasse com o conforto e a belleza? E porque? Pelos nossos lindos olhos? Pelo nosso clima? Pela nossa hospitalidade? Pela serie de razões moraes ou affectivas? Que candura ou que cegueira! Quem, dispondo de recursos, deixa a brandura dos climas europeus, a tepida meiguice das costas do Mediterraneo ou do Atlântico, a requintada cultura das cidades da zona temperada e civilisada, só o faz attrahido por uma cifra de interesses visivelmente maior e é caso para agradecer à Providencia quando a nós, e não a outros, resolve consagrar a sua actividade e meios de acção.

Não o entende assim o nosso egoismo maldoso: por isso para as republicas platinas e, em especial, para a Republica Argentina, se desviam os grandes capitaes europeus, por isso a nossa capital, tão provida de bellezas naturaes, estaciona ou retrograda. Nós não queremos que os plutocratas ganhem dinheiro comnosco e muito menos que o ganhem às claras em negocios limpos. E tão habituados andamos a só ver prosperar as negociatas encaminhadas pelas boccas escusas que acabamos por desconhecer os empreendimentos patrocinados pela lealdade e pela boa fé. — **JACQUES BONHOMME.**

### RECEBEMOS:

— **O n. 1 d'O** Sportsman, **elegante revista quinzenal que em São Paulo começou a publicar-se no dia 12 do corrente como orgão do Club de Esgrima. Além de bellas poesias e artigos relativos ao sport a que se dedica, traz em nitidas photogravuras os retratos de esgrimistas que se notabilisaram no club de que é orgão.**

— **O n. 9 da** Vesper, **revista literaria mensal, que se publica em São Paulo sob a redacção dos Srs. Ernestino Lopes da Silva e Francisco P. Loreto.**

— **O n. 1 do IV anno da magnifica revista** Der Haus Freund **semanalmente publicada em São Paulo. Além de uma saudação em versos aos seus leitores, com que abre esse numero, traz interessantes artigos sobre varios assumptos.**



*SÃO LUIZ DO MARANHÃO, PRAÇA DOS REMEDIOS — Estatua de Gonçalves Dias e Egreja de N. S. dos Remedios, em construção.*

## O 29 de Outubro

TODOS os anos surge esta questão: Deve-se, ou não, comemorar o «29 de outubro»? O assunto recebe votos pró e contra, destacando-se o que se desenrola sempre nos legislativos, desde as mais modestas Câmaras de Vereadores do sertão, até à nossa Câmara Alta, o circunspecto Senado Federal. A imprensa, cronistas, historiadores, comentaristas políticos dão suas penadas. No final a gente fica sabendo que uma comemoração como a de que nos ocupamos é um «buraco» cavado na estrada de quantos palmilham as vias que conduzem à amizade oficial. O «29 de outubro» pode ser uma data festiva para o Exército, para o Povo, para a Democracia brasileira; mas o diabo é que sua vítima foi o Sr. Getúlio Vargas, atual Presidente da República. A data que se quer festejar constitui um ato violento de deposição do ex-ditador. Ninguém se levantou para defender-lhe a posse do Catete, embora estivesse êle no Guanabara, como também estivera Washington Luís num 27 de outubro de 1930. Ora, em casa de enforcados não se deve falar em corda. Todo mundo fica constrangido. Como é que se vai falar em «29 de outubro» em pleno govêrno constitucional do Sr. Getúlio Vargas? E notem: a antiga Avenida Suburbana foi rebatizada com o nome de «29 de outubro», mas a Prefeitura, logo que Getúlio assumiu o poder, retirou aquela placa incômoda e restaurou o nome primitivo. Vamos mudar de conversa?




## Almas do outro mundo



**NÃO há quem não saiba de coisas de assombrações. Todos os meninos ouvem histórias de arrepiar cabelo, e, quando ficam adultos, pais de família, vão repetindo o que ouviam de seus maiores. E sempre acrescentam alguma coisinha para tornar mais sensacional a narrativa. Dentre as histórias de almas do outro mundo, uma apareceu agora que pode ser classificada com grau dez. O episódio veio narrado num dos recentes números do «Jornal do Comércio» do Rio, através de telegrama da Asapress, de João Pessoa. O fato se passou assim: «O Sr. João da Silva, Chefe da Seção dos Correios e Telégrafos da capital paraibana, tomou um ônibus das 22 horas e que faz o percurso da Estação passando por uma praça fronteira ao cemitério. No veículo viajava uma mulher vestida de prêto, com a qual o Sr. João se engraçou. A mulher lhe sorriu amàvelmente, sem lhe dirigir a palavra. Animado, o passageiro não desceu onde devia, e continuou a alimentar as esperanças de uma aventura galante. Próximo ao cemitério, ela lhe acenou para que descesse, e fêz o mesmo. Andaram uns passos, e, chegados diante do portão do campo santo, ela falou com uma voz pavorosa: «Reze por minha alma». E desapareceu. João da Silva deu uma carreira atômica em direção da cidade, indo cair exausto próximo à Rua da República. Uma ambulância o apanhou e o pobre postalista se acha com sintomas de alienação. Rezem por êle, também...**

# Em Revista

## O espólio de Chico Alves



NÃO se sabe ainda se o famoso cantor do povo brasileiro deixou inventário. Se não o fêz, o seu desaparecimento trágico veio complicar o processo de sua sucessão perante os possíveis herdeiros de seus bens e a presença da espôsa meeira. Todos sabem que Francisco Alves se separara da mulher legítima, unindo-se a uma outra com a qual viveu em estado de casado pelo longo espaço de 31 anos. Não tendo sido terminado o processo de desquite, os direitos da legítima espôsa não sofreram qualquer «capitis diminutio», como dizem os senhores causídicos. Mas, e as doações feitas pelo falecido à mulher com quem vivia? Essas liberalidades serão anuláveis? De certo. Se pelo Código Civil até as cláusulas beneficiárias do seguro de vida podem ser anuláveis dentro de dois anos após a morte do segurado, quando êste realiza seguro em favor de pessoa que esteja legalmente inibida de receber o favor, que se não dirá em casos como êste de Chico Alves, com flagrante prejuízo do patrimônio do casal unido pela comunhão de bens? Poderá argumentar-se que êle estava separado da mulher legítima desde 1920. Sim, mas a lei não reconhece apenas «por ouvir dizer». O vínculo conjugal não foi desfeito pelo processo jurídico aplicado ao caso, o desquite. Houve separação de corpos por abandono do lar, briga entre cônjuges, assunto de natureza particular, mas o vínculo jurídico entre ambos persistiu. A questão promete sensacionalismo.

## Registro de Jornalista

O jornalista profissional, isto é, aquêle que vive da pena, mereceu do Estado regalias que atraem as atenções de muita gente, que, não sendo da imprensa, nela figura como «achego», complemento de outras atividades mais importantes e rendosas. Daí, o verificar-se, de ora em quando, pedidos de registros no Ministério do Trabalho, de pessoas que, de maneira alguma, podem ser inscritas como tais. Foi o que se verificou há poucos dias. Tendo certo candidato à profissão de jornalista, baseado no art. 313 da Consolidação das Leis do Trabalho, requerido sua inscrição como jornalista «não profissional», teve sua pretensão deferida pelo Departamento Nacional do Trabalho, e encaminhado o processo ao Ministro Segadas Viana. Éste, porém, examinando o assunto, proferiu o seguinte despacho: «A profissão de jornalista, pela sua responsabilidade na formação da consciência política e na educação do povo, mereceu do Estado especial amparo, quer com a fixação de um salário profissional, quer com a concessão de vantagens especiais pelo poder mais alto da nação, que foi a Assembléia Constituinte. Reservou-se o Estado, por tudo isto, o direito de só conceder o registro como jornalista, e, portanto, à percepção de tão grandes favores legais, a quem, real e indiscutivelmente, esteja no exercício da profissão. No caso não há essas provas, pelo que indefiro o pedido, nos têrmos do parecer do SIP». Muito bem.



## A PERSONAGEM da SEMANA



ENTRE tantos acontecimentos políticos retumbantes, entre a chegada de madame Schiaparelli, a famosa costureira de Paris, escolhemos como Personagem da Semana êste bravo rapaz brasileiro, Ayres Câmara da Cunha, que veio à nossa civilizada metrópole lutar pelo ideal de poder casar com uma formosa índia da tribo dos Kalapalos, por quem se apaixonou. Pelo amor da sua bronzeada deusa, êle se propõe deixar, se preciso fôr, o convívio dos civilizados. «Viverei com Diacui eternamente entre os Kalapalos» — declarou êle à nossa reportagem. E REVISTA DA SEMANA, no próximo número, publicará interessantes declarações do destemeroso patrício, de sua noiva e de sua tribo, nos trajes paradisíacos em que vivem, longe da malícia dos brancos e da sua discutidíssima moral.


**Desânimo**
**Abatimento**



Desânimo, abatimento, mau humor, palpitações, ansiedade, excitações nervosas, dôres de cabeça e outros distúrbios mais sérios da saúde podem ser causados pelas inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Quando êstes órgãos não funcionam normalmente, o gênio da mulher altera-se quase sempre, e ela pensa, não raro, que está sofrendo de muitas doenças, sem desconfiar, nem se lembrar, que os seus males podem ser provenientes de congestões e inflamações útero-ovarianas.

Em semelhantes casos, uma bôa medicação descongestionante exercerá efeito salutar sôbre todo o organismo, e a mulher sentir-se-á outra: reanimada, bem mais disposta e contente com a vida, que lhe parecia, antes do tratamento, um pesado fardo.

**Trate-se**
**Use *Regulador* Gesteira**

*Regulador* **Gesteira** é o remédio de confiança para tratar as congestões e inflamações dos órgãos útero-ovarianos, que tão desfavorável repercussão costumam ter no sistema nervoso.

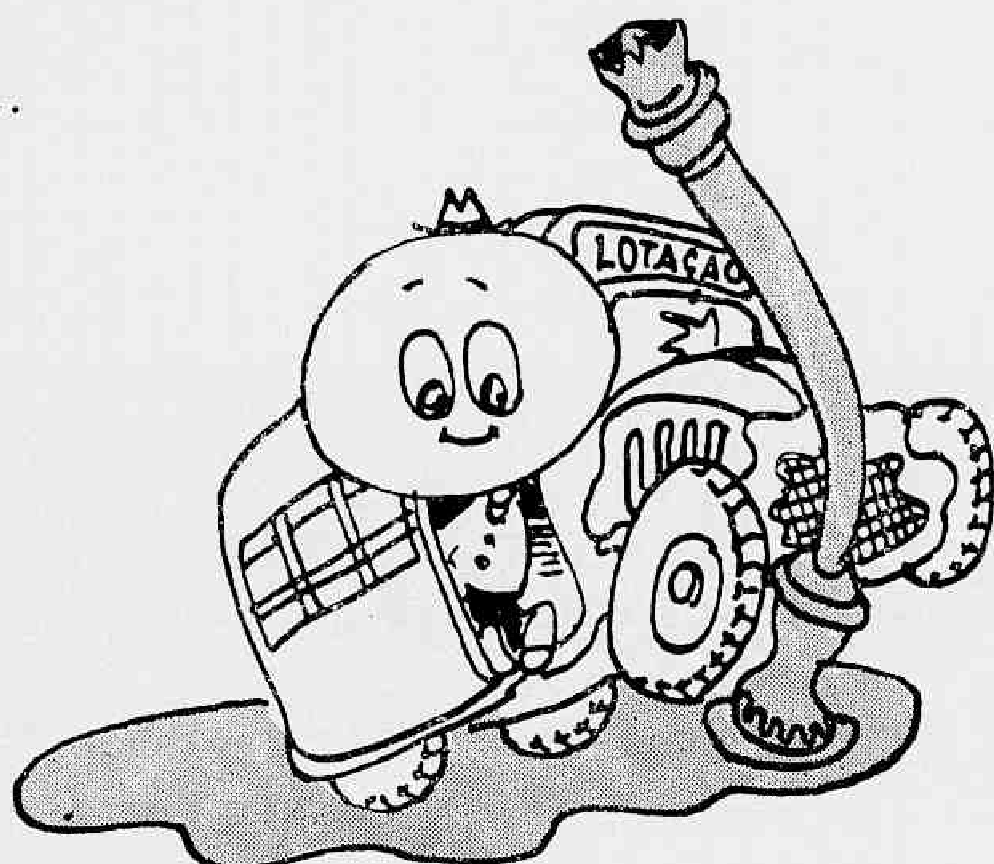
**Comece hoje mesmo**
**a usar *Regulador* Gesteira**

# ESTE MUNDO E O OUTRO

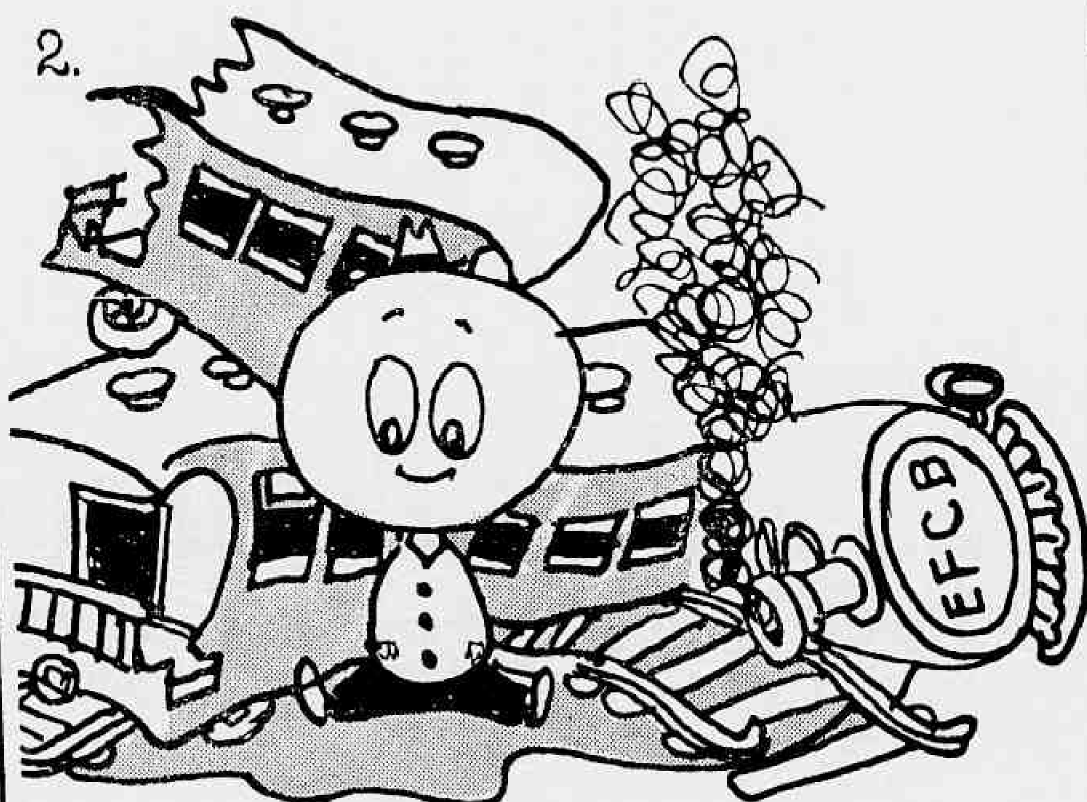
Criação de DARCY

## O HOMEM QUE TINHA SORTE...

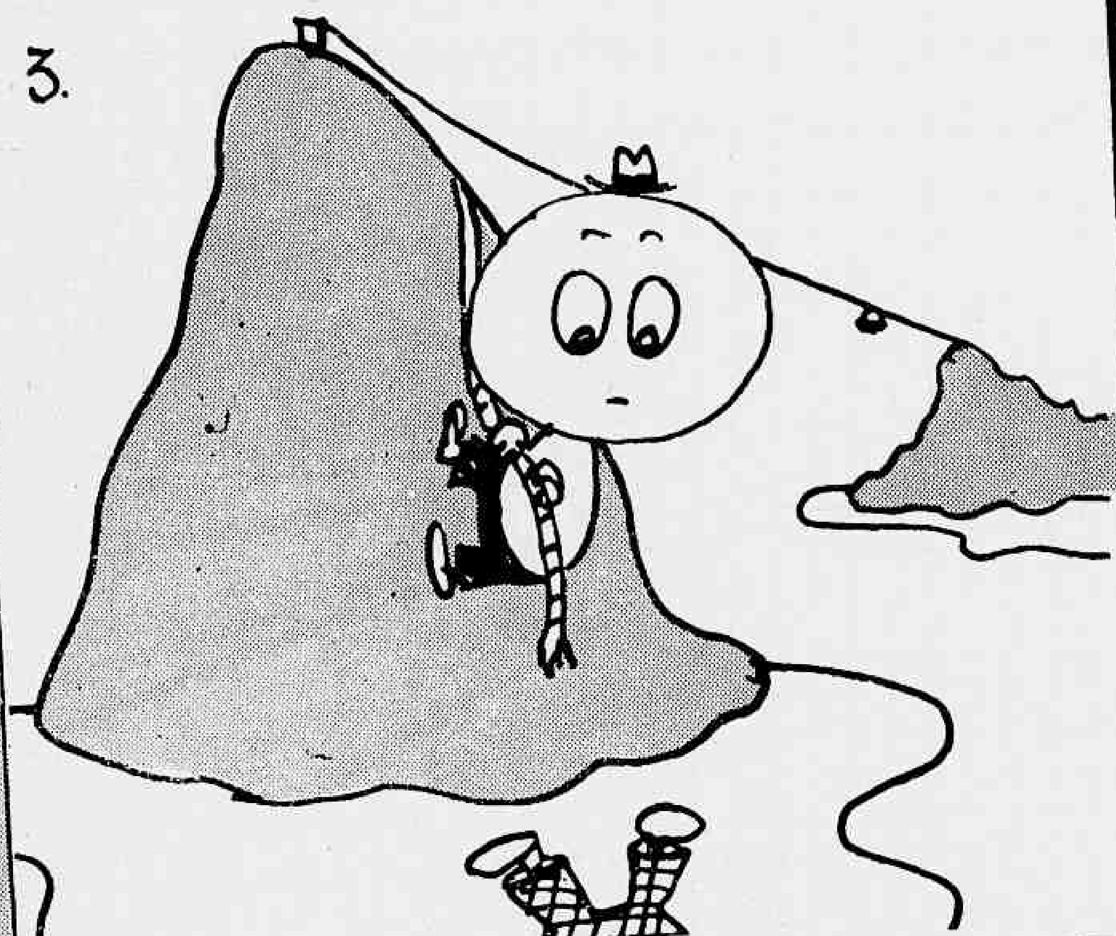
1.



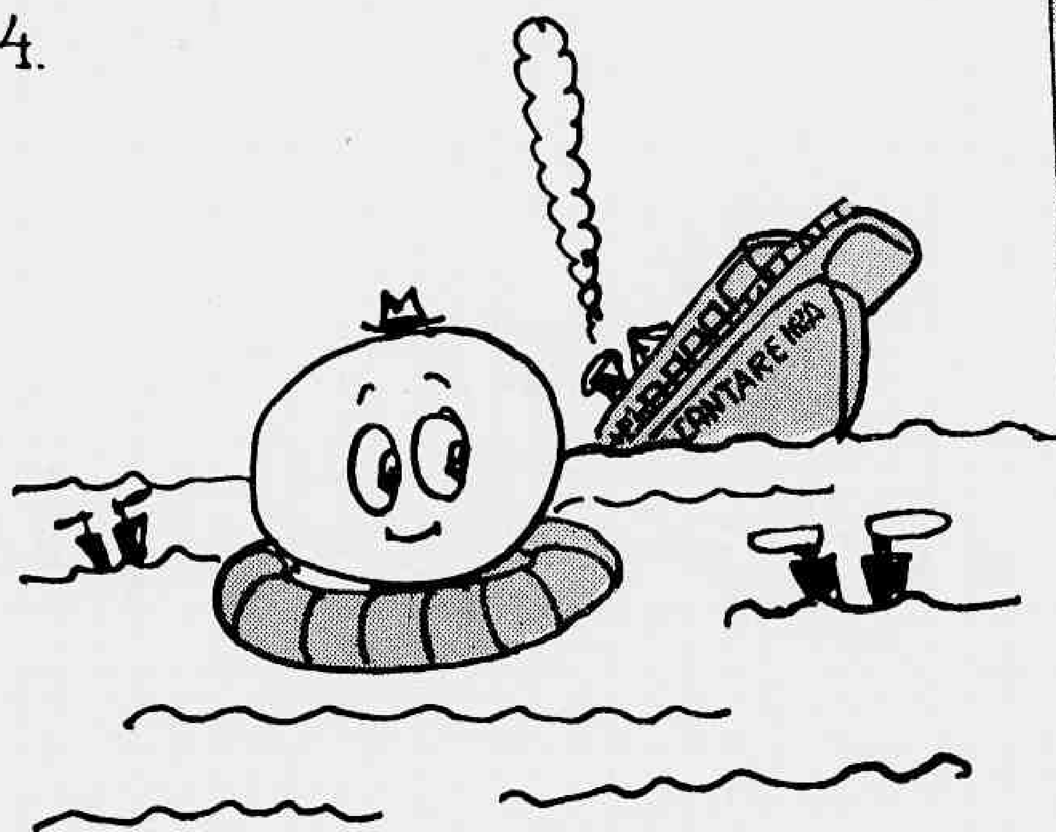

2.



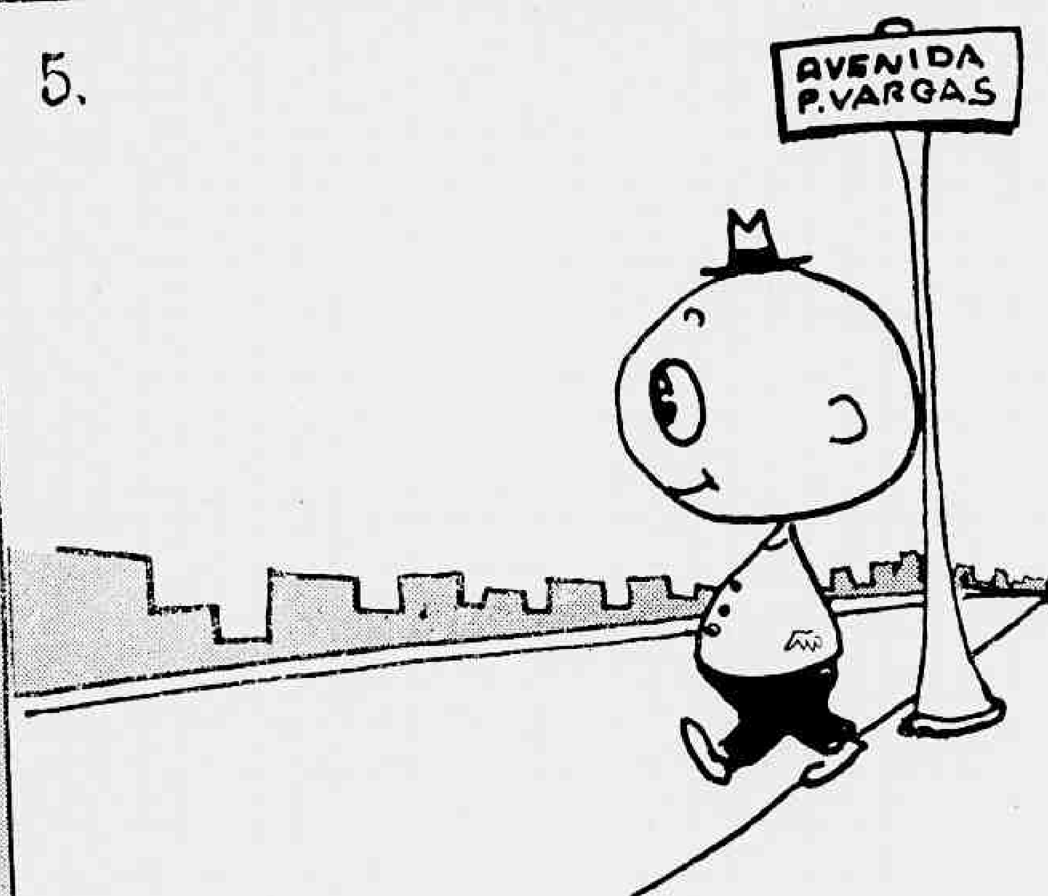

3.



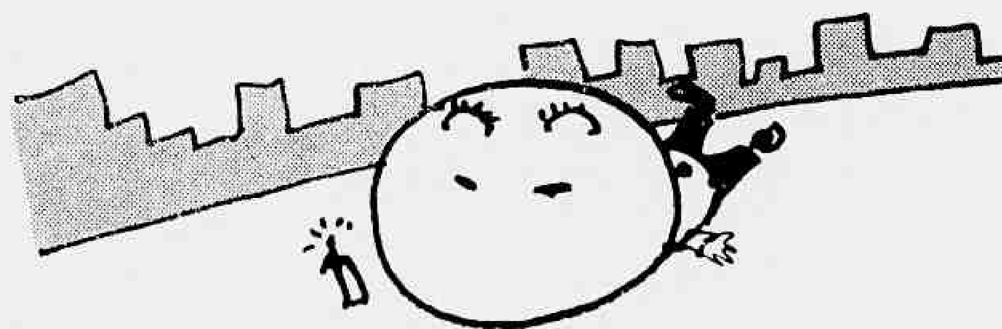
4.



5.




6.



**ASPECTO DA INAUGURAÇÃO do I Congresso de Cinema Brasileiro, quando falava o senhor Moacyr Fenelon. Ao lado: — o congressista e cronista Danilo Ramirez quando fazia uso da palavra atacando violentamente a crítica (êle um crítico...).**

# TAMBEM SE DISCUTE CINEMA

UMA SEMANA DE AGITADOS DEBATES ENTRE HOMENS DE CINEMA DO BRASIL ★ QUANDO SE DEFINE UM FILME NACIONAL ★ INSTITUTO NÃO, MAS SIM CONSELHO, EIS A FÓRMULA PAULISTA ★ A CRÍTICA ESTÊVE NA BERLINDA

DURANTE uma semana, de segunda-feira, dia 22, a domingo, 28 de setembro p.p., no auditório do IPASE, estêve reunido um bom número de homens de cinema brasileiro em um conclave que levou o pomposo título de I Congresso Nacional do Cinema Brasileiro. Comparecimento de delegações de vários Estados e assistência sempre vibrante de curiosos e interessados nas sessões plenárias noturnas. Técnicos, atores, diretores, etc., discutiram muito, e se os resultados do Congresso não chegarem a ser satisfatórios, pelo menos o conclave foi uma boa oportunidade para se agitar, movimentar, o assunto sempre vibrante que é o cinema nacional.

FALAM OS CONGRESSISTAS — O ator José Lewgoy, um congressista agitado e vigilante, assim se expressou:



**MODESTO DE SOUZA** — Contra os «abacaxis» estrangeiros (?...)



**ALEX VIANY** — Deve existir muito rigor sôbre os direitos autorais.



**MESQUITINHA** — Bôca-de-siri nas sessões plenárias do Congresso.



**FERNANDO DE BARROS** — Um português contra os estrangeiros.



**TECNICOS, TRABALHADORES DE CINEMA e curiosos lotaram o auditório do I.P.A.S.E na sessão inaugural do Congresso**

— «O momento é oportuno para um conclave desta natureza. Não é segrêdo que a grande maioria do público prefere o filme nacional. Entretanto, há um grande desequilíbrio entre a preferência popular e a qualidade do produto apresentado. Apurar as causas dêsse desequilíbrio é, no momento, um dos objetivos mais importantes do Congresso. Por outro lado, o Congresso sintetiza as aspirações do grande número de trabalhadores do cinema, tendo em vista que talvez dêle resulte a criação do sindicato; o que por si só justificaria a realização do Congresso.»

Uma atriz, a simpática Vera Nunes, foi mais sintética:

— «Grande iniciativa, com o fim de reunir todos os trabalhadores do cinema para a melhoria de nossa produção. Por mim, estou trabalhando àrduamente.»

Fernando de Barros, produtor e chefe da delegação paulista, afirmou:

— «O I Congresso Nacional do Cinema Brasileiro realiza-se no momento em que todo o país discute o problema do cinema brasileiro. Não obedece, pois, à vontade nem aos interêsses de ninguém, mas, sim, ao imperativo de se tornar uma realidade absoluta a indústria cinematográfica no Brasil. Todos os obstáculos que se lhes anteponham só servirão para desmascarar mais ràpidamente aquêles que são contra o cinema brasileiro.»

O jornalista e crítico cinematográfico Edmundo Lys, que fêz a cobertura do Congresso para «O Globo», assim falou:

— «A iniciativa é digna de todos os aplausos, oportuna, objetivando salvar a arte-indústria nascente no Brasil. Se nada mais resultar do Congresso, êste terá tido a vantagem de unificar todos os que trabalham no cinema brasileiro.»

O cinegrafista Ruy Santos disse que se sentia «orgulhoso de participar dêste Congresso», enquanto o produtor e diretor Moacyr Fenelon afirmou que o «I Congresso Nacional do Cinema Brasileiro premiou os trabalhadores do cinema brasileiro». E o crítico cinematográfico Walter da Silveira, consultor técnico do Clube de Cinema da Bahia e chefe da delegação baiana, foi mais longo:

— «Todos os que estudamos ou realizamos cinema no Brasil sentíamos a necessidade, cada dia mais urgente, da realização de um Congresso do cinema brasileiro, no qual, através da aproximação dos estudiosos e dos trabalhadores da arte cinematográfica, alcançássemos uma precisa definição das bases e das perspectivas do cinema nacional, particularmente agora em que êle afinal se afirma e se consolida. Sou fundador e dirigente de um clube de cinema em meu Estado, a Bahia. Nessa qualidade, sempre considerei pessoalmente que não sòmente deveríamos apoiar e valorizar o nosso cinema dentro dos cine-clubes como forma de prestigiá-lo culturalmente, desde que os cine-clubes representam uma das expressões mais avançadas da divulgação da cultura cinematográfica, como nos competia reunir tôdas as tentativas de cine-amadores isoladas numa organização nacional de caráter unificador — a Federação Brasileira dos Clubes de Cinema — capaz de fortalecer e de supervisionar as atividades cineclubísticas como já há em muitos países.»

A TURMA DO CONTRA — Destacamos o realizador Alberto Cavalcanti, que presidiu à comissão que preparou o anteprojeto para a criação do Instituto Nacional do Cinema. Colocou-se contra o conclave, fazendo neste sentido decla-



**MARLY SOREL, artista e comentarista, acompanhou tôdas as sessões.**



**ROSANGELA. Como Marly, deu sempre um toque feminino ao conclave.**

rações violentas na imprensa paulista. Violento também foi o crítico cinematográfico Moniz Viana, do «Correio da Manhã», que escreveu ser o Congresso de «inspiração stalinista». Outro crítico, Décio Vieira Otoni, do «Diário Carioca», em uma série de artigos disse, entre outras coisas, que os congressistas estavam atacados de chauvinismo. Contra também afirmou-se o crítico José Francisco Coelho, do «Jornal do Comércio». E outro crítico, Hugo Barcelos, do «Diário de Notícias», defendeu os colegas Moniz Viana e Décio Vieira Otoni de acusações recebidas em uma das sessões plenárias do Congresso.

TESES E MAIS TESES — Apareceram muitas e quase tôdas aprovadas. Através de uma delas, definiu-se o filme brasileiro, na pior sessão do Congresso, sessão em que o verde-amarelismo exagerado chegou a irritar. A tese veio de São Paulo, e por mais estranho que pareça, foi defendida vigorosamente, nas suas exageradas formas nacionalistas — filme com capital cem por cento brasileiro, produção, estúdios e laboratórios brasileiros, diálogos, argumentos e roteiros de autoria de brasileiros, ou pelo menos realizados por estrangeiros radicados no Brasil, o filme tem de ser falado em idioma nacional e a filmagem deve ser dirigida por um brasileiro, ou, como na exceção anterior, por diretor estrangeiro radicado no Brasil — por estrangeiros, entre êles representantes de companhias nacionais ligadas por laços comerciais a companhias estrangeiras. Todos os aspectos da indústria cinematográfica brasileira foram atacados — produção, distribuição, exibição, etc., e até nos seus aspectos culturais, aprovando-se mesmo uma tese, da autoria do crítico Walter da Silveira, que indica a criação de uma Federação Brasileira de Clubes de Cinema.

Mas a sessão mais importante foi a última, quando se discutiu o já célebre Instituto Nacional do Cinema. A delegação paulista, numerosa e organizada (como delegação, a mais organizada do Congreso), defendeu o ponto-de-vista de que deve ser criado um Conselho Nacional do Cinema e não um Instituto. E foi então eleita uma comissão de congressistas para acompanhar, na Câmara dos Deputados, os trabalhos e discussões do anteprojeto do INC.

PITORESCO — Não faltam, a conclaves desta natureza, os episódios pitorescos. O plenário do Congresso, se não foi pródigo de acontecimentos divertidos e curiosos, não deixou de apresentar um ou outro caso humorístico. O congressista e velho jornalista Santos Melo, por exemplo, com aquela sua linguagem deliciosa, deu uma nota de bom-humor dentro da seriedade com que enfrentou o problema nos debates sôbre direitos autorais. O jornalista é um verdadeiro ator, e fêz o plenário rir muito, o que levou o congressista e crítico Jorge Ileli, denotando ausência de **fair-play**, a pedir mais seriedade nos debates. Acontece que Santos Melo falava sério; apenas com uma linguagem engraçada. Outro episódio curioso deu-se quando, inopinadamente, um cronista cinematográfico de uma estação de rádio e de um periódico do Rio confessou, apesar de ter um curso superior, não conhecer lá muito bem a língua portuguêsa... Mas a coisa esquentou quando apareceu, em uma das sessões, um boletim interno do Congresso contendo, entre algumas notas informativas, uma brincadeira (mal redigida) contra o ator José Lewgoy. Uma nota cinematográfica-esportiva envolvendo o conhecido ator e a companhia cinematográfica Atlântida (tratada como Atlântica).

RESOLUÇÕES FINAIS — Entre as inúmeras resoluções finais do Congresso, fruto de uma semana de debates e considerações, destacamos as seguintes: I) Definição do filme brasileiro, considerando o Congresso que sòmente poderá gozar dos benefícios das leis de proteção ao cinema brasileiro o filme que observar as seguin-

**(Cont. na pág. 40)**



**DINAH MEZZONE**, ex-rainha do cinema brasileiro, não discutiu, nem falou.



**VERA NUNES** veio na delegação paulista. Falou pouco mas sempre votou.



# A VIDA de NOEL ROSA

## Contada por ALMIRANTE



UM PROJETOR DE FILMES ★ ONDE ENTRA CATULO CEARENSE ★ O CONCURSO "O QUE É NOSSO" E OS TURUNAS DA MAURICÉIA ★ O "FLOR DO TEMPO" ★ PANDEIRO QUE REVELA UMA VOCAÇÃO ★ A ORIGEM DE UM NOME FAMOSO ★ O "BANDO DE TANGARÁS"

Entre tantos que podem falar, com autoridade, de Noel Rosa, creio que sou um dêles. Acompanhei Noel durante quase tôda a sua atividade musical e artística. Suas primeiras apresentações em palco se fizeram em minha companhia. Eu gravei seu primeiro samba e possuo os manuscritos de suas duas últimas produções, ainda inéditas. Em minha companhia êle foi trabalhar numa das emissoras do Rio e ali produziu programas de Rádio que jamais foram irradiados e que se encontram em meu arquivo, inclusive curiosas paródias de óperas e operetas.

Muita mentira já se publicou sôbre Noel. Muita lenda veio crescendo em tôrno de seu nome. Já vi atribuirem a Noel fatos de que fui testemunha e que se passaram com outras criaturas... Já é tempo, portanto, de se separar o joio do trigo e fixar, para historiadores honestos do futuro, os episódios do passado em que o grande compositor se viu envolvido e que permanecem guardados na memória dos seus contemporâneos. São êsses depoimentos, obtidos à custa de pacientes indagações, aliados às minhas próprias memórias e aos elementos de meu fiel arquivo, que, semanalmente virei trazer às páginas da REVISTA DA SEMANA.

★

Foi, mais ou menos em 1923, que conheci Noel Rosa. Eu era então aluno de um colégio chamado Liceu Rio Branco, onde se instala hoje o Instituto Lafayette, sucursal para meninas, à Rua Conde de Bonfim, 186. Ali, um dia, ganhei de um colega um pequeno rôlo de filme natural, colorido, sôbre o bicho da sêda. Minha família morava, naquela época, numa vila, chamada «Vila Fontan», no Boulevard 28 de Setembro, em Vila Isabel. Na ansiedade de ver o filme, tentei obter um projetor, e disso falei a todos os meus conhecidos. E eis que meu irmão mais moço — Guido — providencialmente, lembrou-se de um amigo que queria se desfazer de um projetor manual baratíssimo. Fiquei aos pulos e apressei meu irmão para que trouxesse o conhecido à minha presença, o mais breve possível. E logo no dia seguinte, pela tardinha, fui procurado em casa por um garôto mirrado, franzino, quase sem queixo, com fardamento do Colégio São Bento, trazendo embrulhada em jornal uma pequena máquina de cinema.

Era Noel Rosa.

★

Não se fechou o negócio.

Noel queria 20 mil réis pelo projetor e eu, nem rachado, naquele tempo, poderia conseguir tal quantia. Vinte mil réis por uma màquinazinha de cinema!... Basta dizer-se, para se avaliar o despropósito, que o aluguel de nossa casa era de oitenta mil réis por mês...

★

Daí em diante, raramente vi Noel. Encontrava-o, de vez em quando, pelas ruas de Vila Isabel, mas pouco nos ligávamos.

Os tempos foram correndo.

Veio o Rádio, a radiomania, em 1924, 1925.

A música já me interessava vivamente e eu sabia de cor tôdas as canções, sambas, cateretês, emboladas, etc., que ia aprendendo com os pitorescos vendedores de jornais e folhetos de modinhas, que tanta inveja me causavam pelo fato de possuírem aquêles versos e saberem tôdas aquelas melodias que me encantavam.

Na Vila Fontan, minha família ocupava a última casa, a que fica no extremo de um «L» que a Vila faz para a direita. Nessa altura, já eu trabalhava no comércio. Era empregado da «Casa Cruz», na Travessa de São Francisco de Paula, defronte ao extinto Parque Roial. Ali ser-




**ALMIRANTE, já na maturidade vitoriosa, contempla o marco de pedra com letras de bronze que assinala, no jardim do Palacete da rua Maxwell, o nome do grupo «Flor do Tempo», em que êle e NOEL ROSA começaram.**

via como caixeiro de balcão, mas aos sábados, pela manhã, lavava os vidros das vitrinas e os espelhos, e, aos domingos era obrigado a comparecer à loja para a arrumação geral. E ganhava noventa mil réis por mês.

A vida em minha casa se tornava difícil.

Papai, doente, submeteu-se à uma delicada operação e nunca mais recuperou a saúde. E assim, foi piorando, piorando, até que morreu, no dia 1º de março de 1924. E eu, rapazola inexperiente, de 16 anos de idade, sofri, então, meu primeiro grande choque emotivo, dêsses que nos vêm dos contrastes imprevistos: — é que papai morreu às 8 horas da noite de sábado de Carnaval.

★

Afastada da rua, como ficava nossa casa, não chegávamos, felizmente, a perceber o bulício carnavalesco que lá ia pelo Boulevard.

Ali, na exígua saleta da casa, chorosos, velando o cadáver, vendo, a intervalos, chegar um parente ou uma pessoa amiga para os pêsames, ficaríamos simplesmente entregues à nossa dor, se não começássemos a ouvir, a certa hora da noite, os sons alegres de violões e de vozes que, bem perto entoavam um samba daquele tempo...

Ó Rosa,
Meu bem,
Tu choras, meu amor,
Não sei por quem!
Ó Rosa,
Se chorares, vou chorar.
Por tua causa,
Vou morrer, vou me acabar.

Ó cúmulo da irreverência!

Eram uns vizinhos nossos. Numa casa, pouco distante da nossa, na mesma Vila, residência da família Ripper, lá estava Catulo da Paixão Cearense, amigo de Ripper, com êle cantando e tocando. Ambos sabiam que papai havia falecido poucas horas antes: ambos tinham conhecimento de que seu corpo lá estava sôbre a mesa, inteiriçado, tendo em redor a família vergada ao pêso da desgraça, soluçando... Mas era como se de nada soubessem.

Vararam pela noite a dentro, repisando o samba tristonho, cuja melodia penetrante e pungente chegava aos nossos ouvidos —ao meu, de minha mãe, de minha irmã e meus dois irmãos— como uma afronta sonora à nossa dor...



**NOEL ROSA era um «brotinho» naqueles tempos de boêmia louca e início de vida. Aí está o retratinho, com o laço borboleta, tão do agrado de Noel. Foi nesse tempo que Noel Rosa — que era louco por automóvel — comprou de CHICO ALVES um «Ford» de bigode para pagar em direitos autorais...**

Em 1927, o «Correio da Manhã», num rasgo de brasilidade, instituía o sensacional concurso que se chamou «O que é nosso!», no qual o violão, os conjuntos regionais, as músicas típicas, ganharam evidência especial, e onde se projetaram os nomes de Augusto Calheiros e dos «Turunas da Mauricéia», que tamanha movimentação trouxeram ao cenário da música popular brasileira, com suas composições e seus discos que marcaram época: «Estás com medo, fala!», «Pandeiro furado», «Indurinha do Coqueiro», «Samba do caná», «Amor Secreto», «Único amor» e a mais que célebre embolada «Pinião», que se tornou no maior sucesso do Carnaval de 1928, sobrepujando-se a todos os sambas e tôdas as marchas escritas, especialmente, para aquêle ano.

A embolada do norte fizera sua aparição, no Rio de Janeiro, em 1913, quando aqui surgiu a «Cabocla do Caxangá», de João Pernambuco e Catulo. Depois, em 1916 e 17 voltou à popularidade graças a Abigail Maia, João Foca e Luiz Moreira, integrantes do famoso trio — «Foca-Abigail-Moreira» — que se apresentava em espetáculos «sui-generis» e que tanta repercussão teve.

Em 1927, porém, andava quase em completo esquecimento. Foram os bravos «Turunas da Mauricéia» que conseguiram reviver o gênero que então alcançou o máximo de sua evidência.

★

Era êste o ambiente musical popular, no Rio de Janeiro, aí por 1927 e pelos anos seguintes.

Por todos os cantos surgiam novos conjuntos do mesmo tipo.

Em Vila Isabel, por essa altura, vim a saber da existência de um grupo de amadores, rapazes e moças, cujas reuniões e ensaios se faziam num «bungalow», no Trapicheiro, morada de alto figurão do Comércio, o Sr. Eduardo Dale, sócio da «Casa Pratt». O grupo recebera o mesmo nome da residência em que se formara, nome exótico e só compreensível para quantos conhecessem sua origem: — «Flor do Tempo».

A elegante residência do Trapicheiro fôra construída em prazo dilatado e era produto de anos de sacrifícios e de pertinácia de seu apaixonado proprietário. Daí seu nome estranho, mas justificado e poético: «Flor do Tempo».

★

Entusiasta dos grupos regionais e das músicas brasileiras, Eduardo Dale passou a reunir em sua casa, alunos e alunas do Colégio Batista, colegas de suas filhas naquele educandário, e que se destacavam a seus olhos pelas habilidades de tocar violão ou cantar.

Festas memoráveis, assistidas pelas figuras mais representativas da política, da sociedade e do comércio, foram as que se realizaram com verdadeira pompa no elegante palacete do Trapicheiro.

Faziam parte do grupo de amadores: Henrique Brito, Álvaro Miranda Ribeiro, Erasmo Vollmer, Carlos Braga, Oscar Ribeiro, Edmundo Vidal e seu irmão, Alfredo, todos, então, alunos do Colégio Batista.

Com o crescimento da responsabilidade de suas exibições, os rapazes do «Flor do Tempo» procuravam maior esmêro em seus números, entregando-se, com êsse fito, a exaustivos ensaios que nem sempre se realizavam em sua «sede» oficial, e sim na residência de um dêles, o Carlos Braga- —Braguinha—, cujo pai, Jerônimo Braga, era, então, diretor-presidente da Fábrica de Tecidos Confiança Industrial, em Vila Isabel.

★

Carlos Braga —ou melhor, Carlos Alberto Ferreira Braga— era um rapazola extremamente vivo. De pequena estatura, magrinho, mostrava, porém, tôda a sua atividade nos passinhos apressados com que percorria as calçadas do Boulevard, esquadrinhando tudo

CORREIO DA MANHÃ — Domingo, 9 de Janeiro de 1927

# O QUE E' NOSSO

Grande Concurso de Sambas, Maxixes, Canções Sertanejas, Emboladas, Desafios e Violão para o Carnaval de 1927

Arruê de Changô...







LAMENTOS

TANGO CANÇÃO

O CONCURSO «O QUE E' NOSSO» — «Fac-simile» do «Correio da Manhã», de 9 de Janeiro de 1927, que o instituiu, animando nossos compositores.

e **tôdas** com seus olhinhos espertos e interessados.

Eu, muito alto e também magro, ouvindo-o, um dia, a cantarolar qualquer coisa, para amigos de mesa, num café, na esquina de Souza Franco, percebi que entre nós se revelava, por meio da música, uma afinidade muito forte. E, tal como D. Raposo, de Eça de Queiroz, ao encontrar afinidade com o Dr. Topsius, comunicamos.

Ao saber de minha inclinação para a música, Braguinha levou-me, dias depois, a assistir a um dos ensaios do «Flor do Tempo», em sua residência. Fui e confesso que não me entusiasmei com a exibição.

O pandeirista do conjunto não era, positivamente, uma vocação para o instrumento. Atravessava o compasso que os demais procuravam manter, num esfôrço aflitivo e, inùtilmente.

Num dado momento, porém, afastando-se para beber água, o pandeirista deixou seu instrumento sôbre a cadeira e eu, sem demora o empunhei, «dando uma canja» aos rapazes do «Flor do Tempo».

Com que vaidade vi em suas fi ionomias o entusiasmo pelo ritmo seguro que eu produzia martelando o couro do pandeiro. E foi aquêle «virtuosismo» minha credencial única para o ingresso no grupo.

Meu nome foi, incontinenti, levado a Eduardo Dale, cuja pergunta inicial revelava sua intenção de não alterar as tradições do conjunto:

— Mas êsse «Almirante» é ou foi aluno do Colégio Batista?

— Não! —informaram, meio apreensivos— mas toca pandeiro que é um colosso.

Tal habilidade proclamada com tamanha veemência venceu qualquer resistência de Eduardo Dale e eu fui imediatamente admitido nas hostes do seleto agrupamento.

★

Morando em Vila Isabel, via, freqüentemente, Noel Rosa, sabendo já de sua habilidade no violão e no bandolim. Já mesmo nos havíamos reunido uma vez ou outra, pois Noel também se relacionara com o Braguinha. Sua mãe, aliás, a bondosa D. Marta, fôra, em tempos passados, professôra de uma das irmãs do Braguinha.

Por essa razão, quando, em 1928 recebemos proposta para gravar discos, e sentimos a necessidade de proceder a uma seleção dos elementos do «Flor do Tempo» aproveitáveis para tal situação, foi Noel escolhido por nós para fazer parte do novo conjunto que se tornava indispensável formar.

Dos componentes do velho grupo foram destacados: Carlos Braga, Henrique Brito, Álvaro Miranda Ribeiro, e eu. De fora, veio Noel Rosa.

Surgiu assim o «Bando de Tangarás».




**«FLOR DO TEMPO» — Eduardo Dale apresentou, em homenagem ao Rotary Club, no Teatro Beira-Mar Cassino o seu conjunto, cujo retrato esta Revista publicou em 20 de Julho de 1923.**



**O conjunto «TURUNAS DA MAURICÉIA», com o seu solista, o conhecido cantor Augusto Calheiros, e que tanto sucesso fêz na época nos palcos, salões e também em gravações.**

No próximo número mais um capítulo de A VIDA DE NOEL ROSA contada por ALMIRANTE.

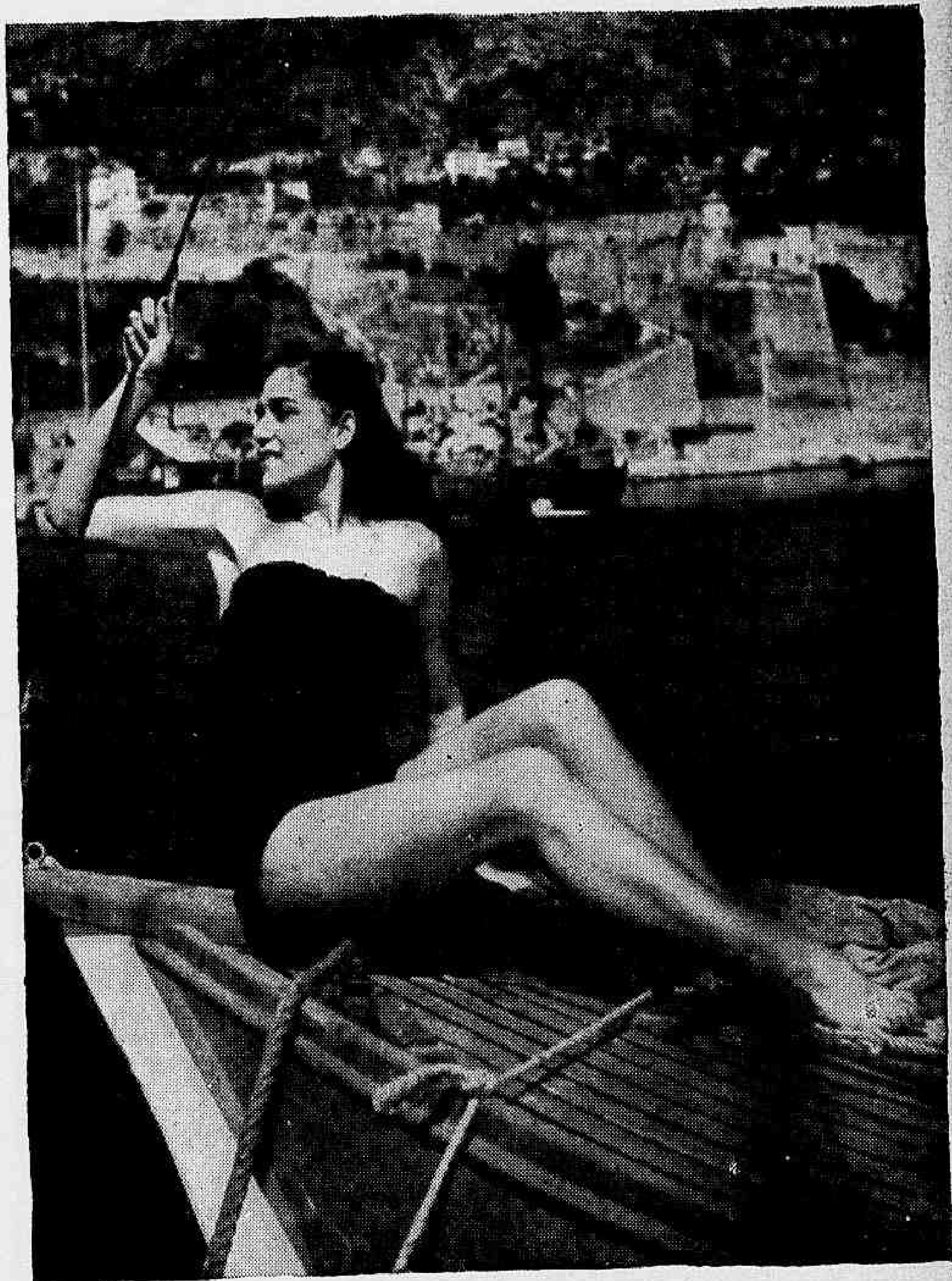


SE ELA NEM TE LIGA... dê-lhe um par de ligas, que a moda agora voltou. Lançaram-na oficialmente em Paris bailarinas do Corpo de Bailados da Ópera. Ligas com palhetas fantasia, uma inovação que vai fazer furor. Na fotografia acima vemos Micheline GRIMOIN apresentando as ligas, e as três que estão com água na bôca são Helene Maximi, Josette Clavier e Cristiane VAUSSARD. Endereços? Ópera, de Paris, não há de quê...

# OH! MULHERES, MULHERES...



SEXO FRACO, SEXO FRACO, HEIN? parece que, cansada de ouvir essa lenga-lenga, JOAN RHODES, um verdadeiro novo colosso de Rhodes, uma das maravilhas do mundo moderno, resolveu quanto pode uma mulher que ama... a superioridade do seu sexo. E ei-la, exibindo-se no célebre Circo MEDRANO, de Paris, onde deixa a platéia atônita com as proezas que executa, torcendo e retorcendo barras de ferro com as mãos e os dentes.



ESTA FOI PROCLAMADA a «Rainha da Côte D'Azur», ambicionadíssimo título, que quase sempre leva as pequenas que o conquistam para o Cinema, para o estrelato do Cinema, é claro, para o Teatro e outras alturas. Mademoiselle LINA LOPEZ, de Monte Carlo, jovem e linda morena de 16 anos, nada como uma sereia, tem pernas esculturais, um perfil romântico, cabelos compridos e, ao contrário do que dizia Schopenhauer, idéias nada curtas.




CONCURSO ANIMADO, em Paris, foi êste... dos seios animados, numa das boites de JUAN-LE-PINS. Imaginação a Walt Disney, lindas modelos, apresentando coisas proibidas para as crianças de 2 a 16 anos... E os bustos formosos apresentados de maneira original, enquadrados em molduras doiradas... Êste, que ganhou o primeiro prêmio, foi apresentado pelo pintor DAVID. Outro David pintara Mme. Recamier e outras Damas, mas eram desnudos só os pés...

# PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

| | | |
|---|---|---|
| Nenhuma resposta certa .. | Estado primitivo | Homem-macaco |
| De 1 a 3 ............. | Cultura inferior | Selvagem |
| De 4 a 6 ............. | Cultura média | Estudante ginasial |
| De 7 a 11 ............. | Cultura superior | Universitário |
| De 12 a 14 ............. | Genial | Um sábio |
| Tôdas as quinze ......................... | | O gênio em pessoa |

1 — QUAL DENTRE ÊSTES ANIMAIS O QUE PODE PASSAR MAIS TEMPO SEM BEBER ÁGUA:

— A cobra?
— A tartaruga?
— A rã?

2 — EM QUE DATA SE RODOU, NO BRASIL, O PRIMEIRO FILME:

— 5.11.1903?
— 15.11.1910?
— 1. 2.1908?

3 — EM QUE DATA NASCEU O CANTOR FRANCISCO ALVES:

— 4. 8.1892?
— 25.12.1900?
— 5. 8.1898?

4 — DE QUE NACIONALIDADE É GEORGE SANDERS, ASTRO DE HOLLYWOOD:

— Inglêsa?
— Americana?
— Russa?

5 — EM QUE ESTADO DO BRASIL SE ENCONTRA A MAIS ARROJADA OBRA DE ENGENHARIA FERROVIÁRIA:

— Em Minas?
— No Paraná?
— No Rio Grande do Sul?

6 — QUE NOME TEM O RIO AMAZONAS ANTES DE RECEBER O RIO NEGRO:

— Maranhão?
— Solimões?
— Madeira?

7 — EM QUE PONTO FICA O ESTREITO DE MAGALHÃES:

— No extremo sul da América?
— Nas ilhas Falkland?
— Na Austrália?

8 — QUAL O PAÍS QUE POSSUI SUA CAPITAL COM O NOME DE TIRANA:

— Rumânia?
— Bulgária?
— Albânia?

9 — QUAL DÊSTES PAÍSES QUE TEM TERRITÓRIO MAIS PRÓXIMO DO CÍRCULO POLAR ÁRTICO:

— Noruega?
— Finlândia?
— Suécia?

10 — A CIDADE DE MARSELHA FICA:

— No golfo de Lião?
— Na baía de Biscaia?
— No Mar do Norte?

11 — A CIDADE DE PALERMO FICA:

— Na Sicília?
— Na Córsega?
— Na Sardenha?

12 — QUAL DESTAS ESTRÊLAS A QUE SE CHAMA, REALMENTE, RUBY STEVENS:

— Barbara Stanwyck?
— Bette Davis?
— Claudette Colbert?

13 — ANTES DE ENTRAR PARA O CINEMA, QUAL ERA A PROFISSÃO DE JAMES CAGNEY:

— Advogado?
— Fazendeiro?
— Ator de comédias?

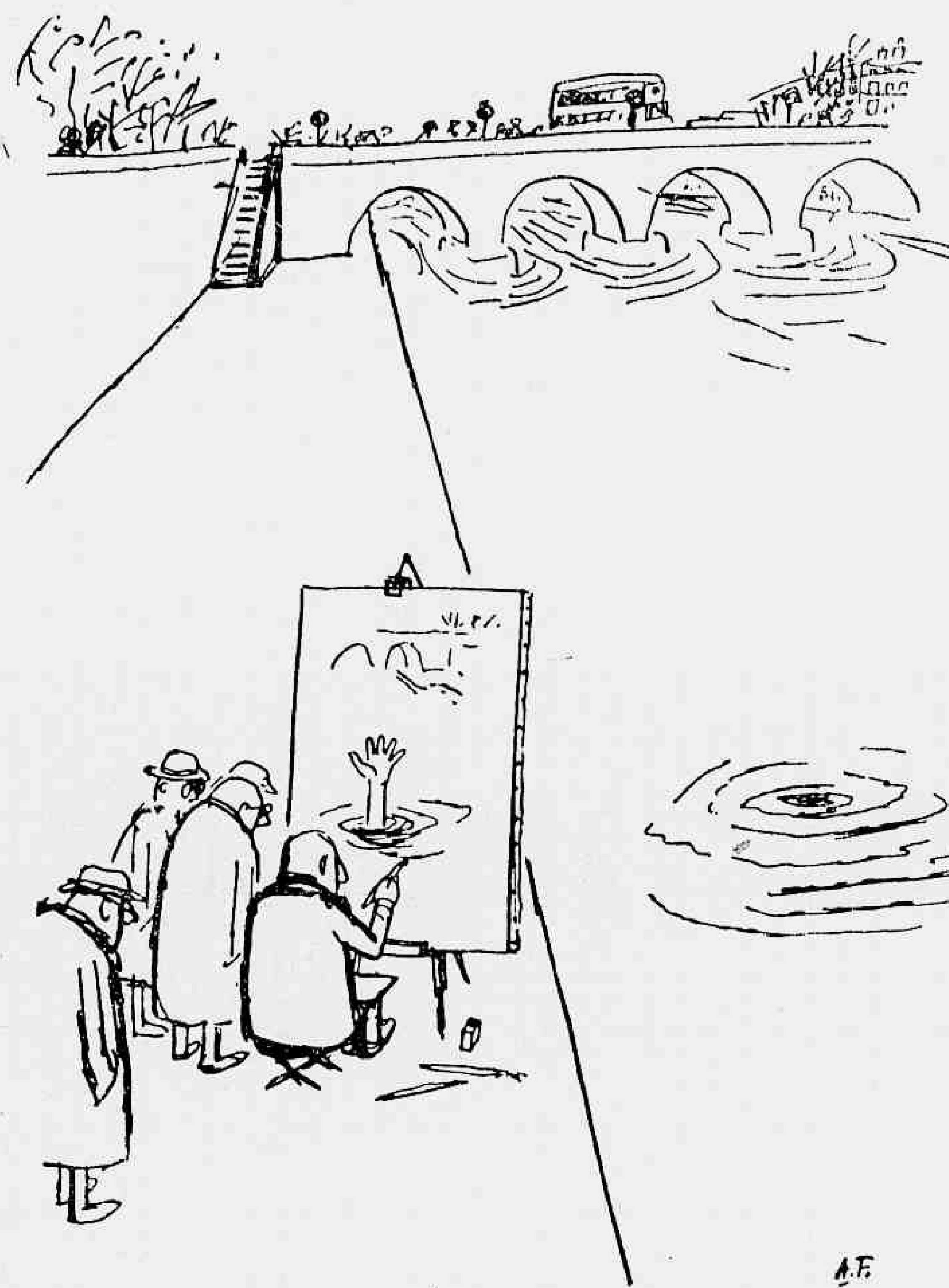
14 — QUAL DÊSTES ARTISTAS TEM O NOME DE LESTER TOWNE:

— Bob Hope?
— Paul Douglas?
— Gary Cooper?

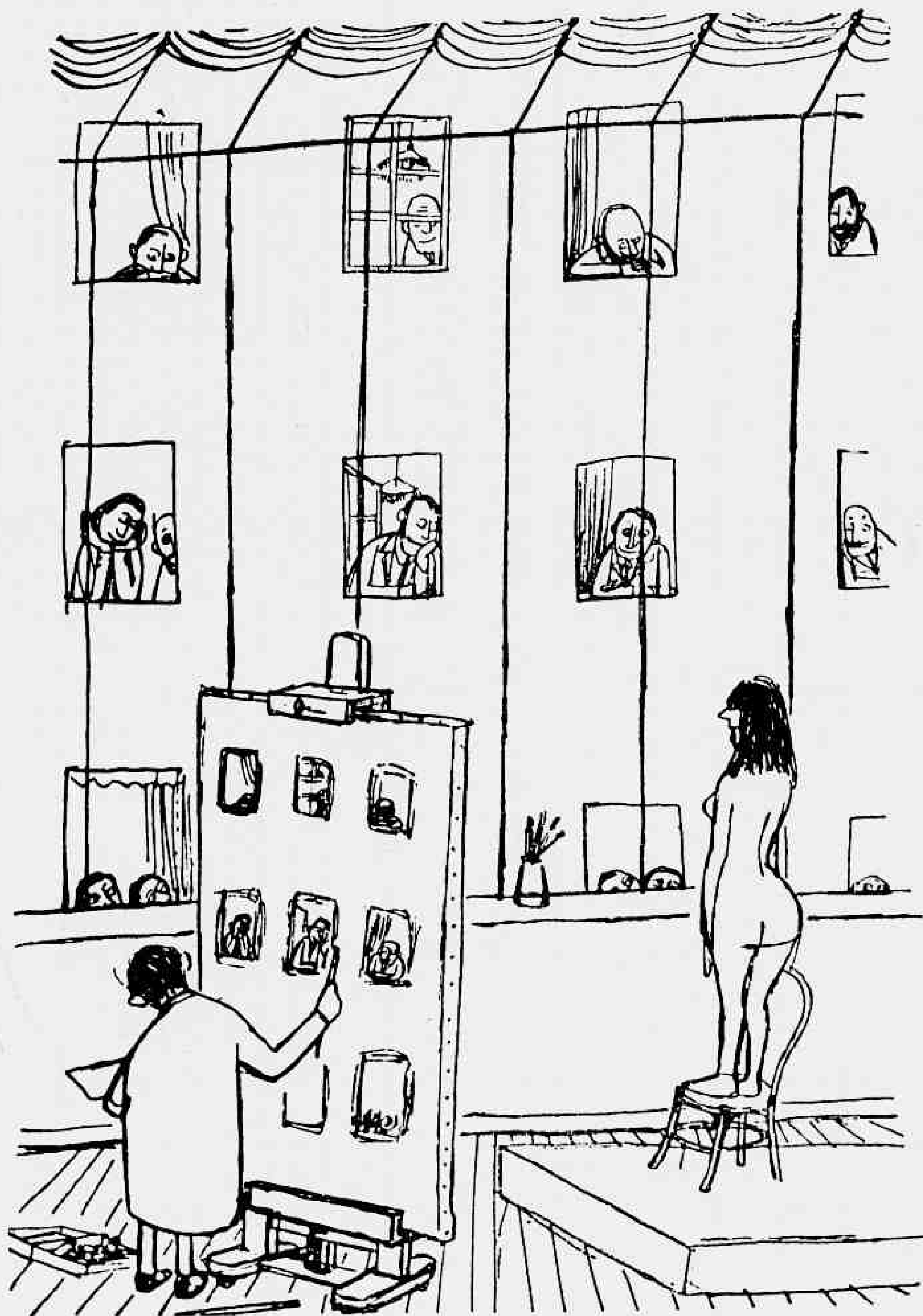
15 — E O NOSSO POPULAR E FESTEJADO VICENTE CELESTINO, ANTES DE SER ARTISTA, O QUE FOI:

— Alfaiate?
— Médico?
— Sapateiro?

(Respostas na página 40)



SEM LEGENDA

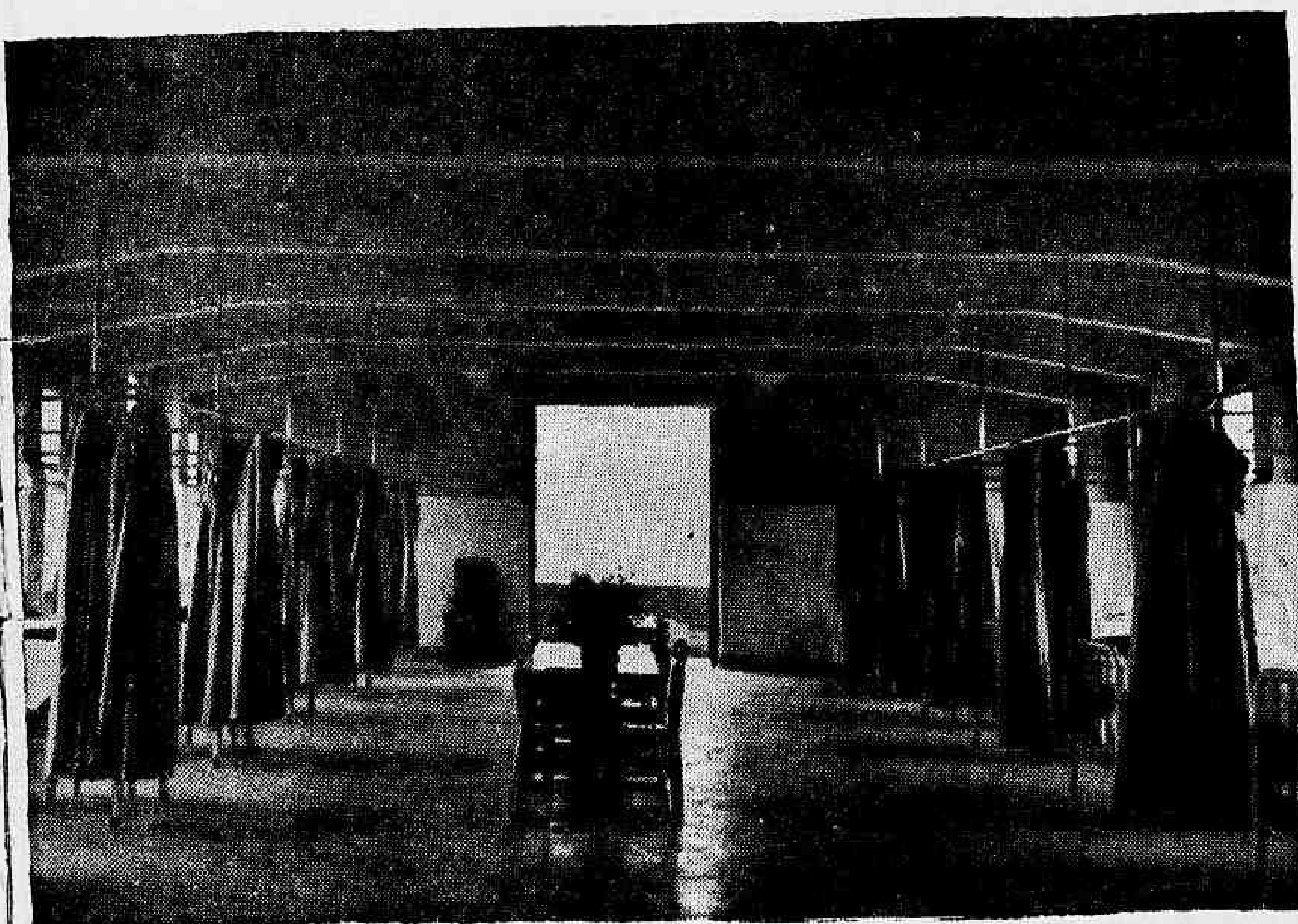


# HOSPITAL DO IPASE

MODÊLO DE ORGANIZAÇÃO, O GRANDE NOSOCÔMIO DA CAPITAL FEDERAL PRESTA OS MAIS INESTIMÁVEIS SERVIÇOS À SOCIEDADE CARIOCA

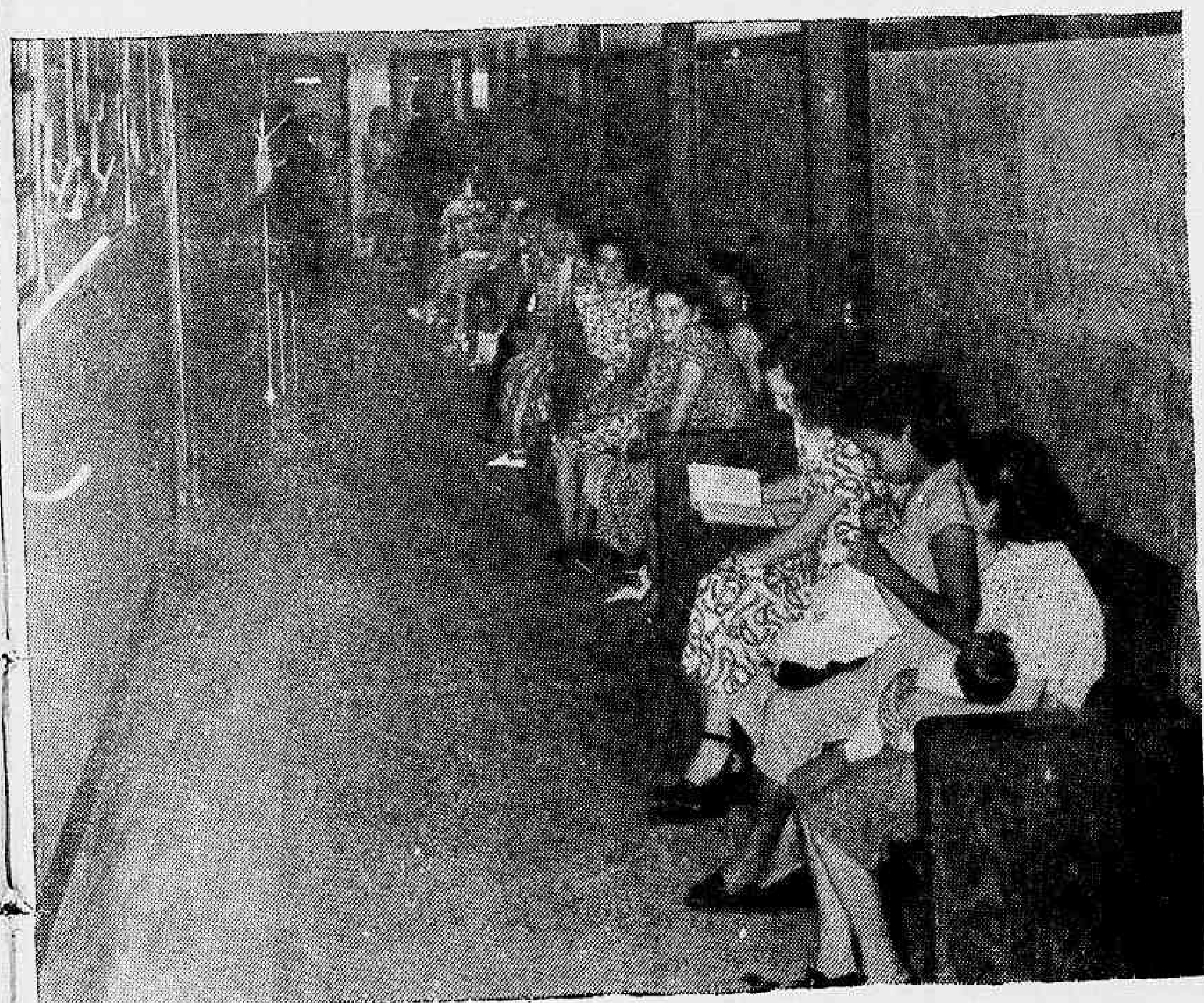


**Vista do atual edifício, o qual será aumentado em mais do dôbro, de acôrdo com o anteprojeto de ampliação.**



**Uma das muitas enfermarias, ampla, arejada, banhada de luz natural, obedecendo aos modernos preceitos médicos.**

mana, colocando a solidariedade acima de qualquer interêsse material de lucro. Publica o HSE folhetos que merecem a atenção de quantos desejam proteger-se contra os assaltos de moléstias perigosas, com explicações claras, simples e concisas, como sucede com as informações sôbre o câncer, que, segundo as estatísticas do mesmo nosocômio, faz tantas vítimas como a própria tuberculose. O Brasil se orgulha de possuir um estabelecimento como êsse, e o Colégio Americano de Cirurgiões (American College of Surgeons), de Chicago, o mantém classificado como dos melhores. E' do grande Hospital as fotos que publicamos aqui, como uma homenagem a tão humanitária e eficiente instituição.





**Médicos operadores, assistentes e enfermeiras procedem a uma delicada operação cirúrgica, que foi coroada do mais completo êxito.**

O Hospital dos servidores do Estado, com uma clínico ginecológica sem par, começou sua existência em 1947 e, de lá até hoje, sua trajetória se caracterizou por uma linha reta entre a ciência e os males que afligem a humanidade: tumores malignos, afecções cárdio-vasculares, afecções do sistema nervoso, peritonites, afecções hepáticas, hemorragias, doenças intestinais, câncer, e todo um cortejo de doenças que atacam o corpo humano, as quais sem os recursos de um centro de cura clínica e intervenção cirúrgica como o HSE, ceifariam milhares de vidas por ano. Além do seu aparelhamento técnico e científico rivalizando com o que há de mais moderno e eficiente no mundo, o HOSPITAL DO IPASE se recomenda pela distinção de seus auxiliares, pela cultura de seus médicos e assistentes, pela consciência do dever que a tudo preside ali, dignificando o nosso país e inspirando a quantos dêle precisam, a mais inabalável confiança e fé no êxito contra o mal. O HSE impressiona ainda pela disciplina que preside a tôdas as suas seções e departamentos, tudo se executando na mais perfeita ordem, obedecendo a um programa prèviamente concebido e traçado, e que vem sendo seguido à risca. Instituído para servir a uma classe, a dos funcionários públicos, não teve nem tem por fim qualquer lucro, como se fôsse um estabelecimento para fins comerciais. Sucede que, muitas vêzes, os serviços prestados a clientes não são cobertos sequer na têrça parte das despesas com o paciente. E' uma organização altamente social e hu-

**Até dezembro de 1951, havia o HSE atendido a 109.899 clientes, com a média mensal de 2.177, de 1947 a 1951.**



**Ao Centro de Estudos, dirigido por médicos e professôres, cabe, de quando em quando, conferências científicas.**



# LIDO... VISTO...

## REAJUSTAMENTO

ENTRE as palavras cabalísticas que os psicólogos lançaram em circulação e todos repetem, quase **sans savoir comment**, como na velha canção do sempre jovem Maurice Chevalier — desajustamento — é incontestàvelmente das mais em voga. O garôto é malcriado, diz desaforos — é um desajustado. O marido é malandro, não gosta de trabalhar — é um desajustado, um neurótico e outras novidades.

Mas onde então reina e impera sua Majestade o desajustamento é no terreno as harmonias e desarmonias entre os casais. Aí é que o que se chamava bilontrismo, para os homens, em priscas eras, ou sem vergonhismos para as mulheres, sempre julgadas com severidade maior pela moral (cujos códigos, murmuram elas, foi feito pelos homens de maneira tendenciosa) — agora é desajustamento... e é mesmo. Ora, isso vem a propósito da descoberta do eminentíssimo Professor de antropologia da Universidade de Kiel, o dr. Hans Weinert. Ouçamos o sábio, porque quem sabe, sabe. Êle anuncia haver descoberto a causa-mater da desarmonia conjugal. E disse:

«Nós esquecemos uma coisa, depois de havermos descido das árvores — foi a vida altamente moral que ainda hoje é levada pelos chimpanzés, nossos avós. Enquanto nós deixamos a mulher nos dirigir, entre os chimpanzés o macho é quem manda. Ao menos uma vez por dia o chimpanzé bate na companheira. Se ela não apanha, fica com a impressão de que está caindo no esquecimento.»

Assim falou... Herr Doctor Weinert.

E a revista francesa que transmite a informação acrescenta: Infelizmente o telegrama que nos traz essas considerações estava incopleto: não dizia se o doutor Weinert era casado...

Êsses franceses são pérfidos...

## RESPONDA ESTAS:

**76** Qual o defensor do Brasil cujo retrato é conhecido como «Il genio belicoso de Napoli»?

**77** Como se chamava o homem que conquistou o coração da segunda mulher de Napoleão?

**78** De quantas letras se compõe o alfabeto da lingua hawaiana?

**79** O que é açaí?

**80** Pode-se ver o ar?

**RESPOSTAS AS ANTERIORES:**

**71 — A Guarda Nacional foi criada pela Lei de 18 de Agôsto de 1831, que ao mesmo tempo extinguiu os corpos de milícias e Ordenanças; 72 — Para cada automóvel há três habitantes, ou por outra, para cada três habitantes há um auto e na Europa a cada 30 habitantes corresponde um auto; 73 — O mêdo que algumas pessoas têm aos gatos denomina-se aelurofobia; 74 — E' a famosa ilha de Capri, que lentamente está submergindo, o que pode ser observado pelo nível da água na famosa Gruta Azul; 75 — Estatísticas de 20 anos atrás assinalavam a existência de um milhão e quinhentos mil gatos em Nova York. Hoje devem elevar-se a muito mais.**

## Um demônio... pinta o Cristo



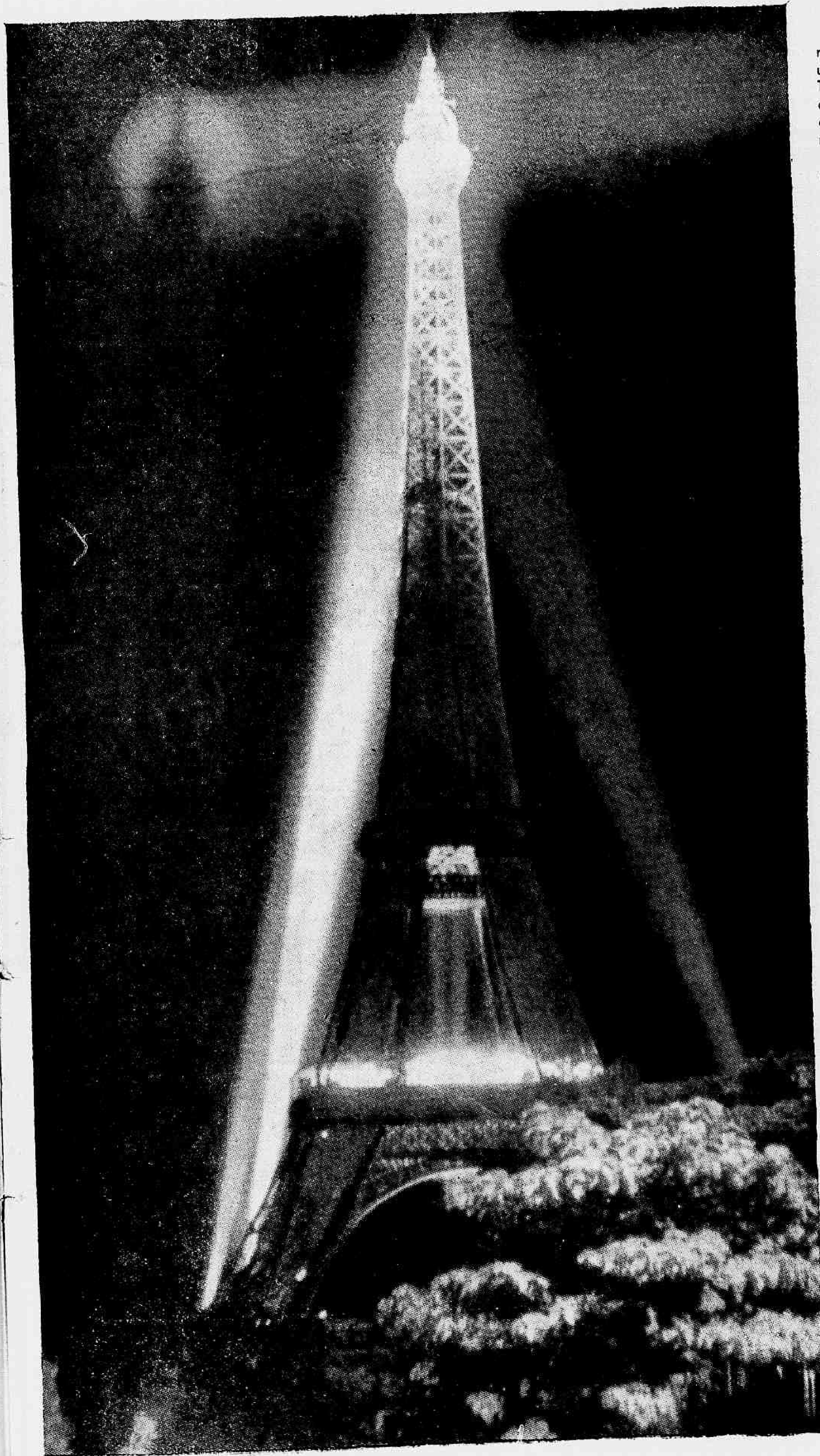
Salvador Dali — cujo surrealismo nunca irritou nem os mais ferrenhos classicistas, porque o grande pintor espanhol sempre deu mostras de «algo nuevo», embora revolucionário, sempre interessante, aí está com a sua extraordinária e discutida tela, o famoso Cristo de Dali. Crucificado sem cravos, fixado de um ângulo inteiramente novo, o quadro maravilha pela sua beleza calma. Com o seu bigode, em que há algo de luciferino, o genial artista contempla a sua obra, que daqui há 500 anos ainda será discutida.

Paris, a Cidade-Luz, pelo fulgor do seu espírito, expressão que simboliza a clareza luminosa dos franceses, herdeiros espirituais dos helenos, possui um marco, a evidenciar também a audácia dos gauleses: a Tôrre Eiffel, maravilha da técnica e da engenharia do século passado. Esta rara fotografia, tomada quando cruzavam no ar as luzes da Tôrre e as do Palácio Chaillot, como que reúne no mesmo quadro as luzes reais e as espirituais, que deram à velha Lutécia a merecida e imortal denominação de Cidade-Luz.

# OUVIDO... ONTEM, HOJE, AMANHÃ...

(JIM)

## Luzes da Cidade-Luz



## POUCAS E BOAS...

### ● PERFUME

Tem sete anos, Jimmy Leard e não é lerdo nem nada. Cursa o segundo ano primário em Jopolin, uma cidadezinha do Missouri, terra do presidente Truman, que tem fama de ser terra de gente desconfiada. Mas o caso de Jimmy é antes de gente confiada... que desconfiada. Êle se recusa terminantemente a voltar para o colégio.

— Não vou, não vou, não volto mais àquela escola.

— Por que, porque, meu filhinho?

— Não suporto o perfume da minha professôra!

### ● ADAM PERDEU O TREM

Sim, êle perdeu o trem, Adam Bourton, da cidade de Augusta, nos Estados Unidos, onde acontecem coisas gozadíssimas, não precisando assim ninguém ter imaginação, porque os fatos fornecem mais do que o poderia fazer o humano engenho, com licença de Camões.

Adam perdeu o trem e quase perde a cabeça.

— Imaginem, eu havia pago o hipnotizador Andrews Hollen, que me prometera hipnotizar à distância para que eu na hora certa estivesse na estação, e não deu ponto! Vou acioná-lo por perdas e danos.

### ● OS TEMPOS MUDAM

Duas senhoras cinqüentonas conversam. E a que só tem um filho diz para aque só tem uma filha:

— E você que tanto queria ter um filho.

— Isso foi noutro tempo. Agora só quero é ter um genro.

### ● *A GRAÇA ITALIANA*

*— Vovó, que coisa é uma lira?*

*— Lira era um instrumento musical, com o qual se amansavam as feras. Mas agora é um resíduo de moeda tão desvalorizada, que até os mendigos se recusam receber.*

## QUEM DISSE ISTO?

**76** «E' melhor viver um minuto como leão do que um século como carneiro.»

**77** «E' mais temeroso o juízo dos homens que o juízo de Deus.»

**78** «Lafayette, aqui estamos.»

**79** «Quantos homens, quantas sentenças.»

**80** «Não é nada, é uma mulher que se afoga.»

**RESPOSTAS AS ÚLTIMAS:**

**71 — O Imperador D. Pedro II a Nicolás Avellaneda, ex-presidente da Argentina, quando veio ao Rio, em momento delicado entre os dois países; 72 — E' o mote do Rei da Inglaterra, originado de uma frase do rei Ricardo Coração de Leão; 73 — Palavras do presidente Rodrigues Alves, quando o aconselharam a deixar o Palácio do Catete, em 1904, quando se aproximavam as fôrças revoltadas da Escola Militar, sob o comando do general Travassos; 74 — Um aforismo que resume o pensamento de muitos escritores, entre os quais Maquiavel; 75 — Pensamento de La Rauchefoucauld.**

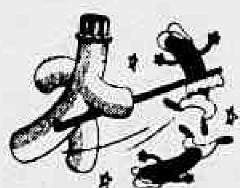


Para triunfar na vida...

use Kolynos todos os dias!

Não perca sua oportunidade... não deixe que o mau hálito interrompa seu êxito pessoal e comercial... refresque sua bôca usando Kolynos e tenha sempre seus dentes mais sãos, seu hálito mais puro!

Confie em Kolynos e assegure seu futuro. Kolynos é o dentifrício mais popular porque sua espuma refrescante, eficaz e abundante combate as cáries, perfuma o hálito e rende muito mais!



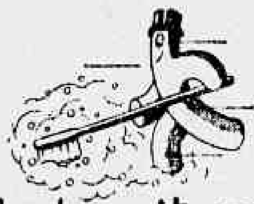
**Combate as cáries**

Kolynos combate realmente as cáries, destruindo até 92% das bactérias que são a causa principal dos males dentais.



**Perfuma o hálito**

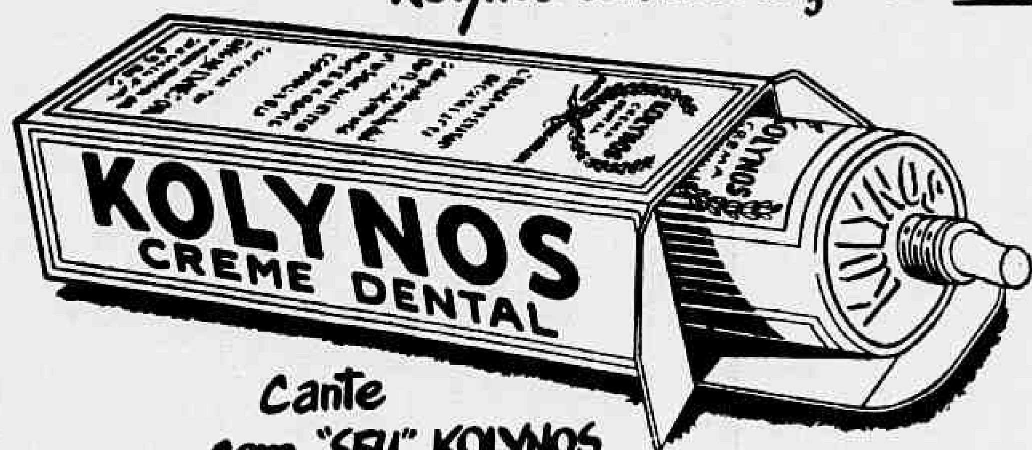
Kolynos perfuma o hálito e neutraliza os ácidos bucais, deixando na bôca uma duradoura sensação de saúde e bem-estar.



**Rende muito mais**

Kolynos é o dentifrício preferido das famílias porque rende muito mais - um centímetro na escôva sêca basta para obter espuma abundante e eficaz

Kolynos satisfaz as exigências de todos!




Cante com "SEU" KOLYNOS



2 vêzes ao ano visite o dentista

3 vêzes ao dia seja Kolynos-ista

K-626-R


CONTA-ME

# teus Sonhos

MARIA PAULA

TODOS nós achamos interessante um sonho agradável, dêsses que classificamos de belos; ficamos, entretanto, estarrecidos, sem saber que pensar, diante de um pesadelo. Por isso mesmo, fixamos muito mais fielmente na memória, o pesadelo, o sonho ruim do que os outros. E, para explicar aquêle, culpamos o mau funcionamento do fígado, as refeições copiosas, os alimentos de difícil digestão...

No entretanto, a causa determinante já existia em nosso subconsciente e se achava em estado latente, à espera, apenas, da ocasião propícia para se manifestar. Então, o fenômeno inconsciente passa a ser apreendido pelo consciente, agindo tais fatôres, apenas como criadores das condições fisiológicas nas quais certos elementos inconscientes se introduzem na consciência.

A má digestão não é, portanto, a causa do pesadelo. Qual será ela?

O assunto é dos mais interessantes para a interpretação dos sonhos. Daí, voltarei a êle no próximo número, certa de que os leitores desta seção deixarão de assustar-se com os pesadelos, preferindo estudá-los mais atentamente.

● **LEDA —**

SONHO: — Indo visitar uma sua amiga, senhora já idosa, a casa lhe pareceu totalmente estranha. Você entrou e andou por tôda a casa, sem encontrar ninguém. Saiu e, ao voltar, deparou com a dona da casa no quintal; perguntou-lhe, então, por sua jovem amiguinha L., tendo a senhora respondido que ela se achava bem, em companhia do marido; ouvindo isso, você disse intimamente: — bem que ela me havia dito que não permitiria à sua locatária receber em casa nenhum homem, a não ser o próprio marido. A pouca distância se encontrava o filhinho de sua jovem amiga; você sabia que era êle, embora não pudesse vê-lo bem. Quando você observava a criança, sua amiga idosa lhe disse que era êsse menino que lhe contava tudo quanto sabia.

INTERPRETAÇÃO: — Aos poucos você vai-se encontrando a si mesma e achando o mundo que a rodeia estranho e vazio. A amiga que procurou, sem encontrar, representa a transformação por que vai passando o seu Eu interior e a conseqüente mudança panorâmica de sua vida. Depois de alguns altos e baixos que se desenrolaram em sua consciência, e do desfalecimento do seu ânimo, você recuperou nova fôrça e viu na aceitação do bem (a provação da locatária) fortificar-se o seu ser, que já não mais aceita qualquer situação que não a do casamento legal. Todo êste quadro, você vislumbra a certa distância (criança que reconhece, embora não veja distintamente). Sua amiga mais idosa representa, em seu sonho, o amadurecimento de suas convicções e o alargamento de sua fôrça psíquica. Há em seu sonho, Leda, presságios e otimistas modificações e certo equilíbrio em seus anelos.

● **MME. SELMA — (Rio)**

SONHO: — Em sua cartinha azul com sua letra de mulher voluntariosa, você me conta um sonho de sua empregada. Ela a via jogando numa mesa sôbre a qual ardiam quatro círios. No fim, você me pergunta se eu acredito em sonhos...

INTERPRETAÇÃO: — Creio em sonhos sim, Madame, porque não posso deixar de crer numa coisa que «existe» e que, embora se nos apresente abstrata, aconteceu realmente e, às vêzes, nos preocupa, como êsse... Tenho a impressão de que Madame ficou um tantinho assustada com os quatro círios acesos. Não vejo nenhum motivo para tal. Pelo contrário, êles me dão o direito de dizer-lhe que, longe de representar a morte (que tanto a amedronta...) êles deverão fazer luz em consciência. Sua empregada deve viver alarmada com uma possível transformação da patroa, pressentindo, com o sexto sentido das afeições humildes que o jôgo — por si só um sintoma de decadência moral — possa trazer um desequilíbrio no seu lar. Quer-me parecer que Madame não levará muito longe essa queda pelo jôgo, e que o «matará» para sempre. Assim o espero e desejo.

● **CY (Rio)**

SONHO: — Você sonhou que seus dentes começaram a desfazer-se. Não caíam, nem se quebravam, mas se descascavam em camadas que você ia retirando na esperança de encontrar, enfim, uma parte sólida e perfeita. Mas seus dentes se foram, um a um. E você se angustiava pensando na impressão que iria causar aos outros. Diz você que êsse sonho se repete a breves intervalos; e que, às vêzes, no meio da angústia que a assalta, vem um pensamento tranqüilizador: a certeza de que está sonhando.

INTERPRETAÇÃO: — Você é essencialmente introspectiva e reservada. Tem horror à idéia de desvendar seu próprio Eu às pessoas que a rodeiam, e, às vêzes, se aflige ao pensar que, mostrando determinadas faces de sua vida ou de sua personalidade a diversas pessoas, em diversas circunstâncias, acabará por se desnudar moralmente, embora pouco a pouco. (As camadas em que se desfaziam seus dentes).

● **ROSÁRIO (Rio)**

SONHO: — Você atirava num lago, com absoluta serenidade, uma moça que havia roubado dinheiro de sua irmã. Sabia que ela não conseguiria salvar-se e não tinha o menor remorso, perguntando-se, intimamente: — Será que ela morre mesmo?

INTERPRETAÇÃO: — Como você duvida de si própria! Deve ter sido espoliada de qualquer coisa (dinheiro) e tem tentado por todos os meios afastar de sua mente e de seu coração a idéia da vingança. Como tem uma boa formação moral, seu desejo seria esquecer (afogar) alguma triste recordação.

CORRESPONDÊNCIA PARA ESTA SEÇÃO: Maria Paula — REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

# A SENHORA DEPUTADA

Conto de
WENCESLAU ROSAS




NAQUELE dia a situação do casal sofria um sério colapso. Logo ao amanhecer o pacato Gustavo apanhou o jornal na banca da esquina, caminhou para o apartamento, foi ler as notícias na sala de jantar. Fêz um gesto de enfado. Falou alto: — «Política, sòmente política».

Estava farto. Durante o dia, no Ministério, só ouvia comentários em tôrno de assuntos políticos. Seus companheiros discutiam, tomavam partido, davam palpites acêrca do futuro candidato à presidência da República. As vêzes, tomavam o problema a sério, davam a impressão de que iriam brigar.

Gustavo era indiferente às opiniões, não tinha candidato. Pouco importava os nomes. A vida não mudaria, tinha que agüentar de qualquer modo. O que lhe sobrava era o trabalho monótono, estatísticas, informações. Tinha mulher, três filhos pequeninos, e por cima de tudo a sogra. Que lhe importava a política?

Deixou o jornal numa cadeira, espreitou a porta que dava para a cozinha. Queria o café. E Madalena atrasava, como sempre. Impaciente, chamou pela espôsa: vem ou não vem, Madalena?!

E Madalena apareceu, trazendo o bule, a leiteira. Falou irritada. «Que pressa é esta, hein?»

Gustavo não discutia, não gostava de discutir. Se tentava, logo ficava abafado pelo tumultuar de palavras da espôsa. Para que discutir? Não ganhava nada com isso.

Madalena serviu o leite, o café. Deixou explodir a irritação. Pois era aquilo, todo o dia: levantar, fazer o café, o almôço, cuidar da casa, passar a roupa. Estava farta.

— Sim, estou farta de tudo isto! Estouro um dia.

— Ora, filha, não vale a pena lastimar-se. Não se ganha nada com isso.

Não ganhava, não; cada dia que passava era pior. Por que é que não arranjava um aumento de ordenado? Botaria uma empregada, descansava.

Gustavo tinha os cotovelos sôbre a mesa, as mãos espalmadas sôbre o rosto, um ar idiotizado na face. Pudesse, e arranjaria uma empregada, duas. Mas arranjar de que jeito?

— E' um buraco, filha. Mas que se há de fazer?

Madalena foi ao quarto ao lado, trouxe os dois filhos menores. Um era ainda de meses, loirinho; o outro tinha dois anos, já travesso, andando pela casa. O mais velho, sempre doente, ficava na cama até tarde, entregue aos cuidados da avó.

Gustavo apanhou o pequerrucho, segurou-o um instante; em seguida devolveu-o à mãe, ergueu o outro; beijou-o. Durante alguns minutos girou pelo apartamento, fazendo festas ao garotinho. Depois olhou o relógio — oito e vinte. Tinha que sair, chegar às nove no Ministério.

Atraiu a espôsa, beijou-lhe a face. Pôs o garôto no assoalho. Apanhou a rua, acendeu o cigarro.

*

Madalena sentou-se junto à mesa, apanhou o jornal. Pôs-se a ler. Acompanhava os assuntos políticos. Gostava daquilo, trazia no sangue a vocação para a política. Seu pai havia sido chefe do P.R.M. no Estado de Minas; sustentara várias lutas, fizera muitas eleições. Lembrou-se das brigas, das competições. Tinha que gostar da política, aquilo era coisa de família.

Sua velha mãe abriu a porta do quarto, trazendo o netinho mais velho pela mão. O pequeno abraçou a mãe, rumou depois para o banheiro, acompanhado da avó.

Madalena ficara como que pregada no mesmo lugar. Olhava o céu através da janela, um céu muito azul, faiscante. Pensava.

Quando a mãe se lhe aproximou de novo, ela falou: «Sabe de uma coisa, minha mãe?» — E sem esperar resposta foi logo dizendo:

**(Cont. na pág. 48)**

Ilustração de **ROSNY**

# Um Príncipe em minha Vida

Novela de MICHEL DAVET



CAPITULO XVIII

— Pois se tranqüilize. Eu não o olharei mais... Você está queimando. Sei o que é isto. Está com febre, como sucedeu uma noite quando Malique voltou da feira. E' preciso recomendar à sua velha criada para fazer-lhe um bom fogo e agasalhá-lo bem.

Êle repetiu estas últimas palavras e os seus dentes batiam uns nos outros a tremer. Eu o sustinha para que seus pés não resvalassem nos socalcos, enquanto meu coração se engolfava em ternura e em secreto orgulho, orgulho de estar servindo de apoio ao meu príncipe, apoio de que êle reconhecia a fôrça, como o de uma mãe muito terna cuja doçura o acompanhava em seu sinho.

Fui com êle até à porta de seu castelo. Ali êle me deixou e correu para o interior; voltou-se e, vendo o céu claro, disse-me:

— Você voltará amanhã, Bertille. Como vê, não estou doente, não tenho nada. Chegou-se depressa para mim, enquanto uma voz saía das sombras do castelo. Êle beijou minha mão rápido, como sempre fazia, e se afastou para dentro do edifício enorme.

E eu ouvi uma voz que dizia:

— Ah! paizinho! Eu o procurei tanto! Não gosto de vê-lo fora de casa em dias de tempestade!

Meus carneiros estavam todos reunidos ao fim do caminho. Kisette, ao lado dêles, cheirava a erva sêca com um ar desamparado.

Nesse instante desabou a chuva em grossas bátegas.

Durante alguns dias depois que estive a sós com o meu Príncipe naquela tempestade, êle se mostrou muito terno para comigo. Muito doce e meigo. Era êle que parecia tremer diante de mim, e, por várias vêzes eu surpreendi seu olhor desconfiado a fitarme, um olhar que me fêz mal.

E lhe perguntei:

— Você está desgostoso? Por ventura eu lhe fiz algum mal?

— Bertille, Bertille! Você me ama? Você me defenderá se alguém vier atacar-me, e me dará tôda a sua vida?

Volvi meus olhos para os seus olhos magníficos que pareciam opressos por tudo o que me perturbava o íntimo, desejosa de adorá-lo, atormentada, inquieta, precisando sofrer para que êle pudesse compreender-me. Êle me chama então «avezinha», e me beijava com um beijo triste no qual eu não sentia amor, mas o sabor da desgraça. Quando êle me falava eu tinha que concentrar todo o meu ser a fim de compreender o que êle ocultava por detrás de suas palavras obscuras e qual era o segrêdo de sua vida.

— Você, Bertille, não pode saber dessas coisas, você que é uma criatura simples como um passarinho, não pode imaginar o que é ficar grande, viver sòzinho, iludido por todos, sempre forçado a desconfiar, sentindo mêdo, vendo inimigos nas próprias pessoas de sua casa! Eu tive que fugir, pois que êles queriam envenenar-me! Em todos os países, em todos os recantos mais recônditos, eu os encontrei, interessados em minha perda porque estavam invejosos de mim. Em tôda a minha vida êles estarão a perseguir-me, por todos os cantos, por todos os lugares...

Eu meditava na desoladora sorte de ter nascido grande e belo e viver assim, e procurava, sem aprofundar os mistérios de minhalma, palavras que pudessem consolá-lo:

— Aqui ninguém é mau... Além disso, eu o amo... E' sempre muito bom ser amado seja por quem fôr. Num domingo, quando você quiser, nós nos casaremos. Teremos então uma casinha modesta com glicínias nos muros e, no quintal, um curralzinho de cabras. Meu amor, meu amor! Como é tão simples o amor e a felicidade!

Mas, ao invés de sorrir êle baixou a cabeça, como se quisesse evitar-me. Eu vi duas lágrimas hesitantes à borda de suas pálpebras. Elas rolaram e se perderam; mas êle não percebeu que eu as havia visto.

x x x

Eu daria tudo para saber as razões de seus sofrimentos morais. O seu estado de abatimento me dilacerava o coração. Como jamais eu imaginara que um homem pudesse chorar, suas lágrimas me pareceram pejadas de mistério, terríveis, incompreensíveis perante minha simplicidade de espírito. Durante a noite, se o vento sacudia a porta e fazia ranger os gonzos gastos pelo tempo; se eu ouvia qualquer ruído semelhante a um soluço; a chuva gorgolejar nas biqueiras; se a friagem da noite me envolvia sob os lençóis, era para êle que a minha inquietação voava, as minhas sensações de mêdo e de sombrios pensamentos. Por vêzes os meus olhos não se fechavam durante a noite, febris e em vigília, fixados numa sombra gigante que se desenhava ao fundo do quarto: ela não se movia; tinha o ar de quem espera...

Eu sonhava com as coisas que êle me dizia:

— Bertille, Bertille, olhe para o céu! Não vê nele, a desfilar, com suas luzes, jovens coroadas de flores? Um dia, talvez muito próximo, quando eu para lá fôr, elas virão para mim em longas filas, e eu me deixarei embalar por suas canções, pois que é perto delas e na paz eterna, que as almas sequiosas e desconhecidas encontrarão repouso e glória que a terra não pode dar... Atenção, atenção. Você vai esmagar êsse sapo na relva. Êle é porco, sujo, atacado de lepra e vai cobrir de baba os seus tamancos. Eu gostaria de ser esta besta imunda que não tem sensibilidade, que não sofre na carne, nem tem inquietude no espírito. A inquietude é o mais atroz dos inimigos... Para que olha você assim as árvores? Não sente você assim como um martelo, um martelo que bate no crânio, com pequenos e repetidos golpes? E depois se sente ruir como se fôsse um velho muro...

E dizia ainda:

— E' apaixonante ver a vida das formigas! Veja como elas correm em busca de seus alimentos e de seus amôres, iguaizinhas aos homens, e sentem as mesmas necessidades, os mesmos desejos que as levam a dormir, amar, sofrer, criar através de seus sofrimentos, uma nova geração que refará o que elas fizeram.

E ficou então parado, o olhar fixo:

— Bertille, em nome do céu, não me deixe agora. Você me ouve e vê. Você tem mêdo também, como Nototchka! Ah! ah! Como as mulheres são frágeis e crédulas.

Depois, a sombra desapareceu.

CAPITULO XIX

Malique não mais me atormentou para saber que eu ia encontrar-me com êle em nosso lugar costumeiro entre as árvores. Comecei a sentir que seu amor se diluia e que Malique aos poucos se afastava de mim. Chamei-o, um dia:

— Malique, vem ajudar-me a erguer a roseira branca, pois a última chuva a derrubou por terra.

— Eu tenho é vontade de cortá-la bem rente ao solo, pois essa roseira está prejudicando, com sua sombra, as hortaliças.

— Minha roseira?... Mas você perde a cabeça, Malique!

— Oh! Minha cabeça é melhor que a sua; ela sabe manter-se sólida e honesta, como é preciso!

E se afastou a assobiar, mas eu o agarrei pela blusa, num salto:

**RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA**

**Bertille, orfã de pai e mãe, fôra criada por uma tia velha Manoue, em casa de quem acolhera um outro desventurado, Malique. Era êste mais velho do que Bertille, e entre ambos se desenvolveu um amor misto de carne e espírito. Quando Manoue morreu, o padre da aldeia aconselhou a Malique que a desposasse, a fim de evitar murmurações. Mas o rapaz não sabia como resolver, pois Bertille era como uma irmã. Contudo, êle a amava e se sentia enciumado com uns amôres que ela arranjara com um vizinho rico, seu "Príncipe encantado". Por sua vez ela também se mostrava enciumada com as chegadas tarde da noite de Malique.**

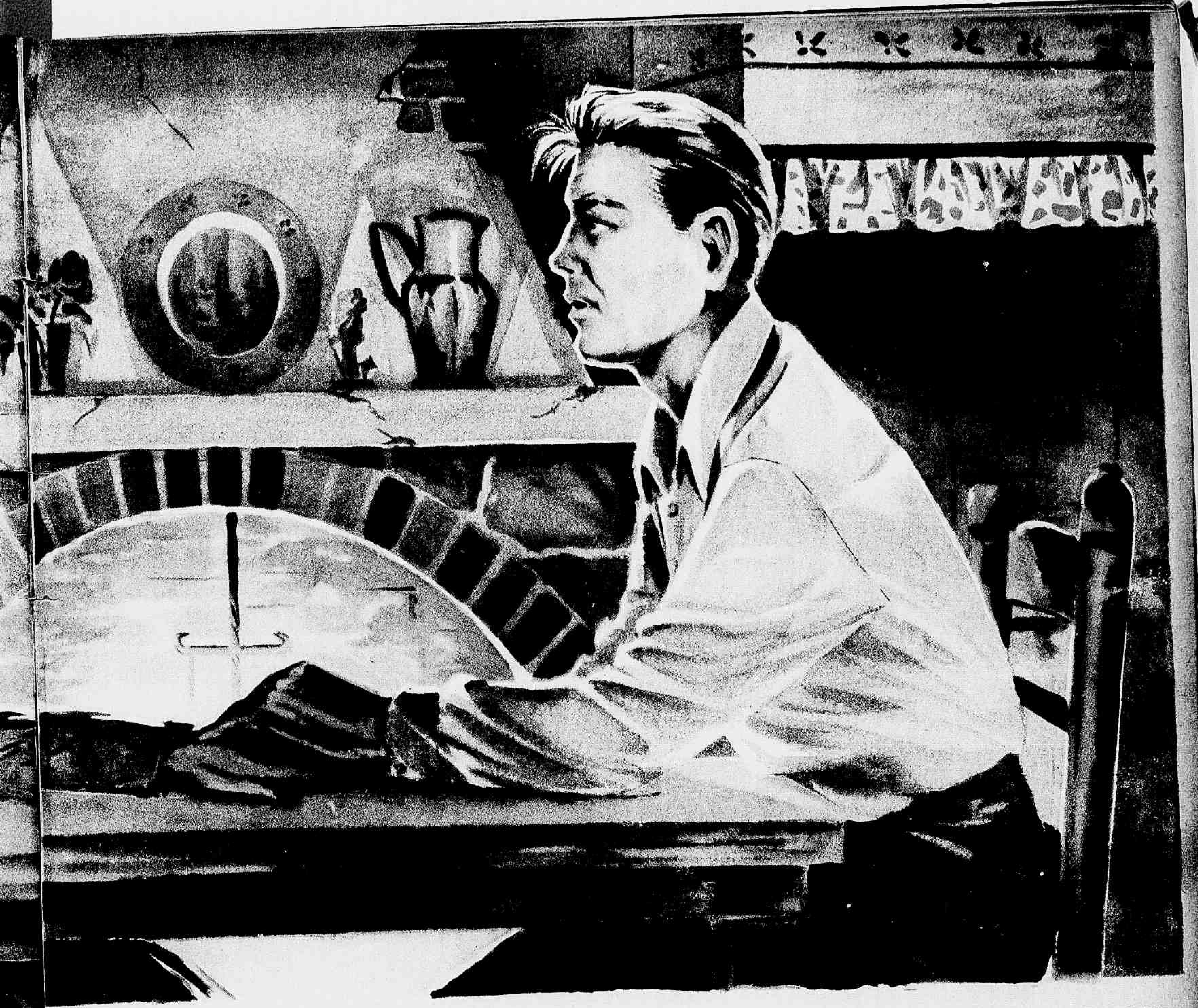


Ilustração de **RAMON**

Tradução de **RENATO DE ALENCAR**

— Honesto! Honesto, hem? E' a mim que você diz isso?...

Minhas faces queimavam. Êle me fixou sem dizer palavra e afastou de si, sem violência, minhas mãos crispadas e continuou seu caminho a assobiar sua canção. E eu não sabia o que era preciso chorar naquele que se afastava de mim; se o irmão de outrora, se o amor que eu havia desprezado!

Um domingo, ao sair da missa, eu o esperava na estrada a conversar com algumas daquelas mulheres, as velhas mulheres que conheceram Manoue. Eu não gostava de ficar sòzinha lá em casa.

De súbito eu o vi encostado ao muro do cemitério, sob as nogueiras a conversar com uma jovem.

Ela lhe falava e êle ria de bom humor, quanto todo contente aspirava as pétalas de uma flor que ela lhe devia ter oferecido. Eu procurei disfarçar a fim de mostrar que não o estava esperando, nem sofrer por vê-lo com a outra. Então continuei muito depressa o meu caminho, e quando estava só em casa, deixei que todo o meu sofrimento, todo o meu desgôsto se apoderasse de mim, sem que eu procurasse detê-lo, para não sentir a desolação. E murmurei:

— Uma mulher aqui em minha casa! Uma loura para tomar conta da louça e dos móveis... e de Malique! Não! Não! Não é possível!

Malique assobiava quando entrou em casa, o paletó ao ombro, as faces avermelhadas pelo sol do meio-dia.

— Ah! Até que enfim a encontrei! Eu a estava procurando para saber se quer ir comigo e a Henriette até à floresta, naquele local em que você teve aquêle sonho... Imagine que fomos encontrar ali um homem quase morto... a babar. Henriette lhe colocou um jornal sôbre a cabeça e partimos depressa, para evitar que êle percebesse que o víramos, aquêle pobre desgraçado! Não é preciso ficar junto a um homem que cai assim... pois, segundo se diz, traz infelicidade... Eu não sei quem seja êle... Mas parece um estrangeiro pelo seu trajar...

Mas eu não ouvia o que êle me dizia, pois só prestara atenção à flor que êle trazia prêsa à blusa:

— Quem lhe deu esta flor?

— Henriette.

— Aquela de cabelos vermelhos? Ela não me agrada...

— Cabelos vermelhos? Nada disso: cabelos louros. Mas eu gosto de olhar para ela. Acho-a bela.

E começou a rir, feliz de mostrar-me que se sentia contente. Mas eu o detive num instante:

— Malique! Você esqueceu de dar corda ao relógio!

Tôdas as vêzes que êle subia ao tamborete para dar corda ao relógio que parara a mesma lembrança se interpunha entre nós: era a recordação de Manoue. E' que ela, sempre que não ouvia o tic-tac do relógio, pedia a Malique, a mão alçada para o velho móvel de tantas gerações da família:

— Malique, meu filho, o relógio quer comer, dê-lhe algo que o anime!

E, lá de longe, ela ficava a olhá-lo, mãos cruzadas sôbre o avental negro, contente por ter naquele rapaz um filho tão leal e bom como se fôsse saído de suas próprias entranhas.

Relembrando isso, Malique ficou sério, suspirou e disse:

— Pobre avòzinha e pobre de nós. Tudo mudou depois que ela partiu para sempre!

Malique não me olhou, mas eu percebi no tom de sua inflexão, como que uma censura diretamente a mim.

x x x

— Eu a adoro, Bertille!

Eu o ouvia, os olhos semi-cerrados. Quando meu Príncipe dizia assim: «Eu a adoro, Bertille!» lançando sôbre mim suas palavras ardentes, cheias de amor como uma prece, como chamas de paixão, eu ficava ereta e pálida, perdida dentro de minha felicidade, tal como uma imagem da Virgem a quem se implora, até que, saindo de meu nicho, de santa, eu me inclinava para êle a fim de receber seus beijos.

Mas, naquele dia, êle disse: «Eu a adoro, Bertille!» com uma voz que parecia desfalecer. Cabeça baixa êle meditava como um homem que a tudo abandona. Ah! Eu tinha visto Manoue morrer inteiriçada em seu leito, e por isso eu pensava que, dali por diante, poderia ver qualquer cousa sem tremer. Mas, quando êle volveu para mim seu rosto branco, atormentado por uma agonia imensa, compreendi que a tôdas as minhas recordações de amor e de morte, aquela visão trágica ultrapassava em emoção. Seu rosto, naquele instante não era mais que um semblante de mártir, no qual sòmente os olhos viviam, aquêles olhos que, desde o primeiro momento me haviam conquistado.

— Bertille! Meu anjo querido, minha boa fada, é preciso que você volte...

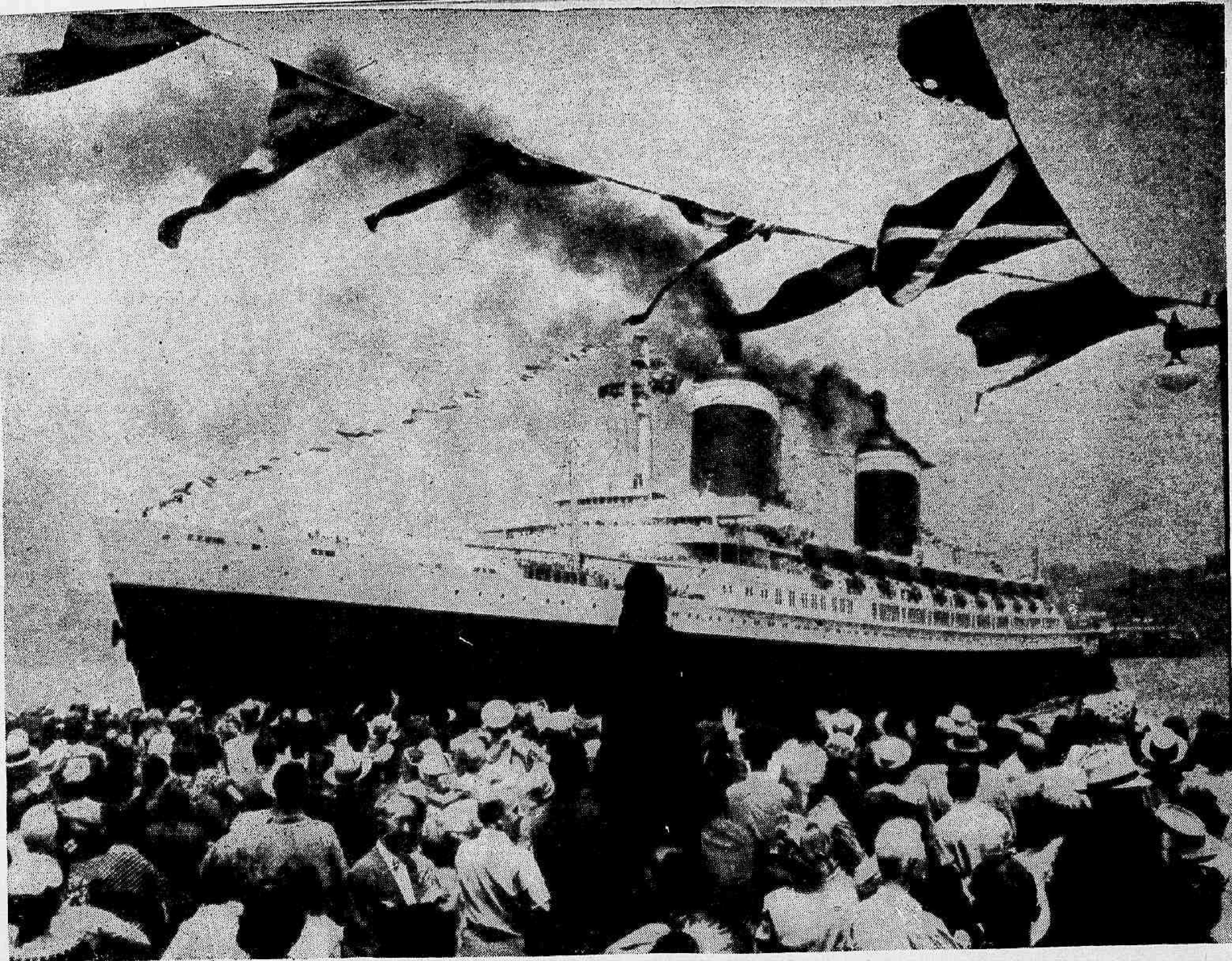
— Ir-me embora? Mas ainda não é hora de eu voltar! Ainda temos sol!

**(Cont. no próximo número)**

# iaparelli...



*Que encanto e que comodidade estas calças em shantung com os largos bolsos drapeados. O busto em jersey verde vivo.*



**Êste é o majestoso transatlântico «United States», momentos antes de largar do pôrto de Nova York para sua grande travessia do Oceano Atlântico, sagrando-se — nesta ocasião — o novo campeão dos mares, com o tempo «record» de dez horas e dois minutos para o percurso.**

# O NOVO CAMPEÃO DOS MARES

## O «UNITED STATES» BATEU O «RECORD» DO «QUEEN MARY» ★ OS ESTADOS UNIDOS RECUPERARAM A «FITA AZUL» DA TRAVESSIA DO ATLÂNTICO NORTE

ERAM 6 e 16 da manhã de 7 de julho de 1952. Os dois mil passageiros do «United States» dançavam suas últimas horas de bordo, depois de uma noite de gala a bordo do grande transatlântico, quando foram surpreendidos com silvos de sirena tocados por Miss Margaret Truman, uma das passageiras. Era o sinal de que o «record» da travessia do Atlântico, em poder do «Queen Mary» desde 1938, acabava de ser batido pelo «United States» em dez horas e dois minutos. O famoso barco, no valor de vinte e cinco milhões de libras esterlinas, havia coberto o trajeto de 2.992 milhas entre Ambrose Light e Bishop Rock em três dias, dez horas e quarenta minutos; a média da velocidade se elevara a 35,59 nós ou 41 milhas por hora. A melhor média alcançada pelo «Quen May» fôra de 32.08 nós.

O Comandante Manning disse: «Não me esforcei particularmente para levantar o «record»; mas êste navio caprichou com a sua velocidade». E' crença, porém, que o barco foi construído com a premeditação de vencer tais «records», bem como poder enfrentar nevoeiros e tempestades. Durante a festa a banda de bordo executou o «Stars and Stripes», seguindo-se diplomàticamente de «God Save the Queen» e da «Marseillaise». Sua construção podia não dar em resultado a rapidez dos «records», mas, por outro lado, ofereceria a mais absoluta segurança, pois o grande e belo navio tem cem por cento de garantia à prova de fogo. Tais aperfeiçoamentos poderão torná-lo menos simples; mas o ar que ali se respira, clinicamente puro, a cozinha eletrônica, ar condicionado e as modernas camas dos camarotes, alimentação puríssima, etc., compensariam qualquer fracasso em demorar mais tempo na travessia do Atlântico.

Entre alguns passageiros, dentre os quais vários norte-americanos, comentou-se a particularidade de os serviços de bordo e seu confôrto não coincidirem com a rapidez da travessia. Mas isso se explica perfeitamente, segundo esclarecimentos irrespondíveis do comissário de bordo. O caso é que muitos tripulantes do novo campeão dos mares foram admitidos apenas com duas semanas antes de o mesmo estrear nessa viagem sensacional, e todo mundo sabe que, para um navio de tal porte, sòmente depois de umas seis viagens é que os empregados de bordo estarão habilitados a servir com perfeição os milhares de passageiros dêsses gigantes do Atlântico. A comparação entre o que se passou na primeira viagem do «States» e os «Queens» deixa de ser aceitável cem por cento, em face da desproporção do tempo de uso do primeiro em relação aos outros já veteranos na profissão de transportar gente de tôdas as classes, mas, especialmente, as da aristocracia e do alto mundo social e financeiro.

Mas a proeza do novo «liner» americano foi festejada nos Estados Unidos como um dos maiores acontecimentos para robustecer o orgulho nacional. Desde 1840 que a «fita azul» vinha cabendo, ora a navios inglêses, ora a barcos americanos. Em 1892, estava o «record» em poder do «City of Paris», um transatlântico dos Estados Unidos, de 10.500 toneladas, com a travessia do Atlântico Norte feita com a velocidade máxima para o tempo de 20.49 nós. Êsse barco batera o «Teutonic», de 9.686 toneladas, com a média horária de 20.07 nós. A margem fôra, pois, pequena; mas o navio americano conquistara a ambicionada flâmula de «campeão» dos mares. Sucedeu, porém, que em 1893, o **Campania**, barco inglês da **Cunard** retirou-lhe a fita azul, fazendo a média de 20.52 nós horários. E de então para cá, nunca mais brilhou a estrêla da velocidade nos mastros dos vapores americanos! Sessenta anos de ostracismo.

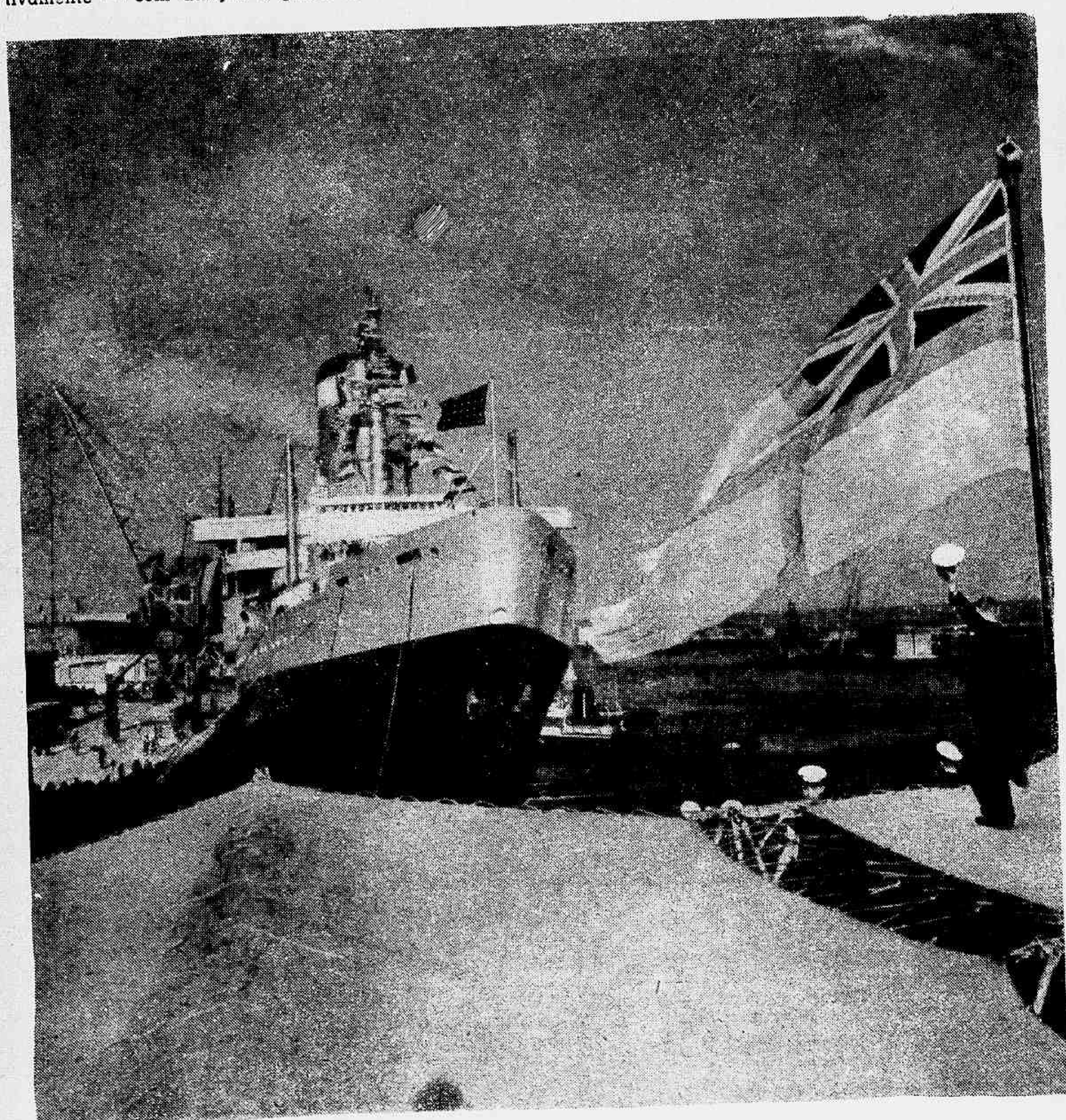
Em 1897 coube a vitória ao «Kaiser Wilhelm», navio alemão de 19.950 toneladas, com a média horária de 22.0' nós, arrebatando a fita azul do «Campania». De então até agora, revezavam-se os triunfos entre as marinhas mercantes da Alemanha, Inglaterra, Itália e França, nada cabendo aos Estados Unidos. Em 1935 era ao «Normandie», o maior navio do mundo até

# O NOVO CAMPEÃO DOS MARES





**Miss Margaret Truman, uma das passageiras, quando agitava a sinêta anunciando que o belo barco havia transposto o «record» da travessia do Atlântico. Depois de uma noite de gala, os passageiros saúdam festivamente — com danças e gritos de entusiasmo — o faustoso triunfo conquistado pelo novo rei dos mares.**



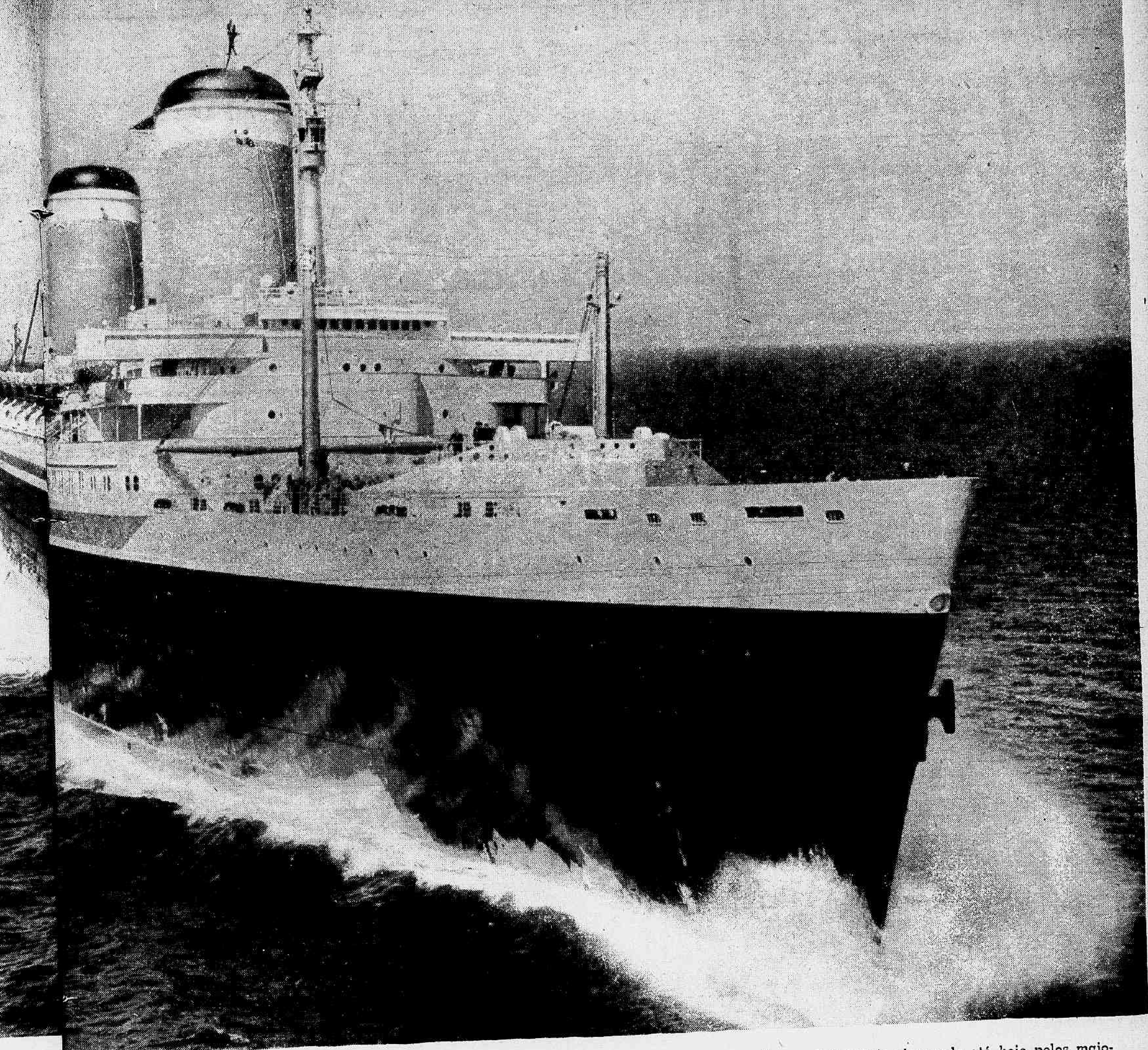
**O famoso barco é o mais veloz transatlântico do mundo. Aqui o vemos antes do sensacional feito, ainda ancorado no pôrto de Nova York. O «United States», o novo «liner» americano, possui uma técnica especial de construção, com tôda maquinaria moderníssima, o que traduz confôrto, segurança e primoroso luxo.**

**O gigantesco navio num flagrante res e mais célebres transatlânticos trutor, Cap. Harry Manning, à esq.;**

hoje lançado aos mares para transportes de passageiros, com mais de 83 mil toneladas e a velocidade «record» de 29.98 nós. No ano seguinte, cabia ao «Queen Mary», inglês, de mais de 80 mil toneladas, ficar com a fita azul, quando desenvolveu 30 nós redondos e a travessia em menos tempo.

Estava, até hoje, o «record» com o «Queen», o qual fôra aumentado de tonelagem, ficando com 81.237. Sua média era de 30.31 nós. Os Estados Unidos não se conformavam com a derrota de 1892 e tudo vinham fazendo para recuperar a fita azul da vitória. Lançado ao mar o enorme «United States», na sua viagem inaugural para a Inglaterra, êle desenvolvia a enorme velocidade de 35.5 nós, (41 milhas) ultrapassando o último «record» do «Queen Mary», que fora de 32.08 nós.

A notícia teve nos Estados Unidos e na Europa a maior retumbância. A América do Norte, líder em tantos sentidos, também voltava a sê-lo neste, que perdera havia sessenta anos. Já



spetacular, quando, desenvolvendo uma grande velocidade, rompe as distâncias, batendo o «record» mundial jamais alcançado até hoje pelos maioropeus. A média de velocidade se elevara a 41 milhas por hora. O comandante do novo titã dos mares, durante a viagem, palestra com o eng. consdireita, William F. Gibbs. A construção do luxuoso paquete está avaliada em milhões de dólares. E' a última expressão da arte naval moderna.

não são os americanos os líderes da tonelagem mercantil de todos os mares, com 27.300.000 toneladas, contra o total da Inglaterra, de 18.550.000. Antes da última guerra estava com os britânicos a liderança, com seus .... 17.700.000 toneladas, enquanto os Estados Unidos tinham apenas 11.500.000.

E' curioso destacar que, em 1947, o Presidente Truman anunciou à nação, estar disposto a mandar construir dois transatlânticos de 50 mil toneladas, a fim de arrebatar a fita azul em poder dos inglêses. Esclareceu o presidente que o assunto não era apenas comercial, e sim nacional, envolvendo o prestígio do país.

O que desejava Truman sucedeu de forma espetacular. Mas, qual será a reação da frota mercante inglêsa, liderada pela famosa «Cunard»? Êles não se resignam a ficar por isso mesmo, e vão tratar de recuperar a fita azul arrebatada pelos Estados Unidos. Os técnicos já se reuniram e trocaram idéias sôbre a possibilidade de um dos «Queens» retomar o troféu. Acham muitos que o «Queen Mary» não tem capacidade para a proeza; mas o «Queen Elizabeth» poderá perfeitamente executar o programa e restaurar o prestígio da marinha mercante britânica, vencendo o último «record» americano.

Todos os povos da Europa, excetuada a Alemanha e os países da órbita russa, estão fazendo a maior fôrça para atrair turistas, especialmente os norte-americanos, que vão para lá deixar milhões de dólares. A Inglaterra, cujas finanças não comportam veleidades e imprudências, vê na corrente turística lá para a sua ilha, um dos mais oportunos motivos de conseguir recursos para continuar no aparelhamento de sua marinha comercial, através do que muito bem poderá construir um novo barco e conquistar a fita azul mais uma vez.

De tôdas as competições internacionais, é esta uma das mais interessantes, empolgando meio mundo.



# MÃOS AO ALTO! ... e os gangsters foram derrotados pelo caixa!



A rua de Maubeuge, 100, em Paris, foi teatro de cena que poderia servir de exemplo para os Caixas dos Bancos norte-americanos. Em menos **de quatro** minutos, um caixa de uma casa de câmbio pôs em fuga dois bandidos que, armados de revólveres, sùbitamente o atacaram, com a célebre ameaça: mãos ao alto! Monsieur Roland Chapuis teve uma calma extraordinária. Levantou os braços, mas foi dizendo nas bochechas dos rapazes, dois jovens talvez estreantes no crime: Vocês são ridículos, francamente. Dêem o fora, vocês me fazem rir!

E quando menos esperavam, deu um pulo para trás e, apanhando uma bengala de junco com uma ponta de martelo, brandiu-a com violência no punho do bandido, fazendo saltar o revólver da sua mão. Os bandidos avançaram para êle, tentaram subjugá-lo. Mas o Caixa da casa de câmbio não se intimidou. Aos gritos, aproximando-se gente, os rapazes fugiram. Êsse exemplo de reação devia frutificar nos Estados Unidos, onde ao simples grito de mãos ao alto logo entregam os pontos. Bravos Monsieur Chapuis! BRAVO...



Glauco Lombardi, o apaixonado historiador italiano, revive um romance de amor, conservando acurada solicitude à história de Maria Luísa, a segunda espôsa do imperador Napoleão Bonaparte. Aqui o vemos diante da linda relíquia que é um precioso quadro de sua bela imperatriz.

# O ÚLTIMO AMOR DE *Maria Luísa*

A SEGUNDA ESPÔSA DE BONAPARTE E SUA ROMÂNTICA LIGAÇÃO AGORA FOCALIZADA POR UM HISTORIADOR

A SEGUNDA espôsa de Napoleão Bonaparte, foi uma das mais belas mulheres de seu tempo. Filha de Maria Teresa de Nápoles, nasceu Maria Luísa em Viena, no ano de 1791. A jovem princesa de Absburgo-Lorena era inteligente e tivera uma acurada educação. A exemplo de seu pai aprendera a odiar os franceses. Mais tarde não lhe valeram as lágrimas contra as razões do Estado e teve que se submeter à imposição de receber o orgulhoso imperador dos franceses por marido.

Maria Luísa levou para o tálamo nupcial a glacial indiferença e nem mesmo o nascimento do rei de Roma dissipou-lhe a aversão que nutria pelo seu espôso. Bonaparte, nunca conseguiu compreender o caráter de sua mulher, tão distante dêle por educação e tradição, por isso também nunca a amou.

Quando a catástrofe desabou e Napoleão se refugiou na prisão de Elba, Maria Luísa encontrou na separação um triunfo, voltando incontinenti para Viena. No ducado de Parma viveu os seus últimos dias até a idade de 56 anos, ao lado do conde de Bombelles.

Hoje, Maria Luísa tem um novo amor. Não importa que a morte tenha jogado sôbre seu jazigo o esquecimento. Ela continua rediviva no romance amoroso de Glauco Lombardi. Desde adolescente Lombardi se enamorou de Maria Teresa, a impetratriz da França. Dedicou tôda sua vida a honrar a memória da loura austríaca. Depois de 50 anos de sacrifícios, de investigações apaixonadas e de



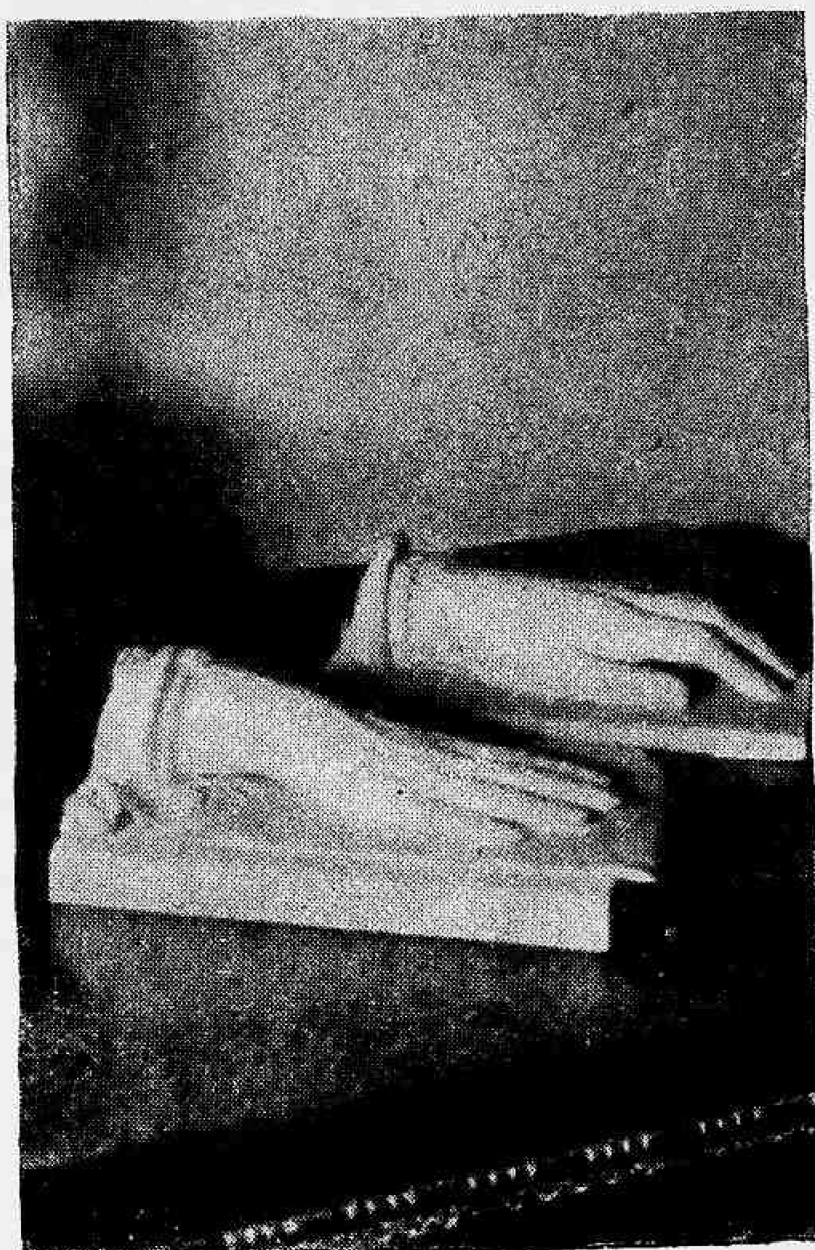
estudos profundos, o professor Lombardi recolheu na sua casa de Colorno, com raro discernimento e grande competência, importantes cimélios, os documentos mais secretos, os objetos mais íntimos, as mais belas obras de arte que pertenceram à «Condêssa de Colorno».

Devotado a êste único amor, Lombardi guarda, com extremosa solicitude, os objetos e os documentos que falam da infeliz mulher de Napoleão, de seu caráter e da sua personalidade muito mais que os livros de história.

Os vários documentos recolhidos pelo professor Lombardi ilustram tôda a vida de Maria Luísa, principalmente os seus últimos anos. Os seus cadernos, os seus diários escritos com uma caligrafia pequenina em três línguas diversas, a ordem em que estão, a escolha dos vocábulos descrevem-na como uma mulher circunspecta, controladíssima e um pouco fria, não obstante dotada de uma fértil imaginação e um certo senso de crítica.

A disposição organizada e bem ordenada de todos os pertences da duquesa de Parma revelam o seu caráter disciplinado e o seu notável bom gôsto. Horas a fio passou Maria Luísa no recolhimento de sua alcova, profundamente entregue aos seus pensamentos, encarcerada em suas reminiscências.

Assim nos descreve hoje, a paixão de Lombardi, evocando os pormenores mais reservados «daquela que foi a maior vítima de Na-





A mão de Maria Luísa e a do conde Neipperg, à esquerda; um colorido do precioso vestido ducal decorado com bordados de prata, pertencente a Maria Luísa. E' uma das raras preciosidades adquiridas pelo professor Lombardi. Os quadros, à direita, pertenceram todos à loura austríaca.

# O ULTIMO AMOR DE...



poleão». Com verdadeira paciência de beneditino, Glauco Lombardi chegou a colecionar todos êsses tesouros. Com uma dedicação de namorado sabe contar a origem e a história de cada objeto. Totalmente seduzido pelo encantamento da personalidade de Maria Luísa, fala de sua apaixonada como se ela estivesse a gozar de sua ternura, num mundo de delicioso amor.

O professor Glauco Lombardi é um perfeito gentil-homem e de uma simplicidade encantadora. Seu vasto conhecimento e erudição colocaram-no à frente do Instituto de Belas Artes de Parma. Hoje seu nome ficou para sempre ligado à história de uma das personagens mais discutidas no cenário político da França: Maria Luísa.

Com extrema afeição, o professor Glauco Lombardi uniu seu destino ao de Maria Luísa, amando-a com intensa paixão através de suas relíquias, raras preciosidades do patrimônio da mesma Civilização.

**Legítima representante da aristocracia do século passado, Maria Luísa era ciosa de sua posição: aqui os seus ricos pertences de viagem.**



**...tro objeto de valor que faz parte da coleção ... cimélios do prof. Glauco Lombardi: a valise ... campo que pertenceu ao grande Napoleão.**



**Uma caixa ricamente decorada que mostra o bom-gôsto da imperatriz. Era usada por Maria Luísa para guardar correspondência especial.**



**Um fino jôgo de cristal da Boêmia, ricamente decorado em ouro, completa os lindos objetos de Maria Luísa, cuidadosamente conservados.**

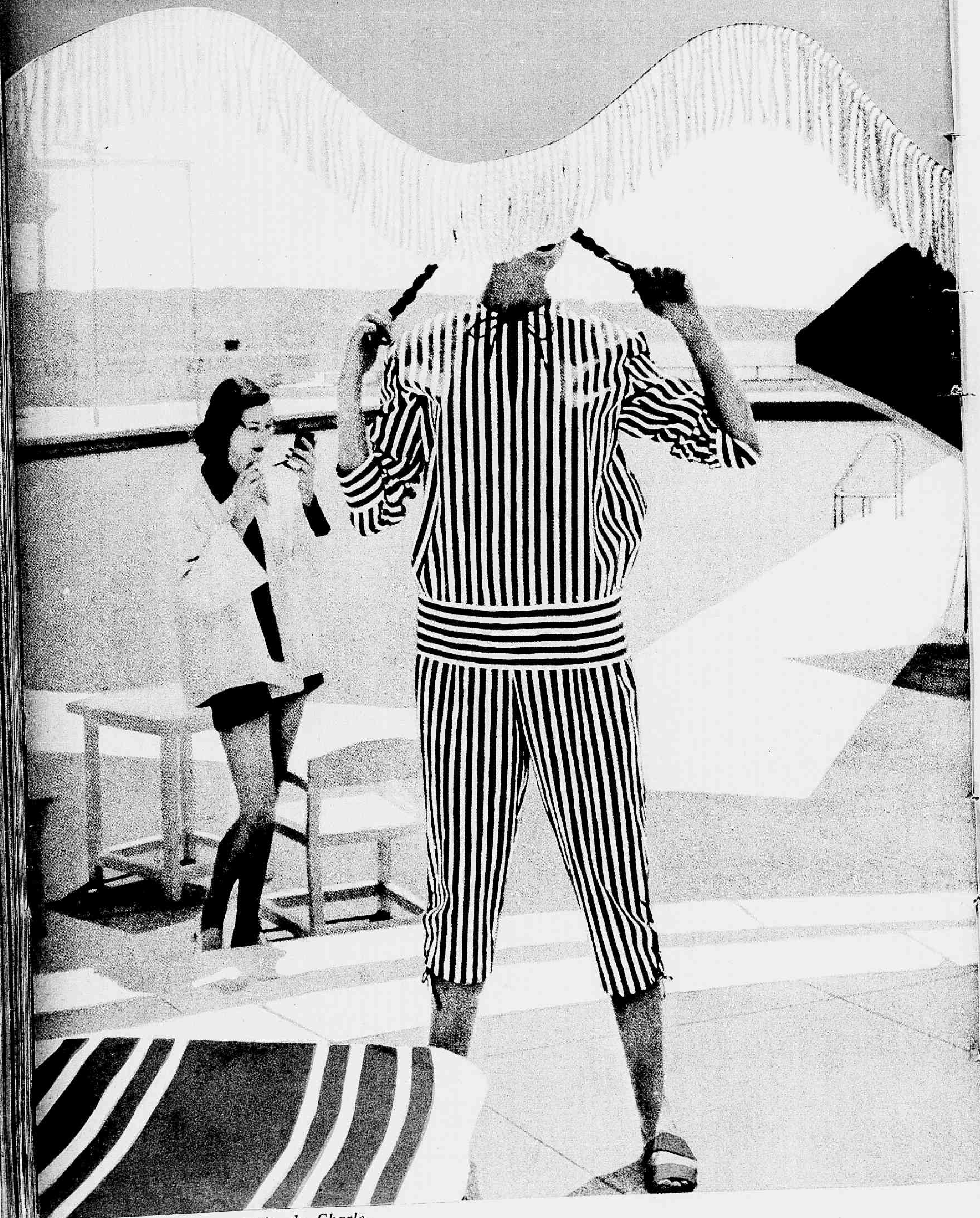
**LUCILLE MANGUIN**, entre os modelos para 1953, apresentados recentemente em Paris, exibiu dois elegantes trajes intitulados «L'Ogre», em jersey amarelo listrado de verde (bem brasileiro) e «Petit Poucet», em jersey azul e prêto e paletó de veludo «Cotelé».





# A NOVA MODA PARA 1953

**CHAPÉU DE COURO** — Quando as nossas coisas do nordeste parece que estão fazendo furor, em Paris, não é sòmente o Senador Chateaubriand quem exibe os trajes em couro de nossos vaqueiros da Paraíba. Paris acaba de inaugurar «O Salão do Couro» e tudo quanto dá no couro... isto é, tudo o que se pode fazer com o couro... dos outros animais, menos nós, foi ali exibido. Danièle, um manequim conhecido, apareceu com êsse chapéu de couro vermelho, intitulado Doge, criação de Claudine Villars. (Fotos AGIP)



*Originalíssimo conjunto de Charles Montagne, em popeline listrada azul e branco. Blusa em estilo marinheiro.*

# O VERÃO VEM AÍ!...



Êste sugestivo "short", de uma só peça, é uma criação de Schiaparelli, em algodão listrado vermelho e branco.



Vincent Menhert é quem sugere êste interessante "short" em algodão quadriculado prêto e branco.



"Vestal" é o nome que Simonnot-Godend deu a êste conjunto para a praia, em pano liso e estampado combinados.

# *o verão vem aí...*



*Marie-Rose Lebigot, apresenta êste audacioso "bikini" estampado, uma de suas mais recentes e originais criações.*

# Semana LITERÁRIA

## NOTÍCIAS DE S. PAULO

ANTÔNIO JOAQUIM de Almeida e Lúcia Machado de Almeida estiveram alguns dias em São Paulo. Lúcia Machado de Almeida vai publicar dentro de dois meses um «Guia de Sabará», com ilustrações de Guignard, e Antônio Joaquim de Almeida, como todos sabem, é o diretor do Museu do Ouro, em Sabará. A fim de serem homenageados tão ilustres visitantes, o poeta Reynaldo Bairão e o desenhista Darcy Penteado ofereceram, aos amigos mineiros, um coquetel em sua residência da rua Rocha.

★

ESTREOU FINALMENTE, no Teatro Brasileiro de Comédia, o grande espetáculo que reúne a «Antigone» de Sófocles e a «Antigone» de Jean Anouilh. A direção estêve a cargo de Adolfo Céli. Cacilda Becker e Paulo Autran estão nos principais papéis. Os cenários e figurinos foram idealizados e executados por Vacarini, Aldo Calvo e Rina Fogliotti. As máscaras, para o côro dos tebanos, foram feitas especialmente por Darcy Penteado. Guilherme de Almeida traduziu a tragédia de Sófocles.

★

CYRO PIMENTEL acaba de publicar o seu segundo livro de versos: «Espêlho de Cinzas», que reúne a sua produção poética de 1949 a 1950.

★

DIRCEU QUITANILHA está reunindo em livro os poemas de seus volumes anteriores (Canções dos Mares do Sul, Roteiro Perdido e A Inútil Espera) incluindo na coletânea, as recentes produções aparecidas em suplementos e revistas. Pretende, por outro lado, fazer a segunda edição do livro de contos «Novos Mundos em Vila Teresa», com o qual obteve o «Prêmio Afonso Arinos», da Academia Brasileira de Letras. Quatro Tempos de Poesia deverá aparecer no princípio de 1953.

## FORA DO PRELO

● **JOÃOZINHO E MARIA** — Cada álbum da série «História e Silhueta», das Edições Melhoramentos, compreende o texto completo de bonita história e reproduz, em gravuras, os trechos mais sugestivos. O leitor recorta os espaços em branco e os substitui pelo papel colorido que acompanha as páginas do álbum. Desta maneira, a criança forma interessantes quadros. Da coleção «História e Silhueta», da qual acaba de aparecer «Joãozinho e Maria», já foram publicados: «A Gata Borralheira», «Chapèuzinho Vermelho», «A Bela Adormecida», «Branca de Neve».

● **COMO TER BOA SAÚDE** — Haviam sido estampados, até aqui, na coleção de «Saúde para todos», os trabalhos «Vitaminas bastante, saúde constante», de Fonseca Ribeiro; «Como devo criar o meu filho?», de Olindo Chiaffarelli; «Nutrição», de Fern. Silver; «Guia para o paciente tuberculoso», de G. S. Erwin; «Como ter boa saúde», de Dieno Castanho. As edições Melhoramentos agora apresentam a segunda tiragem, atualizada com muito critério, de «Como ter boa saúde», consoante os mais modernos preceitos da ciência.

● **ÁRVORES FORRAGEIRAS** — Pimentel Gomes é um especialista conhecido. São de sua lavra «Irrigue seu sítio», «Enriqueça com um coqueiral», «Adubos e adubações», «Adube seu sítio». Manejando a pena com facilidade, semeia com argúcia as mais avançadas noções de lavrar e criar. De Pimentel Gomes tirou do prelo, há pouco, a Melhoramentos, «Árvores forrageiras», volume 21 do Abc do lavrador prático, páginas ilustradas e úteis pela soma de ensinamentos que difundem com muita clareza.

● **CRAVO BEM TEMPERADO** — Em primorosa edição, em prelo manual, da «Revista Branca», foi apresentado o poema de Oswaldino Marques, «Cravo Bem Temperado», obra enriquecida com ilustrações primorosas de Aldary Toledo. Mais de espaço, faremos um registro dêste livro

## NOTÍCIAS DIVERSAS

LYCIO NEVES NÃO É MAIS «MATA-RATO» — Notícias de Pernambuco informam que o poeta Lycio Neves, funcionário do Serviço Nacional de Peste, com o modesto cargo de «mata-rato», foi retirado dessas funções para trabalhar no escritório daquela repartição.

Essa promoção bastante justa, principalmente pela natureza do trabalho agora confiado ao jovem cultor de letras, resultou de campanha simpática da imprensa no sentido de colocar Lycio em um serviço de maior compatibilidade com sua inteligência e onde melhor pudesse colaborar mais eficientemente no S.N.P. Lycio mesmo nunca se incomodou com a modéstia das funções, exercendo-as com dedicação e aproveitando suas horas de folga para fazer versos e cultivar a vultosa correspondência com poetas do mundo inteiro. Nós todos, seus amigos, felicitamos tanto o poeta como o Serviço Público de Pernambuco, pelo acêrto da medida que deu um novo pôsto ao querido poeta nortista.

★

CINQUENTENÁRIO DE «OS SERTÕES» — Comemora-se, neste momento, em todo o país, o meio século da publicação de «Os Sertões», monumento das letras brasileiras, livro sem par em nossa história literária, tanto por suas qualidades de estilo, por sua originalidade, como pela importância do assunto nêle tratado.

Entre outras comemorações, devemos destacar aqui a edição, pela Melhoramentos, tanto do grande livro, como do volume segundo da série «Grandes Vultos das Letras», exatamente dedicado a Euclides e assinado por Moisés Gicovate.

UM AUTOR:

## GALEÃO COUTINHO



PASSOU a 17 de setembro o aniversário da morte de Galeão Coutinho, acontecimento dramático que tanto abalou o mundo literário brasileiro. Foi motivo, a data, para várias comemorações no meio intelectual bandeirante, onde mais nítida se fazia a presença e operava a multiforme interferência dêsse mestre da moderna prosa brasileira. Galeão Coutinho exerceu a crítica num dos momentos mais graves de nossa literatura, logo após o ano de 22, quando os rumos precisavam ser marcados e onde, ao lado de um invensário isento de nosso passado, se impunha uma segurança absoluta de julgamento, perante o presente, a fim de, desde logo, evitar-se a confusão. Foi, à época, a crítica de Galeão Coutinho das mais esclarecidas, das mais probas. Êle não se entregou à orgia demolidora, nem se ateve ao tradicionalismo que reagia também com violência, para se colocar à altura da sanha modernista. O equilíbrio do espírito, a isenção, o sentimento da missão da crítica, fizeram de Galeão um árbitro seguro, um extraordinário julgador, sabendo com acuidade assinalar os valores e apontar, no amontoado de direções, as pesquisas válidas e as experiências marcantes. A obra crítica de Galeão ainda não mereceu o interêsse que lhe devemos. Êle é justamente louvado e querido por seus livros de ficção e de crônica, dos que mais espelham o nosso tempo. De qualquer forma, seu nome ficou, entre os que mais se estimam no Brasil, por uma soma de virtudes que fizeram dêle um grande escritor, ao mesmo tempo que um grande homem.

UM LIVRO:

## "MOSCOU, IDA E VOLTA"

O LIVRO que todos estão lendo, neste momento é a sensacional reportagem de Edmar Morel, feita atrás da «cortina de ferro». O adjetivo «sensacional» aí está, não para dizer que Morel fêz sensacionalismo de tratamento, mas justamente porque essa reportagem causa grande sensação. Isto por dois motivos principais: primeiro, pelo fato de um repórter brasileiro ter realizado êsse inquérito; segundo, pela absoluta isenção de que se armou Edmar Morel, tratando dêsse estranho mundo soviético, denegrido por uns e exaltado por outros, tudo feito à base primária da paixão política, pró ou contra.

Edmar Morel, que se especializou nesse difícil gênero de jornalismo literário, não teve conversa. Tomou o comunismo em ação, nos países sovietizados, como se abordasse o tema mais familiar, nada lhe servindo a embaraçar os movimentos, nem a esfumaçar os olhos. Viu e disse o que viu. Seu livro, sob êsse aspecto, é impressionante de verdade, de eloqüência convincente. Essa verdade nós a sentimos, na unidade dos capítulos que formam êste livro, mais do que antes, nas publicações avulsas que vários jornais inseriram, durante essa viagem do autor. Agora, temos uma visão de conjunto, o desenvolvimento natural do inquérito que se situa entre os mais importantes depoimentos de nossa época.

O livro se acrescenta com duas outras reportagens de sumo interêsse, principalmente pela maneira com que os assuntos foram tratados: a narrativa do coronel Valério (que matou Mussolini) e a conversa do repórter com Eda Ciano, a filha de Mussolini. Êsses depoimentos recordam os dias do fim do fascismo e nos mostram aspectos da guerra que, ainda hoje, ou mais do que à época, fazem estarrecer. Por tudo isto, «Moscou, ida e volta» (Pongetti, editor) representa uma contribuição inestimável ao melhor conhecimento do mundo atual, êste mundo que agora se acha dividido em dois, à véspera de colisão.—EDMUNDO LYS.

# PASSATEMPO

## LIDERGRAMA N.º 25

| | Conceito | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| A | Torna doido → | 8 | 53 | 100 | 69 | 130 | 27 | ■ |
| B | Salteador, malfeitor → | 125 | 13 | 57 | 120 | 49 | 63 | 79 |
| C | Escreve, para a imprensa periódica → | 110 | 2 | 65 | 83 | 21 | 47 | ■ |
| D | Ingresso, porta → | 11 | 34 | 109 | 44 | 136 | 98 | 74 |
| E | Sentimento piedoso; ato de ungir → | 94 | 23 | 59 | 117 | 99 | ■ | ■ |
| F | Explicação de um texto → | 62 | 6 | 75 | 134 | 26 | 91 | 84 |
| G | A voz do cão; latido → | 71 | 19 | 101 | 86 | 113 | 128 | 25 |
| H | Baixo; ordinário; desprezível → | 5 | 37 | 103 | 66 | 46 | 97 | 50 |
| I | Aquêle que pede esmola para viver → | 55 | 15 | 108 | 51 | 24 | 85 | 118 |
| J | Prestas atenção; acolhes → | 41 | 28 | 104 | 48 | 7 | 119 | 138 |
| K | Instrumento musical, feito de barro → | 4 | 32 | 64 | 127 | 56 | 82 | 111 |
| L | Enxugue → | 67 | 22 | 9 | 38 | 96 | ■ | ■ |
| M | Forma leve de teatro musicado → | 89 | 3 | 43 | 16 | 107 | 35 | 121 |
| N | Reunião, conjunto de objetos → | 68 | 17 | 123 | 131 | 116 | 60 | 20 |
| O | Relativo ou semelhante ao azevim → | 29 | 112 | 81 | 52 | 92 | 126 | 76 |
| P | Azedos → | 58 | 106 | 137 | 1 | 31 | 42 | ■ |
| Q | Ação de limpar → | 133 | 36 | 77 | 70 | 87 | 114 | 129 |
| R | Procurai saber, pesquisai → | 72 | 30 | 12 | 102 | 88 | 115 | 124 |
| S | Mato por asfixia → | 105 | 10 | 90 | 33 | 135 | 54 | ■ |
| T | O mesmo que mogno → | 18 | 39 | 80 | 45 | 73 | 93 | ■ |
| U | Que tem grandes ossos → | 78 | 95 | 122 | 40 | 14 | 61 | 132 |

| | | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | P 1 | C 2 | M 3 | K 4 | H 5 | F 6 | ■ | J 7 |
| A 8 | ■ | L 9 | S 10 | D 11 | R 12 | B 13 | ■ | U 14 | I 15 | ■ | M 16 | N 17 |
| T 18 | G 19 | ■ | N 20 | ■ | C 21 | L 22 | E 23 | I 24 | G 25 | ■ | F 26 | A 27 |
| J 28 | O 29 | R 30 | P 31 | ■ | K 32 | S 33 | D 34 | M 35 | Q 36 | H 37 | L 38 | T 39 |
| U 40 | ■ | J 41 | ■ | P 42 | M 43 | D 44 | ■ | T 45 | ■ | H 46 | C 47 | J 48 |
| B 49 | H 50 | ■ | I 51 | O 52 | ■ | A 53 | S 54 | I 55 | K 56 | B 57 | P 58 | E 59 |
| N 60 | U 61 | ■ | F 62 | ■ | B 63 | K 64 | ■ | C 65 | H 66 | L 67 | N 68 | A 69 |
| Q 70 | G 71 | R 72 | T 73 | D 74 | ■ | F 75 | O 76 | Q 77 | U 78 | ■ | B 79 | ■ |
| T 80 | O 81 | K 82 | C 83 | F 84 | ■ | I 85 | G 86 | Q 87 | R 88 | M 89 | ■ | S 90 |
| F 91 | O 92 | T 93 | E 94 | ■ | U 95 | L 96 | H 97 | D 98 | E 99 | ■ | A 100 | ■ |
| G 101 | R 102 | ■ | H 103 | J 104 | S 105 | P 106 | M 107 | I 108 | D 109 | C 110 | K 111 | O 112 |
| G 113 | Q 114 | R 115 | N 116 | E 117 | I 118 | ■ | J 119 | ■ | B 120 | M 121 | U 122 | ■ |
| N 123 | R 124 | B 125 | O 126 | K 127 | G 128 | Q 129 | A 130 | N 131 | U 132 | ■ | Q 133 | F 134 |
| S 135 | D 136 | P 137 | J 138 | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | Otaner-Rio | |

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para **baixo** as letras iniciais das palavras do quadro vertical veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras. E, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras.

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA N. 24 — RIBEIRO — CURIOSIDADES VERBAIS. — "Graças a Freud, os pobres no seu mundo inconsciente guardam tesouros maravilhosos, que por vêzes escapam em frioleiras verbais e em sonhos de ouro e papel."

# 1.º CONGRESSO DO. . .

(Cont. da pág. 13)

tes características: **a**) capital 100% brasileiro; **b**) realizado em estúdios e laboratórios brasileiros; **c**) argumento cinematográfico, diálogos e roteiro feitos por brasileiro ou estrangeiro radicado no Brasil; **d**) direção de brasileiro ou estrangeiro radicado no Brasil; **e**) falado em português; **f**) equipes técnica e artística que obedeçam à lei dos dois terços. II) Recomendação para a elaboração de um vocabulário comparado de têrmos cinematográficos. III) Recomendação para que os escritores e produtores tenham sempre em mente a utilização de temas nacionais, tendo em vista que isto significa fator decisivo para o progresso material do cinema brasileiro e para a valorização e a difusão de nossa cultura. IV) Recomendação para que se denunciem todos os tratados e convênios que dêem preferência a determinados países, em detrimento de outros, na importação de produções cinematográficas pelo Brasil. V) Recomendação para que os órgãos competentes estudem meios de facilitar o financiamento de filmes, através de bancos e entidades de crédito, tendo como base de garantia a própria renda a ser auferida pela exibição do filme. VI) Recomendação para que o Sindicato Nacional de Indústria Cinematográfica (?) entre em entendimentos com as autoridades militares e as fábricas civis já existentes para que se possa, em caráter experimental, fabricar celulóide estandardizado, perfurado e adequado à indústria cinematográfica. VII) Recomendação para que tôdas as cópias de filmes estrangeiros em prêto-e-branco passem a ser executadas em laboratórios brasileiros, bem como a aplicação de legendas e a eventual **doublagem**. VIII) Recomendação para que fiquem isentos de impostos alfandegários os filmes virgens, assim como todo o material cinematográfico profissional, enquanto não houver similar nacional, quando importados pelo Sindicato Nacional da Indústria Cinematográfica. IX) Recomendação ao Sindicato Nacional da Indústria Cinematográfica e ao futuro Sindicato Nacional dos Trabalhadores na Indústria Cinematográfica que estudem, dentro do menor prazo possível, os seguintes problemas: **a**) preferência para a admissão, em produções, de profissionais sindicalizados; **b**) estabelecimento de equipe mínima e padrão para cada filme; **c**) estabelecimento da tabela de salário profissional para cada função; **d**) estabelecimento do método mais conveniente para a fiscalização sindical. X) No que se relaciona com as atividades do escritor no cinema, o Congresso recomendou o seguinte: **a**) preferência de histórias brasileiras; **b**) cooperação na formação de novos grupos de escritores especializados; **c**) inscrição dos mesmos no futuro Sindicato Nacional dos Trabalhadores na Indústria Cinematográfica, a fim de se estabelecer ali o seu departamento, com capacidade para contrôle e recebimento de direitos autorais; **d**) estabelecimento de tabelas de pagamento e salários abrangendo tôdas as variedades de contribuição do escritor de cinema; **e**) exigência de garantia e respeito à obra do escritor por parte de estúdios e produtores; **f**) exigência de remuneração extra no caso de ser o filme reduzido para 16 milímetros, exibido pela televisão, ou submetido a nova censura, depois de expirado o primeiro prazo. XI) Recomendação para a criação de uma Escola de Cinema. XII) Recomendação para que todos os clubes de cinema do Brasil se organizem em uma Federação Brasileira de Clubes de Cinema, estabelecendo ao mesmo tempo uma filmoteca central. XIII) Condenação, como prejudicial aos exibidores em geral, da prática do «lote», que vem sendo combatida em todo o mundo, recomendando nesse sentido que se estabeleça o aluguel ou arrendamento de filmes, pelos distribuidores, numa base de filme por filme. XIV) Condenação da distribuição de filmes brasileiros, dentro do Brasil, por emprêsas estrangeiras, prática essa que acarreta não só a evasão de divisas, como coloca o filme nacional nas mãos de quem, por motivos de concorrência, não tem interêsse de facilitar a sua distribuição. XX) Recomendação à Associação Brasileira de Cronistas Cinematográficos a necessidade de elaborar, consultadas tôdas as categorias profissionais do cinema, um Código de Ética profissional para reger as atividades dos cronistas, críticos, comentaristas radiofônicos e repórteres cinematográficos.

## Respostas ao teste

1—Tartaruga

2—5.11.1903

2—5. 8.1898

4—Russa (De Leningrado)

5—Paraná (Paranaguá a Curitiba)

6—Solimões

7—No extremo sul da América

8—Albânia

9—Noruega

10—No golfo de Lião

11—Sicília

12—Barbara Stanwyck

13—Ator de comédias

14—Bob Hope

15—Sapateiro

# FRANCISCO ALVES, ...

(Cont. da pág. 57)

### AGENTE DE LIGAÇÃO ENTRE O MORRO E A CIDADE

E Chico contava que começou a levar a turma do morro para gravar. Daí vieram os primeiros sucessos e a confusão, inocente ou propositada, da turma da imprensa sôbre o samba haver descido do morro. Na verdade Francisco Alves agiu como elemento de ligação entre a cidade e o morro. O violão era o traço de união entre essas duas partes da cidade, cuja alma é uma só. E o entêrro do grande Chico Viola evidenciou isso. Tanto a grã-fina, como a pequena da gafieira, tanto os moradores dos arranha-céus como os das favelas, ficaram horas e horas em fila para passar um minuto pela frente do caixão onde o pobre Chico repousava.

### ESTARÁ EM S. PAULO O VIOLÃO?

E por falar no violão de Chico Alves, dado como desaparecido no desastre e carbonizado com o artista, vem de São Paulo a notícia sensacional: — O violão salvou-se. E está escondido em São Paulo, conta «Tablóide», um jornal paulistano, que o fotografou até. Um grupo de fãs do grande Chico o está escondendo, pois acha que o seu lugar é num museu.

### CÉLIA ZENATTI VAI CONTAR A VIDA DE CHICO ALVES

O Brasil inteiro continua chorando Chico Alves e recordando Chico Alves. As fotografias que estampamos diz mais do que diriam palavras sôbre a glorificação do cantor feita espontâneamente pelo povo em tôdas as camadas de sua sociedade. Pena que, enquanto o corpo não baixara ainda à sepultura já no fôro se pedisse a abertura de inventário e que questões de dinheiro, do dinheiro que o grande artista ganhou com o suor e o sangue de seu trabalho de anos e anos a fio, viesse destoar da elevação com que o povo demonstrou o amor que tinha ao seu artista. No meio dêsse 'brouhaha» é justo destacar-se a dor de Dona Célia Zenatti e das irmãs de Chico Alves. Estas cingem-se a falar do morto e recordar sua vida, sua luta penosa dos primeiros tempos, o romance de seu coração, os momentos felizes. E D. Célia Zenatti, falando a uma nossa repórter, Zélia Tavares, abriu para a mesma seu coração. Entre lágrimas, evocou os momentos venturosos, quando ela, artista de renome, e êle, um estreante, se apaixonaram perdidamente um pelo outro, unindo-se durante 30 anos, até à morte do glorioso cantor patrício. São essas evocações que iremos publicar no próximo número, ilustrado por fotografias inéditas da vida íntima do inolvidável Chico Alves.

LOÇÃO ANTI-BRANCA
RESTITUE AOS CABELOS A CÔR PRIMITIVA
☆ Não contém Nitrato de Prata ☆
Combate a queda dos cabelos, caspa e seborreia
HÁ QUASE MEIO SÉCULO COMPROVA SUA EFICIÊNCIA

MILHARES DE CERTIFICADOS DE RESERVISTAS FALSOS ★ **GANGS** ORGANIZADAS SABOTAM O EXÉRCITO ★ PRESOS ALGUNS FALSÁRIOS ★ ATÉ 7 ANOS DE PRISÃO PARA OS PORTADORES DÊSSES "DOCUMENTOS" ★ SERÃO PERDOADOS OS QUE APONTAREM OS CRIMINOSOS ★ AGEM LIVREMENTE OS QUADRILHEIROS


**Texto de DOMINGOS DE LUCCA JUNIOR**

**Fotos de DARIO TERINI**


Prometo amar e honrar por toda a vida a minha querida Patria e pugnar [...] seu engrandecimento com lealdade e perseverança

TUDO PELA VITORIA DO BRASIL

MINISTÉRIO DA GUERRA

R. M.

(Corpo ou Formação de Serviço)

CERTIFICADO DE RESERVISTA DE 3ª CATEGORIA

Nº 469462 SERIE A

CERTIFICO que o cidadão

da classe de ... alistado no ano de ... pelo Municipio de ... Estado ... incorporado no ano de ... é considerado reservista de 3ª categoria.

A) IDENTIFICAÇÃO

Filho de

Prometo amar e honrar por toda a vida a minha querida Patria e pugnar [...] seu engrandecimento com lealdade e perseverança

TUDO PELA VITORIA DO BRASIL

MINISTÉRIO DA GUERRA

R. M.

(Corpo ou Formação de Serviço)

CERTIFICADO DE RESERVISTA DE 3ª CATEGORIA

Nº 469298 SERIE A

CERTIFICO que o cidadão

da classe de ... alistado no ano de ... pelo Municipio de ... Estado ... incorporado no ano de ... é considerado reservista de 3ª categoria.

A) IDENTIFICAÇÃO

Filho de

e de

Natural de { Estado / Municipio / Cidade (lugar)

Data de nascimento



**Dois documentos falsos. Há milhares em São Paulo e, talvez, no Brasil inteiro. Seus possuidores julgam-se quites com o Exército, mas são insubmissos. Êste é o chefão de uma das quadrilhas. Trata-se de Florêncio Maciel Ferreira, ex-sargento reformado da Fôrça Pública.**



# QUADRILHEIROS versus EXÉRCITO

**São Paulo, Outubro**

«A Nação não pode saber, ao certo, o número de Reservistas de 3ª Categoria que possui, porque, para tanto, seria necessário que todos os portadores dêsses certificados houvessem acorrido às Circunscrições de Recrutamento e nelas sido fichados, o que não aconteceu, em virtude dos milhares de certificados falsos que se espalham por São Paulo». O Juiz Waldemar Tôrres, titular da 2ª Auditoria Militar, da 2ª Região Militar, bateu de leve, sôbre um monte de processos de falsificação, sorrindo tristemente.

«Veja, são centenas. Mais de mil foram apreendidos, até o momento, fora os que ainda circulam, como se fôssem documentos legais, lesando o patrimônio do Exército, ferindo profundamente seus brios, porque a maioria dos portadores de tais «documentos» se julgam quites com o serviço militar e servem de propaganda para os falsários, que continuam a agir, fazendo-se passar por pessoas influentes ou mesmo patentes das Fôrças Armadas.»

«Vários criminosos já estão sendo processados, mas muitos prosseguem a nefanda obra de desmoralização do Exército, pois continuamos a encontrar, de quando em vez, portadores dêsses certificados que, por razões ignoradas, negam-se a acusar os falsários.»

## FÁBRICA DE CERTIFICADOS EM SÃO PAULO

Todo o cidadão, consciente de suas obrigações, sabe da necessidade de servir o Exército, ou outra qualquer



**Waldemar Tôrres, o juiz: «O exército está sendo lesado. Vai para mais de mil o número de certificados falsos espalhados por S. Paulo.»**



**Cap. Geraldo Franco, um dos juízes componentes do Conselho da 2ª Auditoria Militar, da 2ª Região Militar. «E' preciso punir os réus».**



**Minha opinião como juiz é: «Os falsários, por intermédio de cúmplices, desprestigiaram o bom nome do Exército; portanto, são criminosos».**



**Tent. Nelson Limonje Cavalheiro, juiz componente do Conselho da 2ª Auditoria Militar, da 2ª Região Militar: «Salvemos a honra Militar».**

das armas das Fôrças Armadas, cumprindo, dessarte, com sua obrigação máxima para a Pátria. Raros, são aquêles que, em outros países, senão o Brasil, deixam de prestar essa obrigação e quando um indivíduo, numa família de boa formação cívica, é dado como inapto, o fato causa lamentações e não satisfação.

Em nossa Terra, infelizmente, não servir o Exército é razão de orgulho, para a rapaziada de hoje. É tão importante como ao «tubarão» sonegar impostos, coisas essas que, nos dias que passam, dão motivo a orgulho ao filho mais humilde dêste País. E é essa irresponsabilidade, gerada pelas nossas naturais condições de vida, pelo meio em que o Estado vai se desenvolvendo, a maior culpada pelo aparecimento de quadrilhas especializadas em determinados crimes, trazendo funestas consequências para a Nação e mesmo para os que, julgando-se espertos, pactuam com êsses criminosos.

Em São Paulo, onde tudo pretende ser majestoso e grande, as estatísticas não poderiam desapontar os megalomaníacos do crime, apresentando grande índice de desenvolvimento e apresentando, agora, uma modalidade quase nova: a criminalidade militar, exercida em larga escala.

Homens astutos, pouco amigos do trabalho, viram nessa ânsia pelo não cumprimento das obrigações militares, por parte de alguns cidadãos, uma maravilhosa maneira de ganhar dinheiro fácil e de aumentar seu prestígio, no seio das camadas menos esclarecidas. Tão maravilhosa, que rendeu, em menos de um ano, mais de um milhão de cruzeiros, só a um quadrilheiro de renome.

## AS «GANGS» LESA-PÁTRIA

Com um amplo campo de ação pela frente, organizaram-se, em São Paulo, quadrilhas, encabeçadas por indivíduos sem escrúpulos, que, às vêzes, tendo mesmo feito parte de milícias, apresentavam-se fardados à porta de fábricas ou pontos de reunião de gente humilde, prometendo que, «graças à influência que exerciam sôbre determinadas patentes do Exército», poderiam conseguir Certificados de 3ª Categoria, por preços que variavam, de Cr$ 250,00 a Cr$ 3.000,00, dependendo das posses do «cliente».

Essas quadrilhas passaram a agir em tôda a cidade e, especialmente, nas portas das indústrias, onde os «agenciadores» encontravam dezenas de rapazes, vindos do interior do Estado ou do norte, cujo emprêgo dependia da apresentação de quitação com o serviço militar.

Êsses jovens humildes, vindos dos cafezais para o sonho da cidade grande, ou da sêca nordestina para a garoa bandeirante, viam, nos falsários, verdadeiros salvadores. Economizar um ano — o de prestação de serviço militar — era algo importante para êles. Os que ainda possuiam dinheiro entravam para a lista dos que podiam pagar bem, sendo que muitos, como foi posteriormente averiguado pelas autoridades militares, chegaram a pedir dinheiro emprestado, para pagar os criminosos, jamais sonhando que estavam caindo num terrível engôdo que lhes custaria até 7 anos de cadeia.



**Aqui estão as provas do nefando crime — diz o promotor militar, Capitão Durval Moura de Araújo, mostrando os autos de inúmeros processos de falsificação de Certificados de Reservistas de 3ª Categoria.**

## COMO AGIAM OS FALSÁRIOS

Conhecedores profundos dos trâmites legais pelos quais passam, nas Circunscrições de Recrutamento, os requerimentos de pedido de Certificados de 3ª Categoria, os falsários solicitavam, dos pretendentes, o certificado de Alistamento Militar, Certidão de Nascimento e 3 fotografias, dando, assim, ar legal à transação.

Ao ajustar o preço do «trabalho», os falsários alegavam uma série de dificuldades e citavam «patentes» que deveriam receber «algum por conta», tomando adiantada, parte do total combinado pelo «documento».

Entravam, então, os malandros, a executar a segunda parte do bem urdido plano. Possuiam tipografias totalmente aparelhadas para imprimir cópias fiéis dos documentos legais e, por intermédio de cúmplices ou co-réus, conseguiam os selos da Taxa Militar. Quando não podiam dispor dêstes, colavam, em seu lugar, duas estampilhas federais de um cruzeiro, que, sob o carimbo, também falso, davam a impressão exata da Taxa Militar, aos olhos de pessoas menos avisadas, em consequência da semelhança que tinham, em côr e tamanho.

Um dos criminosos, que fazia parte de uma quadrilha já desmantelada, se entregava ao mister de falsificar as assinaturas das autoridades militares, encarregadas da expedição dos Certificados legais, e os documentos, assim forjados, com impressos, timbres, carimbos e assinaturas falsas, dificilmente eram reconhecidos por pessoas desprevenidas.

## CONTINUAM A AGIR AS QUADRILHAS

Apesar de estarem sendo processados, pela 2ª Auditoria Militar, inúmeros falsários, o magistrado Waldemar Tôrres afirmou que é de se presumir que outras quadrilhas, organizadas nos mesmos moldes, estejam à solta, porquanto, de vez em vez, ainda são descobertos portadores de certificados ilegais.

Não é possível, às autoridades militares, fixar o número de criminosos ou quadrilhas que agem ou agiram, em

**O juiz Waldemar Tôrres: Verdadeira calamidade, que fere profundamente o patrimônio da Nação, deixando-a grandemente prejudicada.**



São Paulo, salientando, todavia, que alguns dos homens presos respondem a mais de um processo, porquanto, terminadas as investigações policiais relativas a um caso e já depois de ajuizada a ação penal, surgiam novos casos, em datas diferentes, apontando-os como participantes do crime, bem como co-réus, até então desconhecidos.

É fácil de se compreender, portanto, os danos sofridos pela Nação, com isso, se levarmos em conta que o serviço militar, em São Paulo, encontra sérios inimigos nessas quadrilhas de falsários e de outros criminosos militares que, como os primeiros, concorrem para o desvio dos candidatos à reservista das fileiras do Exército ou das repartições competentes, fazendo multiplicarem-se o número de indivíduos que, sem prestar juramento à Bandeira ou satisfazer outras exigências legais se encontram na posse de documentos sem qualquer valor.

Êsse o motivo porque não pode o País saber o número de reservistas de 3ª Categoria. Os portadores dêsses certificados, quando chamados para o serviço militar não se apresentam, por possuirem um documento que julgam isentá-los de tal obrigação.

Dessa forma, não se apresentando, sem saber, são considerados insubmissos, incorrendo, além dêsse crime, no do uso de documento falso, o que os

**Mas o réu não quis ser fotografado. Usou de tôdas as artimanhas. «Não me interessa ver minha «fachada» espalhada pelo Brasil!...»**



sujeita a penas de, respectivamente, 4 meses a um ano de prisão, por insubmissão, e de 3 a 6 anos por uso de documento falso, conforme rezam os artigos c 159 e 243 do Código Penal Militar.

## A HISTÓRIA DOS EXCEDENTES

No entanto, não é só essa a modalidade de crime contra o Exército que vem sendo praticado em São Paulo. Há, também, indivíduos que, dizendo-se patentes ou com certa influência, no seio da corporação, prometem, mediante pagamento, obter a dispensa de futuros reservistas, agindo, dessarte, como verdadeiros estelionatários, afirmando conseguir certificados de «excedente».

Inúmeros são os processos que correm na 2ª Auditoria da 2ª Região Militar, objetivando apurar as responsabilidades penais de tais pessoas, que a lei militar pune com a pena de 2 a 5 anos de reclusão, com um aumento de um têrço, quando o criminoso alega que a vantagem era para militar ou funcionário, de conformidade com o artigo 248 e seu parágrafo único.

## É NECESSÁRIO QUE SE APONTEM OS CRIMINOSOS

Infelizmente, os quadrilheiros continuam a agir e os poderes militares

Sim... Sim...
a massa é AYMORÉ!






A qualidade
é essencial
na alimentação.

EXIJA

AYMORÉ

Ouça na Rádio Nacional, todos os domingos, às 22,10 hs, o programa Aymoré!



A MASSA QUE O POVO EM MASSA EXIGE!

POMADA MINANCORA

*Um verdadeiro tesouro!*




PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL


Quadrilheiros versus Exército



**O advogado Gaspar Serpa, ladeado pelos colegas, não se cansa de mostrar e argumentar razões de pouco atenuantes. Mesmo assim, na defesa, argumenta forte. Mas parece que o Exército não vai para conversa ..**

não possuem outros meios de denúncia, que não os próprios ludibriados que, inocentemente, adquiriram documentos falsos, julgando estar, assim, quites com as leis militares vigentes.

Afiançou o Juiz Waldemar Torres que todos aquêles que acusarem tais criminosos serão protegidos e terão suas penas, que poderão somar até 7 anos de prisão, perdoadas, por provarem, assim, que não agiram de má fé.

Além do prejuízo material, sofre o Exército grande prejuízo moral, uma vez que quem desconhece a verdadeira história das «dispensas» e «certificados sem prestar serviço», julga que êsses crimes estão apoiados, deveras, por patentes de responsabilidade.

Os poderes militares continuarão a processar tais indivíduos e todos os portadores de certificados que não denunciarem os criminosos e solicitam, ainda, aos empregadores, que examinem, acuradamente, os certificados de reservista de 3ª categoria a êles apresentados, auxiliando, dessarte, o Exército a desmantelar, de vez, as quadrilhas que vêm aumentando de forma assustadora, fazendo com que a mocidade se distancie de suas fileiras.







Na falta da «taxa militar», os falsários lançavam mão de duas estampilhas federais de um cruzeiro. O carimbo que inutiliza os selos é também falso. Como também o são os próprios documentos expedidos.

# ALBUM DE a Cena Muda PARA 1952

E' mais um maravilhoso presente aos fãs do Cinema, do Teatro, do Rádio e da Música. Fotografias dos artistas em tamanho grande com biografias completas. Muitas páginas coloridas embelezam, extraordinàriamente, esta edição do "Album". Páginas de texto com história, notas e informações preciosas. À venda em todos os vendedores de revistas do Brasil, nas Capitais dos Estados e nas cidades do interior.

Preço Cr$ 25,00



COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA – RUA MARANGUAPE, 15 – RIO

# O "TICO-TICO" QUE ATRAVESSOU O ATLÂNTICO

O GRANDE REPÓRTER RADIOFÔNICO DA RÁDIO BANDEIRANTES DE SÃO PAULO, JOSÉ CARLOS DE MORAES, POPULARMENTE BATIZADO COMO «TICO-TICO», REALIZOU, APÓS SUAS PALPITANTES ENTREVISTAS COM FAMOSOS ASTROS E ESTRÊLAS DO CINEMA EM PUNTA DEL LESTE, UMA DAS MAIS INTERESSANTES SÉRIES DE REPORTAGENS DOS ÚLTIMOS TEMPOS —— ENTREVISTANDO AS MAIS DESTACADAS FIGURAS DA ARTE E DA POLITICA NA ITÁLIA — COM JOSÉ CARLOS DE MORAES, A QUALQUER MOMENTO E DE QUALQUER LUGAR, A RÁDIO BANDEIRANTES REALIZA A MAIS SENSACIONAL COBERTURA DOS ACONTECIMENTOS MAIS RELEVANTES E DE ATUALIDADE!



**Além da Bênção Pascal de S. S. o Papa Pio XII, gravada em plena Praça de São Pedro, José Carlos de Moraes estêve em contacto com altas personalidades civis, militares e eclesiásticas da Cidade Eterna. A foto, sem dúvida histórica, fixa o encontro do Repórter-Bandeirantes com ALCIDE DE GASPERI, a grande figura do cenário político mundial, vendo-se ainda o Dr. Mário Beni, Secretário da Fazenda do Estado de São Paulo.**

TODOS os ouvintes do Brasil conhecem os serviços de reportagens da Rádio Bandeirantes. De fato, «a mais popular emissora paulista» realiza, nesse campo, um trabalho sensacional. Está à testa dessa tarefa José Carlos de Moraes, o querido jornalista bandeirante, que adquiriu grande popularidade, sendo conhecido em tôda a parte como «Tico-Tico». Todos os grandes acontecimentos, que interessam às grandes massas, todos os fatos sensacionais, que ocorrem, não importa onde, encontram a presença ágil de José Carlos de Moraes, estando sempre onde as cousas acontecem.



**Os «fans» de cinema exultaram de alegria ao ouvir pelo microfone famoso da Rádio Bandeirantes — P.R.H.-9 — a entrevista com Amedeo Nazzari — o extraordinário ator do cinema italiano — que fêz sensacionais declarações ao repórter desta emissora José Carlos de Moraes.**



Os mais destacados astros e estrêlas do cinema italiano desfilaram as mais palpitantes declarações ao microfone da Rádio Bandeirantes. O flagrante fotográfico que se vê acima, foi tomado quando José Carlos de Moraes se preparava para ouvir em Cinecittà (Roma) a popular e querida estrêla Ana Magnani.

## RADIO BANDEIRANTES

São Paulo — 840 Kcls.



JOSÉ Carlos de Moraes mais uma vez acaba de brilhar, com sua recente viagem à Europa, quando o famoso «Tico-Tico» bateu as asas e voou até a Itália. A Companhia Antarctica Paulista patrocina as reportagens de José Carlos de Moraes e assim é que foi sob os seus auspícios que os ouvintes da Rádio Bandeirantes puderam ouvir ao vivo as entrevistas sensacionais com as mais eminentes figuras da arte e da política italianas. Nesta página fixamos alguns dos flagrantes batidos quando «Tico-Tico» entrevistava as altas personagens que procurou ouvir durante sua sensacional viagem.

José Carlos de Moraes proporcionou aos ouvintes do Brasil momentos dos mais emocionantes ao realizar, pela primeira vez no rádio paulista, uma reportagem diretamente do Cemitério de Pistoia, onde se encontram sepultados os Pracinhas brasileiros. Ei-lo numa foto durante a histórica entrevista que lhe concedeu o sargento brasileiro Miguel Pereira, zelador daquela necrópole, vendo-se ainda, a coroa de flores enviada pelo povo paulista, numa homenagem póstuma aos soldados mortos em defesa da Liberdade.



Giovani Papini, o famoso autor de «Gog» falou aos ouvintes brasileiros, numa entrevista concedida ao repórter da Rádio Bandeirantes O instantâneo fixou o momento em que Papini — fazendo acusações contra editôres sul-americanos — falava ao microfone.



Não há segredos para as reportagens de José Carlos de Moraes. Repórter de perspicácia, foi descobrir, em Florença, a residência de Titta Ruffo (Lembram-se?) e eis o resultado: Titta Ruffo, pela primeira vez na vida, canta ao microfone de uma emissora, que era a Rádio Bandeirantes!

**BÉL-HORMON**

**A BELEZA DOS SEIOS**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL - HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.




**Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.**

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ..............................
RUA .................... Nº ....
CIDADE ............................
ESTADO ............................

**Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00**



**Torne seu busto MAIS JOVEM MAIS FIRME**



*Pasta Russa*

**Conserva e dá aos seios firmeza, perfeição e encanto. PRÁTICO, DISCRETO, EFICIENTE. Garantia absoluta, comprovada em famosos institutos de beleza. Nas drogarias, farmácias e perfumarias.**



**Clínica Dr. Santos Dias**

CONSULTAS: Cr$ 30,00

Tratamento e cura pela hormonioterapia e alta freqüência específica, da velhice precoce, da função sexual no homem e na mulher, irritabilidade, fadiga e insônia, nos casos indicados.

**MOLÉSTIAS SEXUAIS — IMPOTÊNCIA**

**Rua São José, 50 — 9º andar — Conjunto 903. Tel.: 32-6230.**

Enfermagem a cargo de técnico e profissional diplomado.

Horário: — Diàriamente, das 14 às 19 horas.



**HEMORRÓIDAS E VARIZES**

TRATAMENTO SEM OPERAÇÃO

**HEMO-VIRTUS**

**VARIZES: FRICCIONE A POMADA NAS VARIZES E TOME O LIQUIDO.**

**HEMORRÓIDAS: TOME O LIQUIDO E APLIQUE A POMADA NO LOCAL**

USAR DURANTE TRÊS MESES.


## A SENHORA . . .

(Cont. da pág. 23)

— Vou me candidatar para deputada.

A velha meneou a cabeça, teve um sorriso vago. Jamais contrariava a filha. Deputada? Parecia que só então havia compreendido.

— Pois, sim, querida.

E arrastando o neto, murmurou para si mesma:

— Não foi por falta de surra que ela ficou assim.

★

E então foi uma tragédia.

Gustavo entrou em explicações, falou alto. Pela primeira vez, durante tôda a vida de casado, ouviu a sua voz num diapasão agudo e enérgico. Que jamais tolerava semelhante besteira, que botaria a casa em baixo.

— Sim, ponho tudo em cacos. Ouviu bem, Madalena?

Ela avançou para êle, grandiosa, majestática. Tinha um sorriso feroz na bôca, os olhos cheios de fogo.

— E' assim, não é? Pois vou mostrar a você que não tenho mêdo de ameaças. De mais a mais, quando foi que você cantou de galo nesta casa?

Dona Guilhermina ouvia em silêncio. Estava apalermada. Com muito custo resolveu interferir no desagui sado:

— Política não é coisa de mulher, minha filha. Fica quietinha, cuida dos filhotes...

Gustavo animou-se.

— Pois é isto, Dona Guilhermina; lugar de mulher é dentro de casa. Para fazer palhaçada política basta o homem.

— Que é que você entende de política, boboca?

Dona Guilhermina assumiu um feitio imponente, falou grave:

— Lembre-se de seu pai, Madalena. Quanta maluquice por causa da política. Levou tiro, deu tiro. E era do Govêrno...

Mas a moça não ouvia. Andava agitada pela pequena sala de jantar. Tinha resolvido. Promoveria o registro do seu nome. Falaria ao tio, homem rico, amigo de gente grossa da administração. Êle a ajudaria.

Gustavo meneou a cabeça, derrotado. Sentou-se, olhou a mulher, inquieta, cheia de nervosismo.

— Que é que você vai ganhar com isso?

Êle a amava. O mundo era Madalena. Não via mais nada diante dos olhos. E fôra sempre assim. Quisera-lhe com loucura desde que a encontrara pela primeira vez. Loira, alta e branca, ela fascinara-o, prendera-o irremediàvelmente. Apesar dos quatro anos decorridos, continuava sempre cativo aos seus encantos. Amava-a cada vez mais.

— E agora a política, para atrapalhar!

★

Dias após o nome de Madalena apareciã nos jornais. Cartazes com o seu retrato surgiam nas paredes dos edifícios. Traziam legendas expressivas: «Uma voz que se ergue em benefício da mulher! Assistência à Infância Abandonada!»

Gustavo olhava os cartazes, cheios de letras graúdas. Dirigindo-se ao Ministério, detinha-se de vez em vez nas ruas, olhava o retrato da espôsa. Sentia calafrios. Parecia-lhe que Madalena estava ali em carne e osso. «Que é que você entende de política, boboca?»

Estugava o passo. Na repartição sentia-se acanhado diante dos colegas. Poderiam estar pensando: «o marido da senhora deputada...» Desconfiava das palavras, dos sorrisos. Estariam zombando?

E quando regressava à casa, na Tijuca, ficava desolado com o ambiente. O apartamento era uma vergonha. Tudo atrapalhado, fora do lugar. As crianças choravam, dando um trabalhão à velha, que já não sabia como atender à situação.

Madalena entrava tarde, caía numa cadeira, esfalfada. Ah, a política! Que trabalheira!

Certa manhã agarrou o marido pela manga do paletó, falou em tom imperativo:

— Gustavo, arranja uma empregada. Está ouvindo? Não tenho mais tempo para nada. Arranja hoje mesmo.

E depois de um pequeno silêncio:

— E outra coisa: pede tuas férias no Ministério. Você tem que ficar em casa, deve ajudar mamãe a tomar conta dos meninos...

Gustavo protestou. Férias? Ficar em casa? Era o que faltava!

Mas no dia seguinte a empregada se apresentou. Ia cazinhar, tratar do apartamento. Resolveu o caso das férias. Na segunda-feira deixaria o trabalho, iria satisfazer às exigências da mulher.

— Diabo! Que é que vou ganhar com isto?

★

A campanha eleitoral entrara na sua fase culminante. Uma barulheira infernal dominava todo o Rio de Janeiro. Alto-falantes, discursos, os jornais cheios de retratos, manchettes assustadoras.

Madalena se havia empenhado com os amigos; conseguira a proteção do tio. Falara com muitos indivíduos conhecidos. Que a ajudassem na sua benemérita campanha. Saberia ser reconhecida.

Os amigos prometiam. Todos prometiam. Se era tão bonita!

Em casa, ao sair pela manhã, recomendava ao espôso:

— Não se esqueça, Gustavo; muda as fraldinhas de Julinho. Faça-o tomar o leite da mamadeira.

Pintava-se com escândalo, vestia os melhores vestidos. Saía apressada.

Gustavo olhava-a. Sentia desejos de embargar-lhe os passos. «Política, hein? Não seja tôla. Lugar de mulher é em casa!» Mas nada dizia. Para que?

Via-a sair, elegante, o andar ritmico. E só tornava a enfrentá-la quando a noite chegava. «Política, política!» Lembrava-se de uma expressão latina que ouvira muitos anos antes: «Porca latrocinia!»

Sim, era isto mesmo.

E a eleição chegou.

★

Madalena sentia-se inquieta. Pensava nos votos. Pensava no Congresso Nacional. Tinha mil cruzeiros por mês, a defesa dos direitos da mulher, a assistência à infância abandonada, a Pátria...

Saiu cedo para a rua, percorrendo várias seções eleitorais. Quanta gente, santo Deus! Os conhecdos que se lhe faziam encontradiços, a cumprimentavam sorridentes, faziam prognósticos, desejavam-lhe felicidades...

Quando regressou ao lar, mais morta do que viva, perguntou logo ao espôso:

— Votou, Gustavo?

— Claro. Cumpri o meu dever de cidadão.

A fadiga era enorme; a custo se agüentava. Entrou para o quarto; num movimento rápido atirou os sapatos longe. Caiu sôbre o leito. A princípio as idéias turbilhonavam. Gente, muita gente; cartazes de côres berrantes; papeletas aos milhões voejando no espaço.

Adormeceu depois, subjugada por um sono pesado, profundo, distante da vida e próximo da morte.

★

Uma semana passou, depois outra. Ainda cedo procurava ver os jornais, e nos jornais o seu nome. Mas as fôlhas mantinham-se fechadas em relação à sua pessoa. Falavam de muitos candidatos, mas não se lembravam que ela também disputara o pleito. Que é que havia? Das seções os amigos nada esclareciam. Teria sido lograda?

Gustavo acompanhava os movimentos inquietos da espôsa. Vinha-lhe à mente um desejo intenso de rir, de rir furiosamente. Mas continha-se, medroso, cheio de prudência.

Afinal, um dia Madalena esgueu-se sùbitamente da cadeira, ficou parada um instante, os olhos cheios d'água. Num gesto rápido, amarrotou o jornal, atirou-o sôbre a mesa. Correu para o quarto.

Gustavo apanhou o matutino, passou os olhos pelas colunas cheias dos resultados do pleito. Deu com o nome da espôsa: «Madalena Alves de Carvalho, 2 votos...»

Dois, apenas — os nossos!

Largou o jornal no assoalho, penetrou no quarto. Durante segundos espreitou a espôsa estendida sôbre o leito, soluçando baixinho.

Aproximou-se, tocou-lhe o ombro, falou pausadamente:

— Não adianta chorar, coração. Que é que a gente ganha com isso?


**CORPO ESBELTO E FACEIRO**

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

*À venda nas boas Farmácias*

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ BISCUIT

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

*(Exigir a marca BISCUIT)*

MULTIFARMA

Rua Direita, 191 — 6º andar

Remessas pelo Reembôlso.

SÃO PAULO



**FUME**

**MANTENHA, PORÉM, SEUS DENTES LIVRES DAS ANTI-ESTÉTICAS MANCHAS DE NICOTINA**

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas de **nicotina acumulada nos interstícios dos** dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedra pomes nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas. Nicotan, creme dental especial para fumantes, apresentado em dois tipos: branco e vermelho.

**NICOTAN**



**A MULHER BELA NÃO TEM IDADE!**

Pense no dia de amanhã, e comece a usar diàriamente a «Água de Junquilho». Proteja-se hoje de cravos, espinhas, sardas, panos, acnes, manchas e poros dilatados, com êste bálsamo da cútis e estará garantida sua beleza futura.

Dist. Araujo Freitas Rio

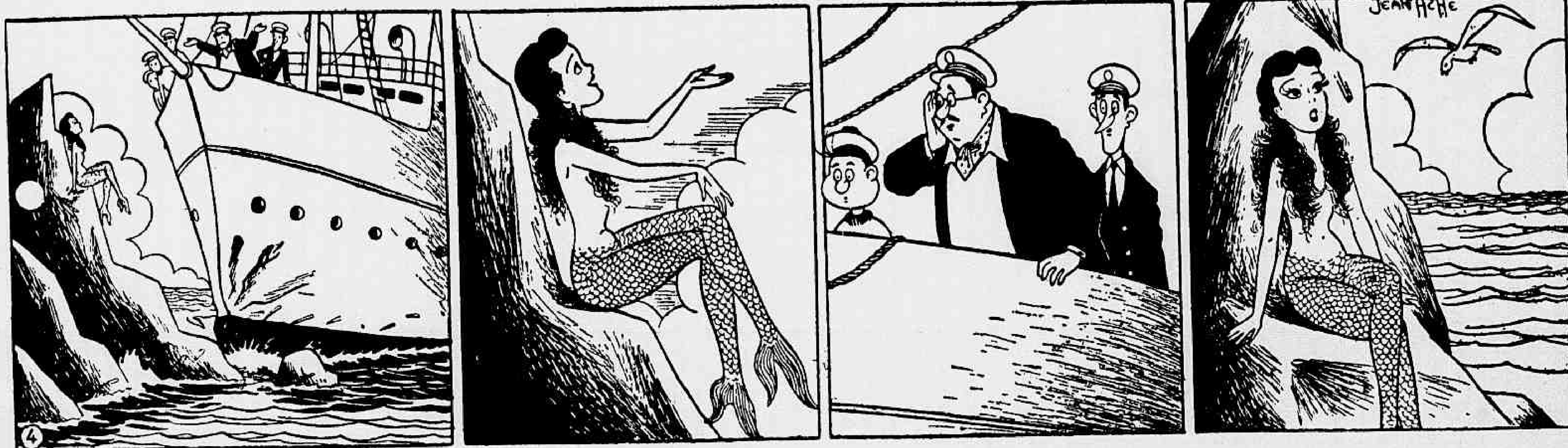


*Água de Junquilho*

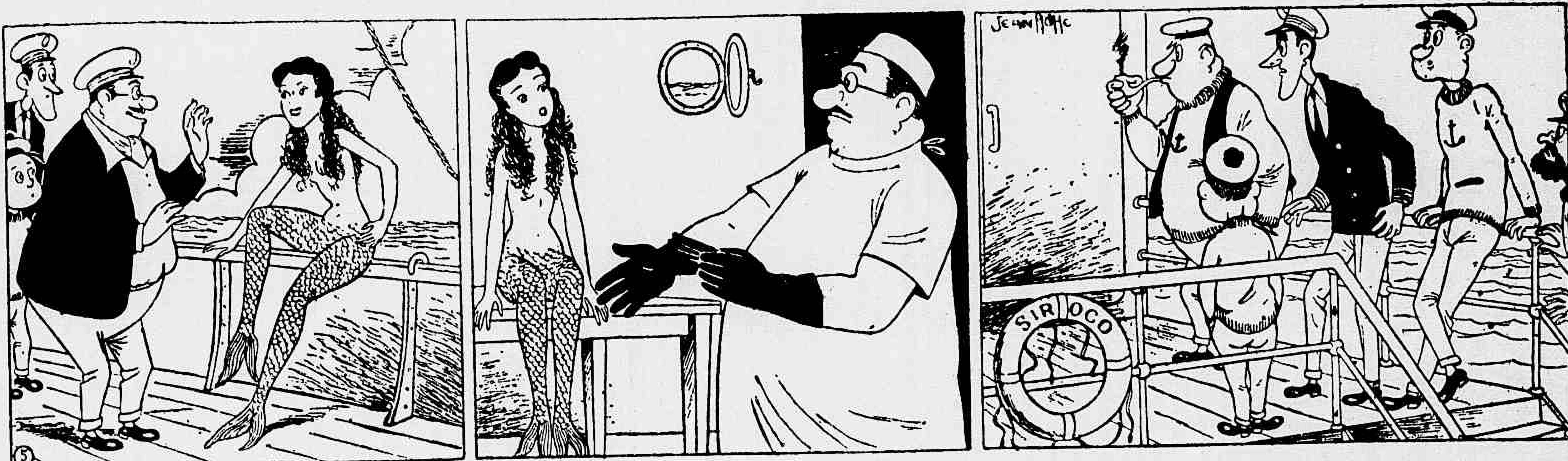
A FONTE DA BELEZA

# ARABELLE a ultima sereia

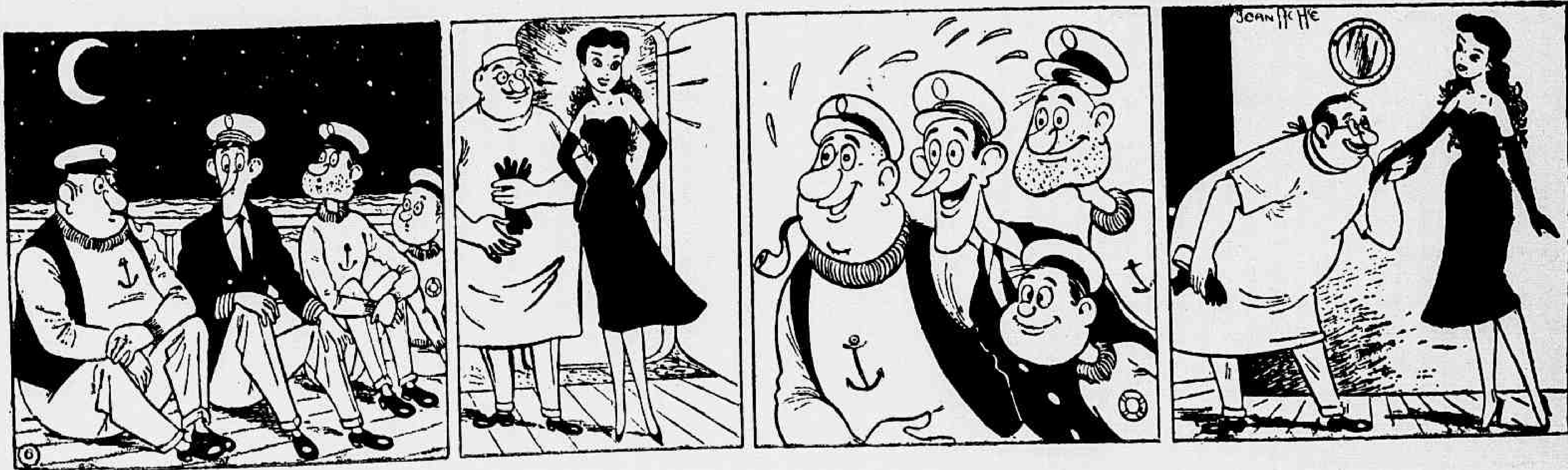
Por VANIA LAUREZ ★ Desenhos de JEAN ACHE




4 — «Bom dia, comandante!» — saudou a estranha mulher-peixe. «Sereinha de minh'alma, — respondeu o milionário — precisamos sair dêste encalhe». A Sereia, porém, o desiludiu: «É inútil, Comandante; daqui vocês não poderão sair mais! E agora vou cantar até vocês todos perderem a vontade de beber e de comer, adorando-me sempre!» O comandante porém implorou: «Piedade, queridinha! Deixe-me partir e eu lhe darei qualquer coisa que você pedir » «Acho muito difícil; mas, tire-me esta horrível cauda de peixe, e eu, em troca, lhes darei a liberdade.» O comandante aceitou prontamente a proposta e respondeu: Eu sou o famoso cirurgião Bimbleton, especializado em cirurgia plástica e vou dar-lhe as mais lindas pernas dêste mundo. Suba, suba, Sereia!»




5 Esperançosa de ver-se livre da cauda de peixe, a sereia sobe ao convés do iate do cirurgião e milionário americano H. G. W. Bimbleton, que lhe diz amàvelmente: «Com um rostinho mimoso como o seu, a operação vai ser um sucesso. Eu me responsabilizo.» Imediatamente ordena aos seus auxiliares e tripulantes que montem uma sala de operações de emergência num dos seus melhores e mais amplos beliches, e não perde nem mais um minuto. Entra imediatamente na sala e se fecha com a linda sereia. Enquanto Bimbleton está ocupado em escamar aquêle «rabo de peixe», tôda a tripulação espera ansiosamente pelo resultado. E um dêles, cético, pergunta: «Será mesmo possível dar pernas e pés a quem nasceu com barbatanas e cauda de peixe?»




6 A operação é bastante demorada. As horas se passam numa vagarosidade capaz de irritar os próprios rochedos em que encalhara o iate. O dia se vai. Desce a noite; as estrêlas luzem; a lua aparece e vai subindo pelo céu. Que estaria sucedendo? Teria o cirurgião matado a pobre sereia? Se isso sobreviesse, teria que morrer ali, ou nadar ao acaso. Uma tragédia. Mas... eis que de repente se abre a porta da «sala de operação» e Arabelle aparece, com sua beleza estonteante, ao lado do seu milagroso cirurgião. A tripulação exulta e dá «hurras» de alegria. Agora já podem contar com a continuação da viagem. Bimbleton, num gesto cavalheiresco de cortesia parisiense, cumprimenta-a diante de todos, saudando-a como a mais linda moça do mundo.

A SAÚDE DO BEBÊ

# Pesadelos e pavores noturnos da infância

DR. SABÓIA RIBEIRO

POR motivo de pesadelos e o acordar aterrorizado, muitas vêzes é trazida a criança ao consultório. São dois estados com características mais ou menos próprias, a saber: No pesadelo, o menino faz ligeiros movimentos de defesa, ou se enfesa e geme, até que, afinal, acorda. Desperto, retoma o estado de consciência, sem demora. Já no pavor, o sono é interrompido, a súbitas, e a criança senta na cama, cheia de grandes medos, ou dela pula e sai a correr, abraçando-se às pessoas, aos objetos, tôda dominada pelo seu assombro. Tudo isso acontece, em regra, à noite, daí a denominação com que se confunde os dois estados, não raro: «pavor noturno infantil». Mas, no pesadelo, a duração do episódio mórbido é menor: um a dois minutos. No pavor, de quinze a vinte minutos. No pesadelo, persiste a sua lembrança, e a criança é capaz de reconstituí-lo. No pavor, lembrança alguma ficou da crise. No pesadelo, a criança, apenas acordada, acalma-se logo, reconhecendo, de pronto, o seu meio e as pessoas. No pavor noturno, sòmente após algum tempo ressurge a consciência plena, reintegrando-se a criança no seu ambiente.

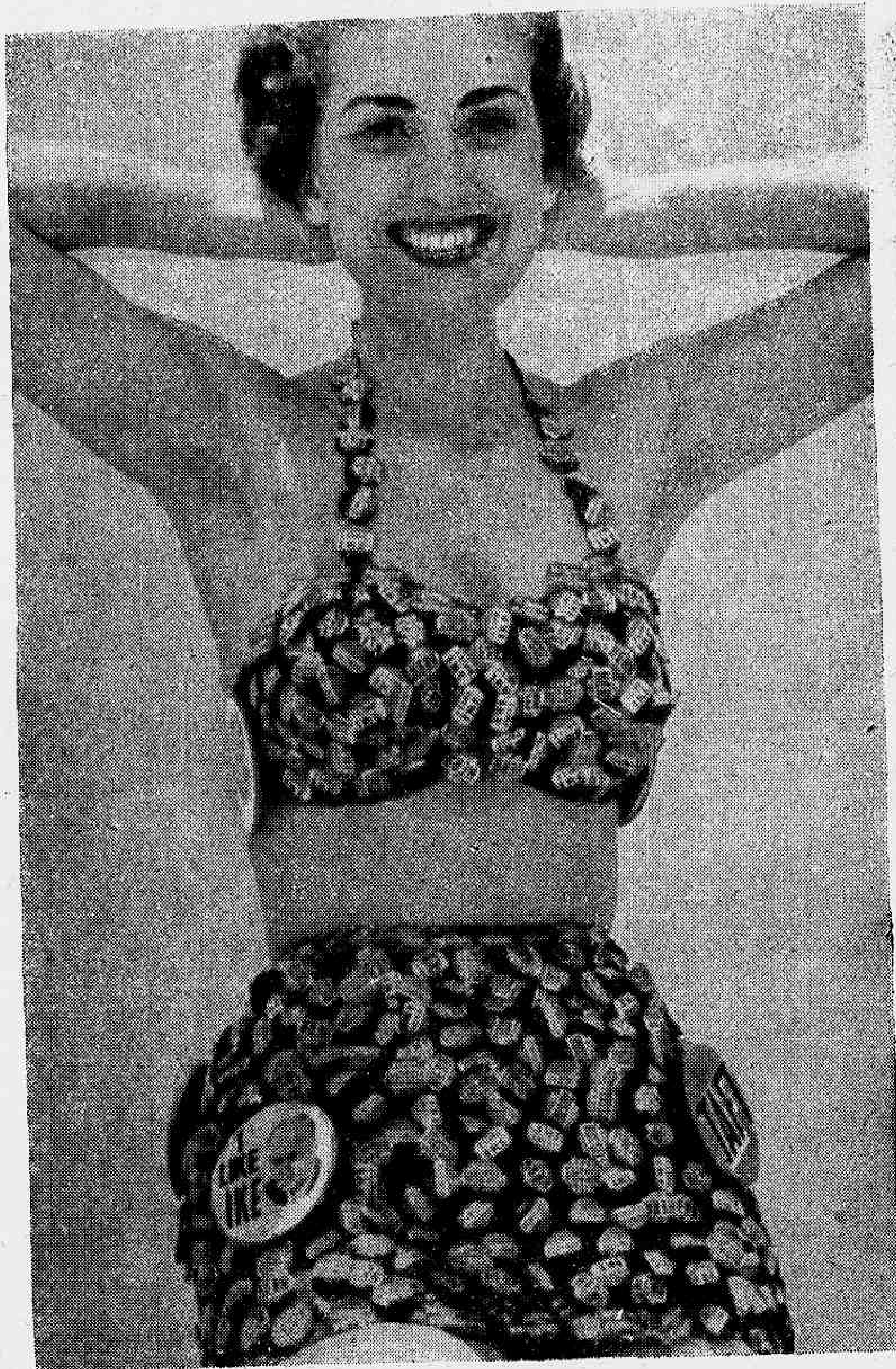
● De um ponto de vista prático, pode-se atribuir a taras familiares a manifestação do pavor; mais ao elemento **reflexo**, o simples pesadelo. Assim, as neuroses, a coréia, a histeria, a epilepsia, entrariam nas causas do pavor. As perturbações digestivas, as adenóides, a hipertrofia das amígdalas, as verminoses, nas causas geradoras dos pesadelos. No pavor, como no pesadelo, está em jôgo um mecanismo de excitação cerebral. Mas, no pesadelo, a causa dessa excitação tem origem em ponto **extra-cerebral**; já no pavor, a excitação tem origem no próprio cérebro da criança. O simples maudormir, o sono agitado, é muitas vêzes a expressão de um pesadelo mais ou menos falhado.

No pavor importa, sobretudo, perquirir os fatôres determinantes das crises, pois a simples neuropatia, só por si, não responde por todo o episódio. Pode-se apurar, então, que as causas **extra-cerebrais** estão muitas vêzes associadas às causas puramente cerebrais, ou que são as **influências psíquicas** a verdadeira causa desencadeante.

Entre essas influências meramente psíquicas cabe, sem dúvida, a maior responsabilidade às histórias fantásticas e terrificantes, com as quais certas pessoas mal-avisadas costumam encher o espírito da criança, por descuido ou ignorância, em conversas ou leituras. Ora, na infância, os motivos dos sonhos são, na maioria das vêzes, produto das impressões colhidas durante o dia, e certas histórias excitantes da imaginação infantil, com monstros e feras, situações de angústia e terror, estão precisamente neste caso. Lesões de caráter permanente do cérebro, ou de seus envólucros, as meningites, podem estar em causa, como o único fator responsável. Neste caso, as crises podem ser tão sòmente um mero aviso de uma afecção evoluindo para estados mais graves. Das causas extra-cerebrais que podem estar presentes no pavor (como no pesadelo e maudormir é tantas vêzes o responsável), deve-se cogitar sempre das adenóides, amígdalas hipertrofiadas, das manifestações cutâneas pruriginosas, as verminoses (oxiuroses). Neste caso, constituem sempre um fator de agravamento pelas excitações enviadas ao cérebro da criança. Quisemos apenas salientar a complexidade do problema nesta superficial menção das causas dos pesadelos e do pavor noturno da criança.

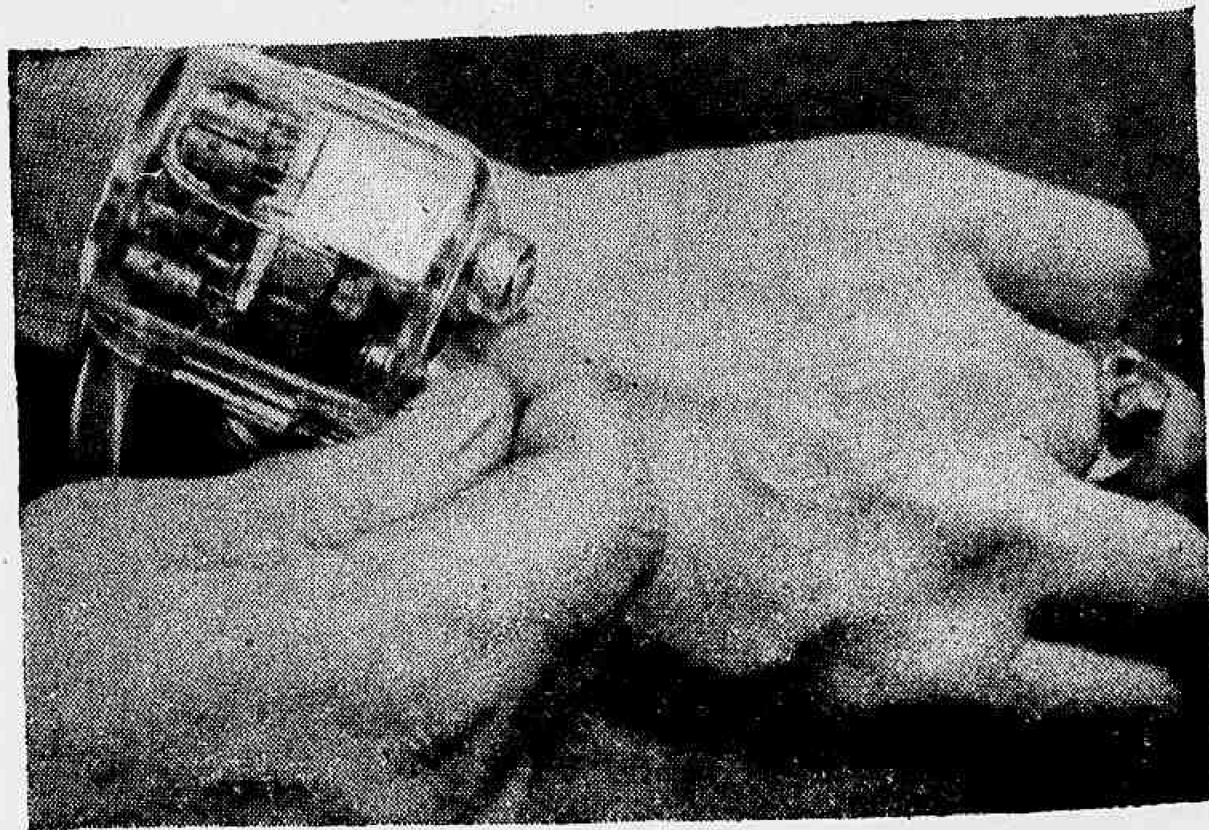
● Trata-se, em qualquer hipótese, de uma manifestação digna de todo o cuidado, obrigando sempre a um exame da criança a fim de despistar as causas a que atribuir-se o episódio. Por outro lado, cabe uma investigação a fundo do próprio ambiente da criança e circunstâncias capazes de potenciarem nela o estado de mêdo.

«É provável que uma perturbação digestiva momentânea, uma desordem circulatória, uma replexão intensa da bexiga, ou outras influências, sirvam de impulso ao sonho de pavor na criança, mas a representação do sonho, infundindo mêdo, relaciona-se de regra com os acontecimentos do dia» (Stern, cit. por Martinho da Rocha). Neutralizar essas influências constitui, òbviamente, o primeiro cuidado. Uma atitude simplista conduz o mais das vêzes ao uso dos calmantes, diante do pavor noturno. Não basta porém, evidentemente. De certo têm indicação, mas sem dúvida devem ser escolhidos com todo o cuidado, ou melhor, prescritos, pois é coisa sòmente para médico.




As eleições presidenciais são o grande motivo das palestras, discussões e até das modas. As concorrentes ao título de «Miss Washington», hoje mais ambicionado do que nunca, quando tôdas as atenções estão voltadas para saber-se quem ocupará a Casa Branca, andam também em intensa propaganda. E esta, Joan Bartlet, concorrente fortíssima e belíssima ao pôsto até debaixo d'água faz propaganda de Ike.

## Novidades Americanas



A hora perigosa se aproxima maridos bilontras. O temido aparelho vem aí. Enquanto não chega a Televisão portátil, que não permitirá mais a ninguém da **boite** dizer para casa: — ó filha estou numa reunião agitada da diretoria — já um danado, desalmado de um inventor, criou êste ràdiozinho de pulso — que é emissor e receptor ao mesmo tempo. Breve de qualquer parte a gente se comunica. Depois virá o TV. Paciência...



Esta é uma desportista de renome na Inglaterra: — Denise Newman, que tem vinte e oito anos e foi representante da Inglaterra nos Jogos Olímpicos, como mergulhadora, em 1948. Aqui a vemos em Dawdon, no seu «training» intensivo para as provas que enfrentará em Blackpool. Ao invés de treinar na água, ela o faz numa tela estendida. Casada e mãe, seu amor ao esporte não permitiu que por muito tempo ficasse em casa.

# Chama-se isto... sexo fraco



No **catch as catch can**, que por sinal nos Estados Unidos tem nome muito diferente — **Wrestling** — as mulheres não cedem em nada para os homens, deixam aquela clássica delicadeza feminina e não têm limite na brutalidade e fereza dos golpes. Em Cincinati, Betty Hawkins, masculinamente, deu uma heróica joelhada na sua contendora Neil Stewart, atingindo no fígado a figadal adversária. Resultado: venceu!

À LUZ DA PSICANÁLISE

# DOENÇAS IMAGINÁRIAS

**DR. LUIZ FRAGA**

CERTOS estados emocionais provocam perturbações físicas que dificultam bastante um diagnóstico, máxime em se tratando de pessoas inteligentes e cultas.

Tivemos, há pouco tempo, um dêsses doentes fantasiosos que sofria, de quando em quando, de cegueira parcial e duma dislexia (confusão das letras, na leitura, na ausência de perturbações da visão).

Seu nome é J. A. Homem inteligente e lido, de 45 anos de idade. J. A. trabalhava como gerente num importante escritório comercial. Muito estimado e respeitado pelos diretores e pelos funcionários, tem orgulho de sua atuação procurando aprimorar-se contìnuamente.

J. A. — Acho que não tenho sido bem compreendido pelos diretores da Companhia, ùltimamente.

— Explique-se, por favor.

— Trabalhei durante dez dias na confecção dum relatório, com um esmêro que, duvido muito, alguém possa empregar. Apresentei-o ao diretor. Esperei alguns dias a crítica que êle deveria fazer. Afinal, notando o seu injustificado silêncio, inqueri o chefe.

— E daí?

— Respondeu-me indiferentemente que «estava bom».

— Fêz então justiça ao trabalho.

— Deu pouco valor ao esfôrço e ao cuidado dispendidos.

● J. A. esperava um elogio rasgado ao seu trabalho e à sua capacidade. Habituou-se a isto. A simplicidade do julgamento, embora houvesse a classificação de «bom» ao relatório, não o satisfez e determinou uma quebra, um ferimento em seu estado de projeção, provocando distúrbios sensoriais. As predeterminações dos indivíduos sensíveis cria a importância dos tópicos. Elas são os absolutos e categóricos das leis e dos adjetivos. Há a considerar as idéias sôbre as médias, leis gerais e tendências predeterminadas, com a sua obrigatória depreciação das diferenças individuais, como o mais pernicioso dos fatalismos.

Supondo que haja a vigorar um equilíbrio determinado, seria o da preferência do emocional?

A isto chama W. James a eterna justificação do culto dos heróis, e o desprêzo que lhe votam os sociólogos, como a eterna razão da indiferença popular às leis gerais e às médias que êles estabelecem.

J. A. sofria um estado emocional de projeção: tomou como paradigma de sua vida um parente que fôra, em vida, festejado como um exemplo de virtudes e de capacidade criadora. Tentava fazer tudo à sua semelhança. Inteligente e estudioso, cumpridor dos deveres ao exagêro, não admitia uma apreciação que não coincidisse com a que êle mesmo predeterminara. Daí imaginar sofrer injustiças e ser alvo de perseguições. Recalcava as reações e sofria as conseqüências dêsse recalque.

## CORRESPONDÊNCIA

**M. L. (D.F.) — Praxia é a faculdade de realizar movimentos complexos destinados a um fim.**

**JOUBERT (S. Paulo) — Não somos adivinhos: procuramos, de um modo acessível ao público, concorrer para a educação, dando conselhos e prestando um pequeno serviço, à altura de nossas possibilidades. Procure aí, em São Paulo, um especialista. Aí há inúmeros.**

**MARGARIDA (Salvador) — Perfeitamente. Não há outra coisa a fazer.**

**● NOTA — Tôda correspondência deverá ser dirigida ao Consultório do Dr. Luiz Fraga, à Rua Senador Dantas, 76, 4º andar — Rio de Janeiro.**

# FILHO, MEU FILHO

Texto e ... DO MARTINA

...AGENS:

JEAN ........ RENATO SCANZINI
MARIO ........ FRANCO FABRIZZI
ZAIRA ........ LUIZA ALLIAN...
SOLANGE ........ LICIA NA...
DUPUIS ........ MAXIMO ...VILLA
JOANA ........ ...

CAPITULO 17 — Resumo da parte já publicada:

A família Dupuis volta ao antigo solar. Tudo ali lhes evoca o passado. A lembrança da criança parece pairar por tôda parte impregnando de tristeza o ambiente. O circo chega à meta final: Varsóvia. Um dia, Mário e Jean estão percorrendo as ruas de Varsóvia, e vão ter às ruínas do "abrigo"... Neste momento os pais de Jean se aproximam... Solange se dirige à criança e a acaricia. A voz do coração e do sangue desperta-lhe veemente atração e a esposa de Geo, sentiu-se, desde então, levada por um sentimento de amor pela criança e nunca mais a abandonou...

SEM DIZER QUE TINHA SIDO OFICIAL MÁRIO CONTA COMO FUGIU TRAGICAMENTE DE VARSÓVIA COM JEAN NOS BRAÇOS...





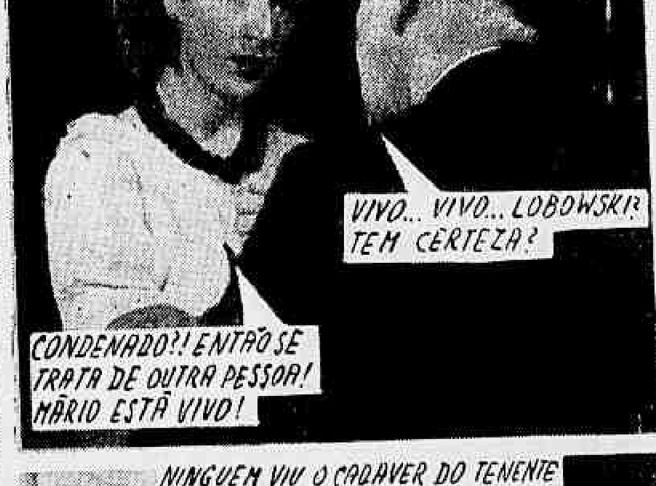














ZAIRA SEGUE A LISTA DOS ENDEREÇOS. UNS NÃO CONHECEM MÁRIO, OUTROS FORAM MORTOS E SUAS CASAS DESTRUIDAS. MAS FINALMENTE...

65

COMO DISSE! COMO SE CHAMA A PESSOA QUE LHE MANDOU?

CHAMA-SE MÁRIO LOBOWSKI: SE O SENHOR FOI O MÉDICO QUE O ATENDEU, ÊLE TEM NECESSIDADE DE FALAR-LHE?

DESEJA FALAR-ME, PORQUE NÃO VEIO?

É CEGO E LEVARIA MUITO TEMPO PARA LHE ENCONTRAR! FUI EU QUEM PROCUROU A LISTA DE ENDEREÇOS.

66

NINGUEM VIU O CADAVER DO TENENTE MÁRIO LOBOWSKI... FOI CONDENADO E ABANDONADO NO LUGAR PELOS GUERRILHEIROS EM FUGA. ENTÃO... NÃO MORREU... SOBREVIVEU, E AGORA VOLTA!...

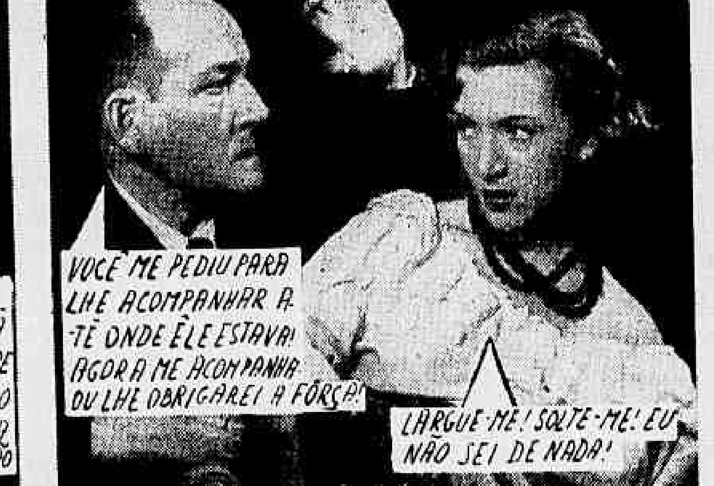
UMA IMPROVISA SUSPEITA VEM À MENTE DO ADVOGADO SKALSKI.

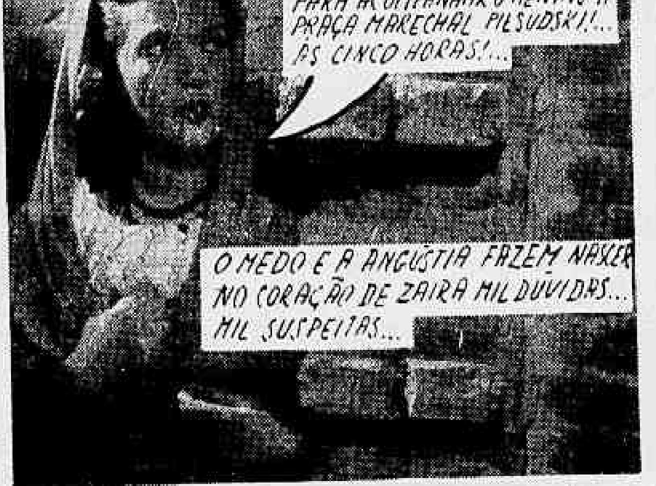
É UMA INFAMIA TUDO ISTO QUE DIZ! MÁRIO NÃO É UM TRAIDOR... E NUNCA FOI OFICIAL!...

ONDE ESTÁ ÊSSE HOMEM! DEPRESSA, CONDUZA-ME A ÊLE!

O QUE PRETENDE FAZER. NÃO SEI ONDE SE ENCONTRA... AGORA... NÃO ESTÁ EM VARSÓVIA.
















DESCENDO DA ESCADA, ZAIRA CONSEGUE ESCAPAR A TÔDA BRIDA NA DIREÇÃO DA PRAÇA PILSUDSKI...

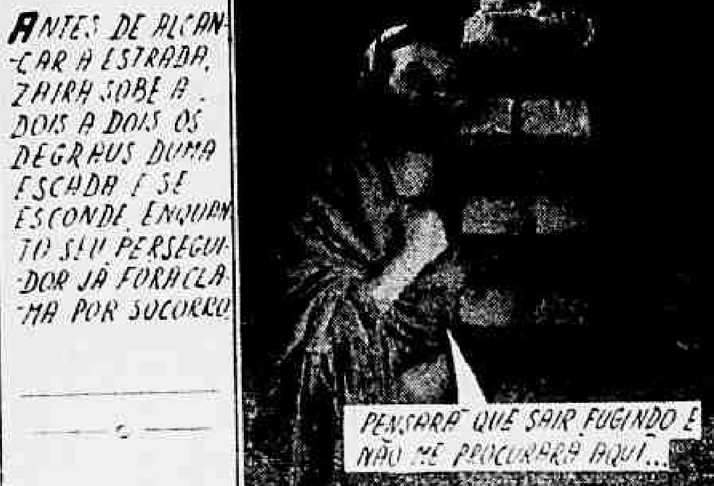






67

ANTES DE ALCANÇAR A ESTRADA, ZAIRA SOBE A DOIS A DOIS OS DEGRAUS DUMA ESCADA E SE ESCONDE, ENQUANTO SEU PERSEGUIDOR JÁ FORA CLAMA POR SOCORRO.

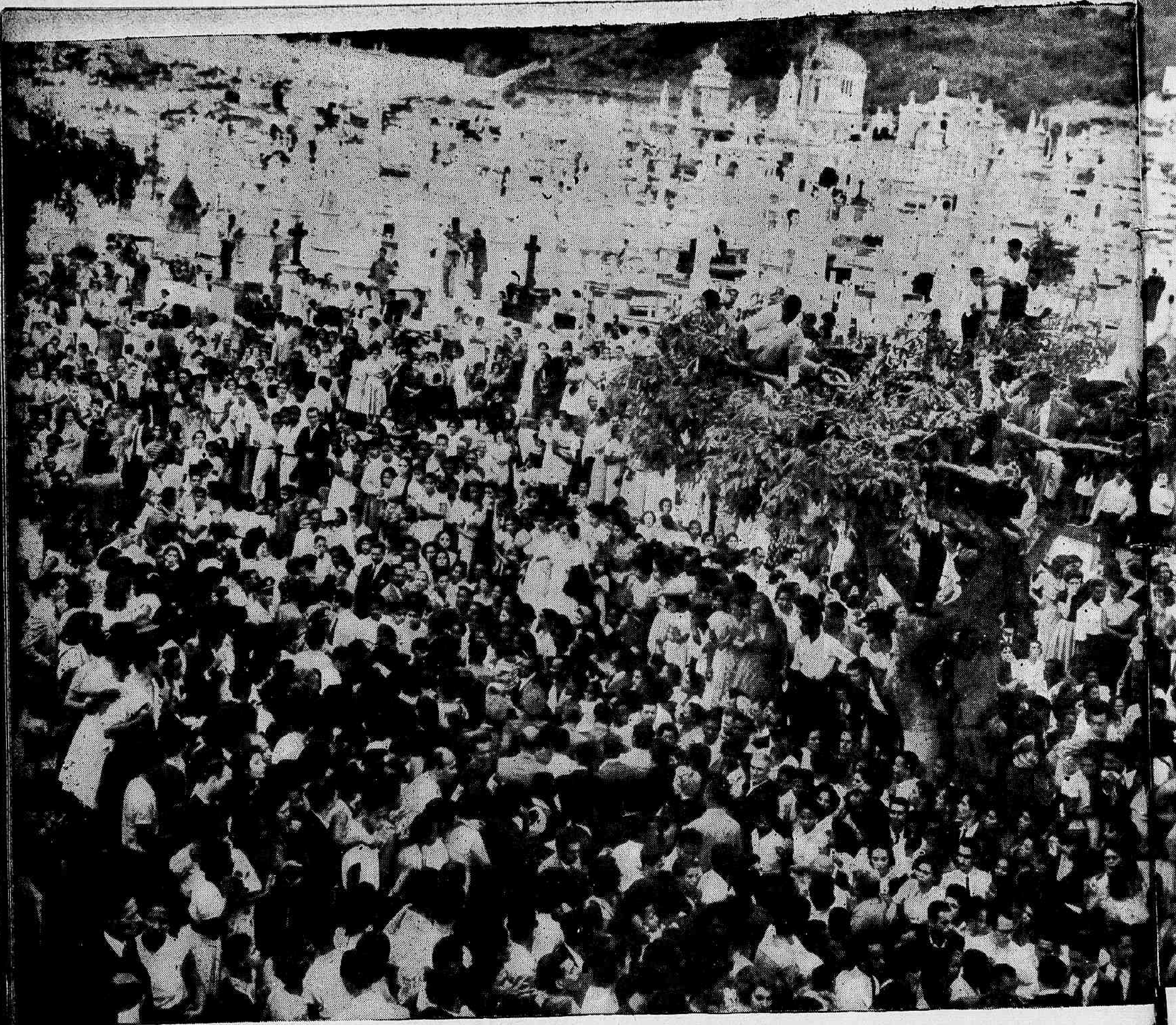






68





Por maiores que fôssem as precauções da polícia e autoridades, não foi possível impedir a invasão em massa do cemitério de São João seguiam Chico Alves à sua última morada na terra. Árvores, túmulos, jazigos, cruzes, tudo, enfim, servia de mirante ao povo, que não queria



Quanto mais alto fôr o mausoléu, tanto melhor para se poder ver. Depois, para descer...



O portão de entrada do cemitério de São João Batista ficou bloqueado pela multidão, ouvindo-se lamentações, choros convulsos, manifestações de dor. Todos queriam assistir ao sepultamento.

Batista pelos que perder um detalhe.

# FRANCISCO ALVES, VIVO

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 6)

## CHICO E O SOFRIMENTO

Recordo-me do Chico nesta mesma varanda de minha casa, de onde escrevo, à rua Miguel Pereira, o mesmo nome, aliás, do lugar onde Chico costumava veranear.

Coincidindo um dos espetáculos do Eldorcdo com o meu aniversário, o Chico Alves, Almirante, a Elisa Coelho e o Castro Barbosa (êsse mesmo da PRK-30, que antigamente cantava melodiosos sambas ao lado de Jonjoca, o hoje vereador João de Freitas) vieram à minha residência.

E ali não puderam evitar pedidos para que cantassem. Foi uma noite memorável. A vizinhança tôda ficou acordada até pela madrugada, ouvindo principalmente a voz do Chico e do seu maravilhoso violão.

Minha sogra, aproximando-se de Chico em certo momento, elogiando-lhe a voz, perguntou-lhe por que não se dedicava à arte lírica.

— Não, minha senhora, respondeu êle. Agradeço-lhe o elogio. Prefiro, porém, ser um simples cantor de música popular, mas entre os primeiros, a ser um tenor medíocre.

E tendo a minha sogra feito alusão à doçura da sua voz, Chico replicou-lhe, sorrindo:

— Isso só consegui depois de muito sofrimento.

Chico era notável. Não tendo estudado canto, era, no entanto, perfeita a técnica da sua respiração co executar as suas melodias.

## O AMIGO

Conhecia o seu valor, mas sabia dá-lo também a quem o tinha.

Certa ocasião alguém procurava fazer confronto entre uma das nossas cantoras e Carmen Miranda.

Chico explodiu com um — «Não seja bôbo!» — e ali, na presença de todos, fêz o elogio daquela artista, achando-a «absoluta», pois que «nenhuma outra sabia imprimir ao samba o ritmo que Carmen lhe dava.»

## CHICO EM BUENOS AIRES

Parece-me que a primeira viagem de Chico Alves ao estrangeiro foi a Buenos Aires.

Augusto Alvarez, proprietário do Cine Teatro Broadway, daquela cidade, havia-nos telegrafado solicitando contratar três artistas de renome para se apresentarem em o seu teatro.

Indicamos-lhe Carmen Miranda, Chico e o Mário Reis. Que a nossa sugestão foi acertada, indica o telegrama de agradecimentos de Alvarez após o estrondoso sucesso pelos mesmos alcançado naquela república irmã.

## GARDEL E CHICO

Nesse mesmo telegrama Alvarez afirmava ter entabolado entendimentos para uma futura estréia de Carlos Gardel no Eldorado.

Assentamos, então, que o Chico faria a apresentação de Gardel ao nosso público. Reuniríamos, assim, as duas maiores expressões da música popular argentina e brasileira.

Infelizmente, o desastre de aviação que vitimou Gardel em sua excursão à Venezuela, impediu-o de vir ao Brasil.

Chico era amigo de Gardel e sempre que se referia a êle dizia que não desejava ter morte semelhante à do cantor portenho.

O destino, entretanto, fêz com que ambos perdessem a vida de maneira violenta.



**Detalhe da ansiedade do povo para seu último adeus a Chico Alves. Observem na fotografia que estampamos os trepadores de túmulos...**



**Duas mãos que se unem para ajudar a subir a um túmulo para ver melhor o esquife de Francisco Alves. Note-se na fotografia a expressão de mágoa do povo neste preciso momento.**



**O túmulo de Santos Dumont, pai da Aviação, ajudou o povo a ver de mais alto o entêrro.**



A câmara ardente armada no saguão do edifício da Câmara Municipal do Distrito Federal.



Momento em que se processa o ritual católico sôbre o esquife do infortunado seresteiro nacional, quando seu corpo estava exposto no vestíbulo da Câmara de Vereadores do D. Federal.



Membros da família do pranteado extinto oram e derramam lágrimas diante da fatalidade que,



de maneira inesperada e dolorosa no Km 275 levou para a eternidade o grande cantor que



possuía a «mais bela voz do Brasil» — no julgamento abalizado do Maestro Vila-Lôbos.



**Na missa mandada celebrar pelo repouso eterno da alma de Francisco Alves, na Igreja da Candelária, vê-se Dona Célia Zenatti — terceira da esquerda para a direita — a chorar convulsamente, em companhia de outras pessoas da família do «Rei da Voz», presentes ao ato.**

### SUA CANÇÃO PREDILETA

Chico foi o cantor que gravou maior número de sucessos. Entre êstes podemos destacar: «Pé de anjo», «Ora vejam só», «Aquarela do Brasil», «Canta Brasil», «A mulher que ficou na taça», «Serra da boa-esperança», «Romance», «A malandrinha», «Lua Nova», «Não sei», «Palhaço», «A vadiagem», «Sofrer é da vida».

Também compôs várias músicas de parceria com outros autores.

«A voz do violão», de sua autoria, era, no entanto, a sua canção predileta. Foram vendidos 200 mil discos, o maior sucesso do seu vasto repertório. Essa canção era também o prefixo do seu programa dominical na Rádio Nacional.

### O SAMBA NÃO NASCEU NO MORRO

Foi dêsse tempo de convívio com Francisco Alves, no Eldorado e no Broadway, em que êle tomou parte nos programas que denominávamos «Broadway Cocktails» e a que Chico Alves se referiu em sua biografia, citando o meu irmão, que ouvi dêle e de Almirante a verdadeira história do samba.

— O samba não nasceu no morro. Os jornais é que acharam isso mais romântico e espalharam...

— Como?!

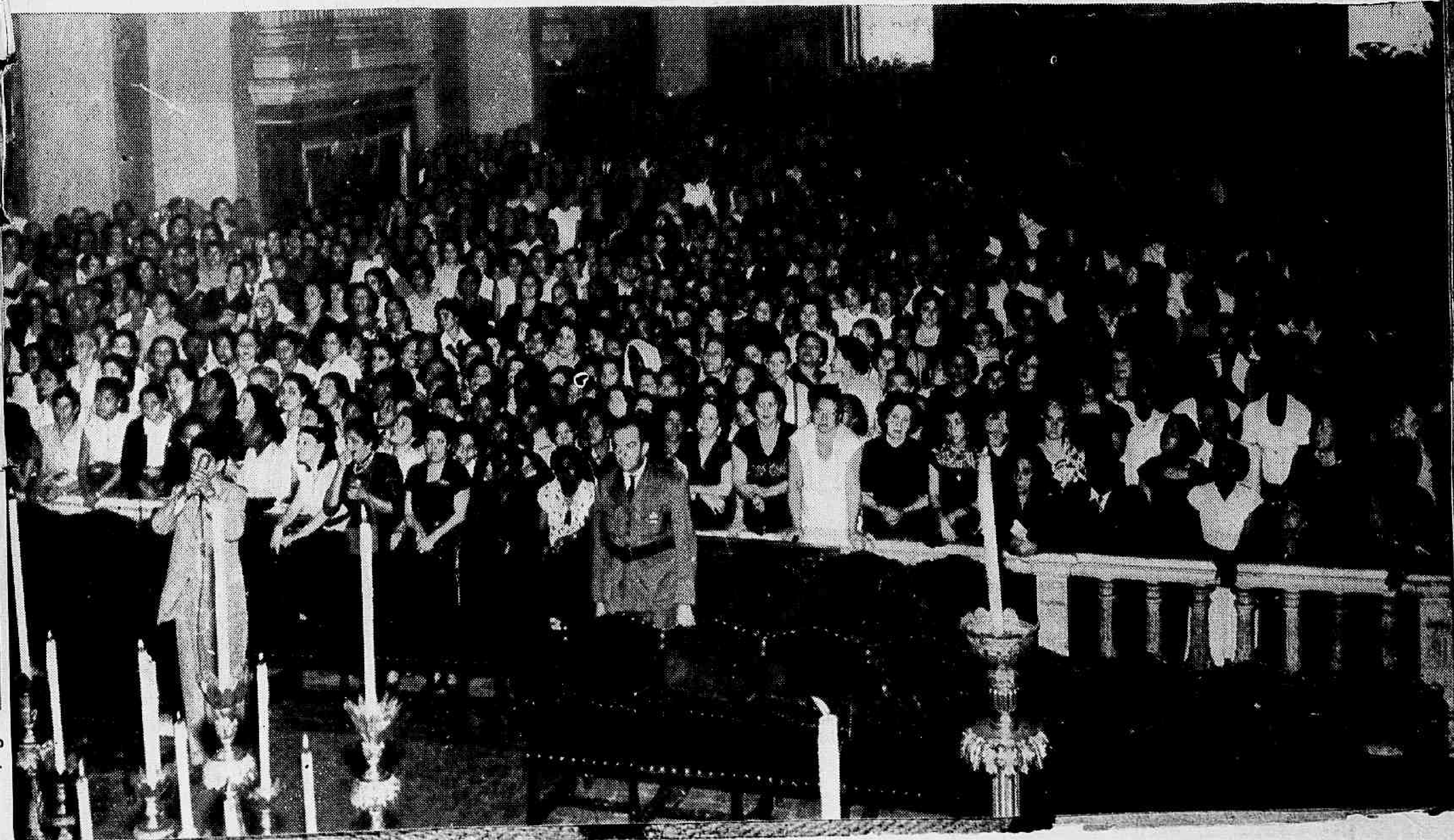
— É, o samba nasceu na cidade e depois é que eu o fiz subir o morro, dizia Chico Viola. E achava graça...

— Como foi?

— Eu conhecia do Estácio a turma tôda do morro, que descia de lá, fazia grupos, cantava serenatas, sabe como é? Também era muito camarada dos malandros da Lapa. Era companheiro dêles, porque o que nêles me seduzia era o comum amor à música popular.

**(Cont. na pág. 40)**

**Os maiores fãs de Chico Alves estavam entre o mundo feminino, como se pode observar pelo flagrante colhido no interior da igreja da Candelária, por ocasião da missa de sétimo dia, mandada celebrar por parentes e amigos naquele templo pelo descanso eterno da alma do cantor.**



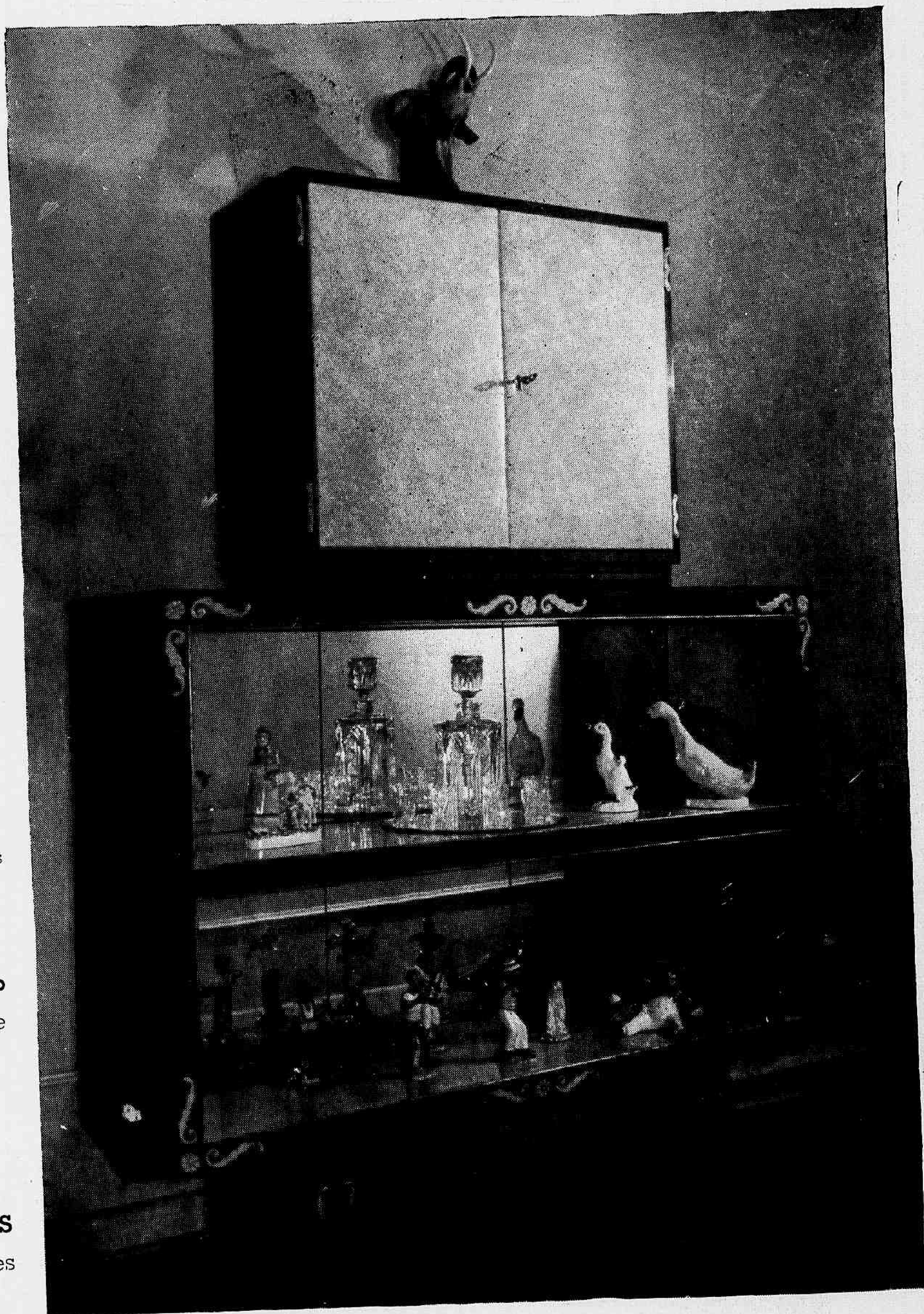


## "CÉLIA, VOCÊ E O MEU VIOLÃO SÃO A RAZÃO DE MINHA VIDA!"

COM essa frase romântica, Francisco Alves deu à Célia Zenatti, sua companheira de trinta anos, tôda a extensão de seu afeto. As duas grandes paixões de sua vida, o violão e Célia, reviverão em nosso próximo número, no depoimento emocionado e emocionante da ex-estrêla de nosso teatro, em entrevista sensacional e exclusiva para REVISTA DA SEMANA.

Tôda a história da vida íntima do grande cantor, contada, desde o primeiro encontro, quando a chama do amor crepitou nos jovens corações, sua lua-de-mel, suas lutas, suas viagens, os mais doces momentos da vida dêsse casal de artistas, desde quando ela era a estrêla bonita e jovem, querida pelas multidões, e Chico o estreante, vacilando nos primeiros passos, até o seu triunfo, quando êle lhe pediu: — **«Célia, quero-te só para mim. E' egoísmo, perdoa, mas desejo que deixes o palco para te dedicares só ao nosso carinho»**. Fotos, cartas e declarações do próprio punho do grande FRANCISCO ALVES. Leiam no próximo número: A VIDA ÍNTIMA DE FRANCISCO ALVES contada por CÉLIA ZENATTI.. Reproduzimos aqui, a pedido de milhares de admiradores de Francisco Alves, o seu mais recente retrato que foi a capa de nosso último número.

# MÓVEIS E DECORAÇÕES






Orçamentos executados por técnicos especializados

**TAPÊTES feitos à mão** de grande beleza e originalidade

**TAPÊTES e PASSADEIRAS** de forração em côres lisas e com flores

## GRUPOS ESTOFADOS

especialidade de nossas oficinas



65, rua da CARIOCA, 67 - RIO

A!''

As duas
da ex-

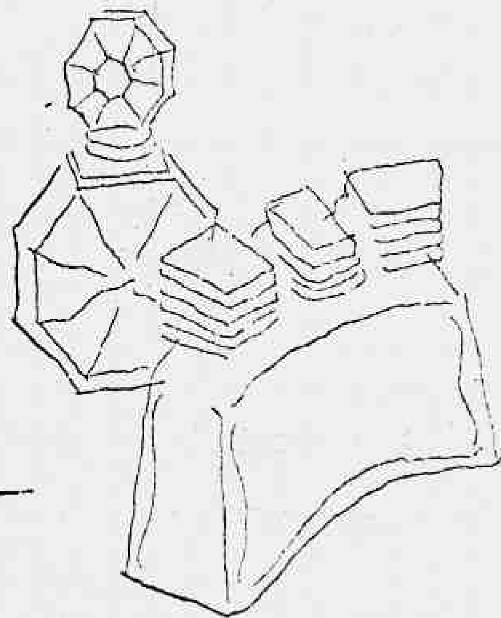
vens co-
a estrêla
ediu: —
s, cartas
ALVES
e retrato.

GRATIS

*Uma legítima consagração...*

O apurado bom gosto de uma elite consagrou os perfumes francêses como os mais finos e raros... Esse mesmo agudo senso de seleção, peculiar aos que se distinguem pela elegância, deu aos cigarros Hollywood uma insuperável tradição de alta classe.





*cigarros* **hollywood**

*uma tradição de bom gosto*




UM PRODUTO SOUZA CRUZ